



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Érica Cristina da Silva

**Construcionalização e mapeamento pancrônico da construção de
informalidade e intensificação [MóX]**

São Gonçalo

2022

Érica Cristina da Silva

**Construcionalização e mapeamento pancrônico da construção de informalidade e
intensificação [MóX]**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S586 Silva, Érica Cristina da.
Construcionalização e mapeamento pancrônico da construção de informalidade e intensificação [MóX] / Érica Cristina da Silva. – 2022. 105f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Linguística – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Língua portuguesa – Adjetivo – Teses. I. Freitas Junior, Roberto de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 801

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.



Rio de Janeiro, 28 de abril de 2022.

Assinatura

Data

Érica Cristina da Silva

**Construcionalização e mapeamento pancrônico da construção de informalidade e
intensificação [MÓX]**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 28 de abril de 2022.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior
Faculdade de Formação de Professores - UERJ



Prof.ª Dra. Júlia Langer de Campos
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

São Gonçalo

2022

Pra senhora, mãe, que sempre teve orgulho de mim...

Não foi fácil, mas a tua luz me fortaleceu. (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me permitido chegar até aqui. Nos momentos mais difíceis, Ele não me deixou desistir.

Ao meu esposo Wellington, pela compreensão quando minhas ausências eram necessárias e pela paciência em meus momentos de desespero. Você, sempre tão carinhoso e amigo, e eu, tão nervosa e preocupada, tentando dar conta de tudo e, na verdade, não dando conta de (quase) nada. Ao meu filho tão amado, tão maravilhoso, Caio. Meu melhor amigo e grande incentivador. Suas palavras ainda ecoam em meus ouvidos “Mãe, não desista! Você consegue!”. Agradeço também ao meu doguinho Rico, meu filhinho de quatro patas. Rico não me deixou sozinho em nenhum momento. Às vezes no colo, outras vezes, no chão, mas sempre ali, bem pertinho, se fazendo presente. Sem o apoio e o amor de vocês, Wellington, Caio e Rico, eu realmente não teria conseguido.

Preciso ainda fazer um agradecimento mó especial ao meu amigo Kleveland Barbosa. Kle, você foi um presente em minha vida. Fomos apresentados pelo nosso querido professor Roberto de Freitas Junior, apenas para você dar um suporte na parte do trabalho que se referia ao Latim. E a vida nos tornou amigos. Sorte a minha! Mesmo sendo tão jovem, você me ensinou tantas coisas. Foi amigo, professor, coorientador de forma não oficial (mas foi). Sempre com paciência, carinho, prontidão... Sempre com uma palavra amiga... Foram tantos momentos que chorei conversando com você... Choro de tristeza, de alegria, de desespero... E, na hora de ensinar, um professor brilhante, dedicado, dono de uma didática espetacular. Como é bom estudar com você! Kle, você é um menino muito especial e eu espero que nossa amizade seja eterna. Espero também que eu possa, brevemente, te dar um abraço e te falar o quanto você foi importante nesta jornada. Pra você, meu amigo querido, o meu muuuuuuito obrigada!!!

Agradeço também aos meus colegas de curso: Ruan, Elis, Evelyn, Hosana, João... Que caminhada, meus queridos! Eu me joguei nessa aventura chamada mestrado e encontrei pessoas maravilhosas, como vocês, que me abraçaram e incentivaram. Saibam que esse apoio foi fundamental.

Às minhas amigas Dani Rangel e Jamel Junia. Nossos laços se tornaram fortes durante o mestrado ‘tabajara’ que fizemos em Assunção, no Paraguai. Durante esse período, rimos, choramos, passamos perrengues e, a partir dessa louca aventura, nos tornamos irmãs de alma.

Que sorte eu tenho por ter vocês como amigas! Obrigada, meninas, pelo apoio, pelo carinho, pelas palavras certas na hora certa. Vocês moram no meu coração.

Por fim, agradeço aqui a quem me acolheu academicamente, me deu as pedras e acreditou que eu conseguiria sim construir o meu caminho. Foi ali, naquela aula ainda presencial, em 2019, que você disse que ‘MóX’ daria um bom estudo. Eu gostei muito da ideia e você, prontamente, aceitou ser meu orientador. Que honra e, ao mesmo tempo, que responsabilidade! Professor maravilhoso, sempre disponível. Foram horas e horas de orientação, muuuitos áudios, explicando, ensinando, incansavelmente... Sempre com o mesmo carinho. Professor Roberto de Freitas Junior, você acreditou em mim, me trouxe até aqui e aqui eu deixo uma única palavra que ‘minimamente’ (como você diz rrsr) talvez seja capaz de demonstrar todo o meu respeito, carinho e admiração por você: gratidão.

As línguas mudam o tempo todo e em todos os aspectos.

Joan Bybee, 2020, p.32

RESUMO

SILVA, Érica Cristina. *Construcionalização e Mapeamento Pancrônico da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX]*. 2022. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

O trabalho em tela parte do seguinte objetivo geral: mapear, analisar e descrever pancrônicamente os aspectos formais e funcionais de usos do adjetivo comparativo ‘maior’ (e variantes) e da partícula ‘mó’ seguidos dos elementos por eles modificados, a fim de atestarmos a hipótese de que as expressões sincrônicas do tipo ‘MóX’ são, na realidade, instanciamos de uma nova construção no PB, a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] ou construção [MóX]. Para tanto, pautamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2016, 2020; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) e na Gramática de Construções Baseada no Uso. Em se tratando de objetivos específicos, estabelecemos sete: (i) realizar uma descrição formal e funcional de ‘maior’ no latim, ‘maior’ ~ ‘maor’ ~ ‘mor’ no galego-português e ‘mor’ no português do século XX mediante dados oriundos da plataforma *The Latin Library*, do portal *Universo Cantigas* e do *Corpus do Português*, respectivamente; (ii) descrever as propriedades formais e funcionais da construção [MóX] no PB do século XXI, a partir de dados extraídos do *Twitter*, com base em Marcuschi (2007) e Foltran e Nóbrega (2016); (iii) combinar as análises realizadas nos itens anteriores, resultando numa análise pancrônica; (iv) controlar os fatores: integridade fonética, ordenação vocabular, presença/ausência de determinantes, tipos de X, semântica da construção e grau de formalidade; (v) compreender as intenções comunicativas por detrás dos usos da construção [MóX] à luz de Silva (2008); (vi) verificar as possíveis restrições colocacionais de possíveis subesquemas da construção [MóX] e (vii) propor uma rede construcional [MóX] no PB do século XXI. Quanto aos resultados, constatamos que a construção [MóX] sofre uma série de mudanças tanto na forma (redução fonética, pré-fixação nominal, expansão *host class*) quanto no significado/função (fixação do sentido intensificador e especialização do sentido pragmático de informalidade) e observamos ainda a existência de microconstruções mais emancipadas como ‘mó saudade’, ‘mó legal’, que se encontram armazenadas na memória em razão da alta frequência de uso. Com isso, comprovamos que a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] é resultante de um processo de construcionalização no PB e que se encontra em franco processo de expansão, tratando-se, portanto, de uma estrutura versátil e com alta produtividade.

Palavras-chaves: LFCU. GCBU. Construcionalização. Intensificação. Informalidade.

ABSTRACT

SILVA, Érica Cristina. *Constructionalization and Panchronic Mapping of Informality Construction and Intensification [MóX]*. 2022. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

This paper is based on the following general goal: to map, analyze and describe the formal and functional aspects of the comparative adjective 'maior' (and variants) and the particle 'mó' followed by the elements modified by them, in order to testify the hypothesis that synchronic expressions of the type 'MóX' are, in fact, instances of a new construction in BP, the Informality and Intensification [MóX] Construction, or [MóX] construction. To this end, we rely on Usage-Based Functional Linguistics (GOLDBERG, 2006; CROFT, 2001; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2016, 2020; TRAUGOTT and TROUSDALE, 2013) and Usage-Based Construction Grammar. In terms of specific goals, we set seven of them: (i) to perform a formal and functional description of 'maior' in Latin, 'maior' ~ 'maor' ~ 'mor' in Galician-Portuguese and 'mor' in 20th century Portuguese by means of data from The Latin Library platform, the Universo Cantigas portal and the Corpus do Português, respectively; (ii) describe the formal and functional properties of the [MóX] construction in 21st century BP, from data extracted from Twitter, based on Marcuschi (2007) and Foltran and Nóbrega (2016); (iii) combine the analyses performed in the previous items, resulting in a panchronic analysis; (iv) control the factors: phonetic integrity, vocabular ordering, presence/absence of determiners, types of X, semantics of the construction and degree of formality; (v) understand the communicative intentions behind the uses of the [MóX] construction in the light of Silva (2008); (vi) verify the possible collocational constraints of possible subschemes of the [MóX] construction and (vii) propose a constructional [MóX] network in 21st century BP. As for the results, we found that the [MóX] construction undergoes a series of changes both in form (phonetic reduction, nominal pre-fixation, host class expansion) and in meaning/function (fixation of the intensifying sense and specialization of the pragmatic sense of informality) and we observed the existence of microconstructions more emancipated such 'mó saudade', 'mó legal', which are stored in memory due to the high frequency of use. Thus, we prove that the Informality and Intensification [MóX] Construction is the result of a process of constructionalization in BP and that it is in a process of expansion, thus being a versatile structure with high productivity.

Keywords: LFCU. GCBU. Constructionalization. Intensification. Informality.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 –	Pareamento forma e significado/sentido segundo Croft (2001)	29
Esquema 2 –	Hierarquia construcional segundo Traugott & Trousdale (2013)	31
Esquema 3 –	Nível semântico/pragmático de [MóX]	52
Esquema 4 –	As subclassificações do sintagma X	71
Esquema 5 –	Rede de [MóX] no PB do século XXI	91
Esquema 6 –	A trajetória da construção de [MóX]	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A construção [MóX] em letras de música (funk)	56
Figura 2 – A construção [MóX] em memes	57
Figura 3 – A construção [MóX] em chats	57
Figura 4 – A construção [MóX] em gibis	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Quantitativos do Twitter - Tipos de X	72
Gráfico 2 –	SNs concretos x SNs abstratos	74
Gráfico 3 –	SAdjs prototípicos x SAdjs não prototípicos	78
Gráfico 4 –	SAdvs em construções formadas por [MóX _{SAdv}]	82
Gráfico 5 –	Recorrência dos SVs finitos por ano	85
Gráfico 6 –	Recorrência dos SVs não finitos por ano	85
Gráfico 7 –	A trajetória da construção de [MóX]	86
Gráfico 8 –	A produtividade nas construções mais emancipadas	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Continuum de construções gramaticais	23
Quadro 2 –	Dimensões passíveis de análise na construção	32
Quadro 3 –	Propriedades/parâmetros da construção [MÓX]	34
Quadro 4 –	Adjetivos intensificadores x ‘Mó’	49
Quadro 5 –	Prefixos intensificadores x ‘Mó’	50
Quadro 6 –	Dados do latim	65
Quadro 7 –	Dados do galego-português	66
Quadro 8 –	Dados do Português do século XX	68
Quadro 9 –	Resumo das propriedades da estrutura Maior X e suas variantes	69
Quadro 10 –	Alguns dados da CxN [MÓX _{SN}] coletados do Twitter	75
Quadro 11 –	Alguns dados da CxN [MÓXSAdj] coletados do Twitter	78
Quadro 12 –	Alguns dados da construção [MÓX _{SADV}] coletados do Twitter	82
Quadro 13 –	Alguns dados da CxN [MÓXSV] coletados do Twitter	86
Quadro 14 –	Construções mais emancipadas por ano	90
Quadro 15 –	Integridade fonética da construção	92
Quadro 16 –	Ordenação dos itens	93
Quadro 17 –	Determinantes	93
Quadro 18 –	Categorias de X	94
Quadro 19 –	Sentido da construção	94
Quadro 20 –	Contexto comunicativo	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Frequência de tipo e de ocorrência de X	71
Tabela 2 –	Tipos de X - Subclassificação por ano	72
Tabela 3 –	Quantidade de SNs concretos e abstratos por ano	74
Tabela 4 –	Quantidade de SAdjs prototípicos e não prototípicos por ano	77
Tabela 5 –	Quantidade de SAdvS de tempo, de modo e de intensidade por ano	81
Tabela 6 –	Quantidade de SVs finitos e não finitos por ano	84
Tabela 7 –	Frequência token das construções mais emancipadas	88
Tabela 8 –	Construções mais emancipadas por ano	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A-N	Adjetivo-Nome
CxN	Construção
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
P	Página
PP	Páginas
PB	Português do Brasil
PCDG	Processos Cognitivos de Domínio Geral
SAdj	Sintagma Adjetival
SAdv	Sintagma Adverbial
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	17
1	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
1.1	A Linguística Funcional Centrada no Uso	21
1.2	A Gramática de Construções Baseada no Uso	22
1.2.1	<u>Os processos cognitivos de domínio geral</u>	24
1.2.1.1	A categorização	25
1.2.1.2	A memória rica	25
1.2.1.3	O chunking	26
1.2.1.4	A analogização	27
1.2.2	<u>A noção de construção</u>	28
1.2.2.1	A construção	28
1.2.2.2	A construção e respectivos níveis esquemáticos	30
1.2.2.3	Tamanho, especificidade fonológica e conceptualização da construção	31
1.2.3	<u>A mudança linguística</u>	32
1.2.3.1	A mudança construcional e a construcionalização	33
2	REVISÃO DA LITERATURA	36
2.1	Silva (2008)	36
2.1.1	<u>A função ideacional</u>	37
2.1.2	<u>A função interpessoal</u>	37
2.1.3	<u>A função textual</u>	39
2.2	Foltran e Nóbrega (2016)	40
2.2.1	<u>CrITÉrios de identificação de adjetivos intensificadores</u>	41

2.2.2	<u>Critério de identificação de prefixo intensificador</u>	47
2.2.3	<u>‘Mó’: adjetivo intensificador, prefixo intensificador ou partícula integrante da construção [MóX]?</u>	48
2.3	Marcuschi (2007)	53
3	METODOLOGIA	56
3.1	A pesquisa	56
3.2	Por que o Twitter?	60
3.2.1	<u>A coleta de dados no Twitter</u>	61
3.3	A análise pancrônica	62
3.4	O tipo de abordagem da pesquisa	62
4	RESULTADOS	64
4.1	Possível Trajetória de Mudança da Construção [MóX]	64
4.1.1	<u>No latim</u>	64
4.1.2	<u>No galego-português</u>	66
4.1.3	<u>No português do século XX</u>	67
4.2	A construção [MóX] no PB contemporâneo - Século XXI (2007 até 2021)	70
4.2.1	<u>A construção [MóX_{SN}]</u>	73
4.2.2	<u>A construção [MóX_{SAdj}]</u>	77
4.2.3	<u>A construção [MóX_{SAdv}]</u>	80
4.2.4	<u>A construção [MóX_{SV}]</u>	83
4.2.5	<u>As construções mais emancipadas</u>	87
4.3	Cruzamento da análise e apresentação dos resultados	92
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

Expressões como ‘mó saudade’, ‘mó legal’, ‘mó relembrando’, ‘mó mal’ têm sido usadas cada vez mais em situações de fala e de escrita no Português do Brasil (PB). Aparecem em contextos situacionais de intensificação e informalidade, notadamente, em interações não só entre crianças e adolescentes, mas também entre adultos, principalmente nos bate-papos das redes sociais. Figuram também nos chamados ‘memes’¹, nas letras de música, nas histórias em quadrinhos, entre outros gêneros informais.

Tendo isso em vista, o objetivo geral deste trabalho é investigar, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), seguindo o aporte teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), a possibilidade de formação do que será denominada aqui de Construção de Informalidade e Intensificação [MÓX], ou seja, um caso de construcionalização no PB. Assim postulamos, porque partimos da hipótese de que tal estrutura tenha sofrido mudanças tanto no polo da forma (por formação de *chunk*, erosão fonética e expansão *host class*) quanto no do significado (por fixação do sentido de intensificação e de informalidade). Em outras palavras, descartamos a possibilidade de ter ocorrido um conjunto de mudanças apenas no polo da forma, ou apenas no polo do significado, configurando somente mudanças construcionais. Na verdade, acreditamos que processou-se, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), um caso de construcionalização no PB. Assim, em nosso trabalho, para alcançar o objetivo geral e verificar a hipótese em foco, sete objetivos específicos foram estabelecidos, todos descritos a seguir.

O primeiro deles foi realizar uma análise descritiva dos aspectos formais e funcionais da trajetória evolutiva da, então, possível construção, com base em ocorrências do latim, observadas na plataforma *The Latin Library*; do galego-português, observadas no portal *Universo Cantigas* e do português do século XX, obtidas no *Corpus do Português*. Como hipótese, entre outras, acreditamos que a partícula ‘mó’ se originou, inicialmente, do adjetivo ‘maior’ - grau comparativo - e que evoluiu de modo mais integrado ao seu elemento sucessor, formando um *chunk*, da seguinte forma: ‘maior’ > ‘maor’ > ‘moor’ > ‘mor’ > ‘mó’. Essas seriam as mudanças do polo formal da discussão que tangenciam à maior ou menor integridade fonética da palavra/partícula em questão. Ainda, observamos aspectos formais

¹ “Na internet, a expressão “meme” é usada para se referir a qualquer informação que viralize, sendo copiada ou imitada na rede. Geralmente esses memes são imagens, vídeos ou gifs de conteúdo engraçado, e que acabam se espalhando na internet por meio das redes sociais ou fóruns”. Informação extraída em 11/05/2021, do site www.dicionariopopular.com

como a ordenação vocabular, a presença/ausência de determinantes à esquerda de maior (e variantes) /mó e a natureza categorial dos sintagmas que configuram a posição à direita desses itens. Ademais, analisamos a possibilidade de mudanças do significado veiculado ao longo do tempo pela provável construção em foco. O objetivo de traçar tal percurso diacrônico dos itens em questão foi formulado pelo entendimento de que só é possível afirmar se houve (ou não) alguma mudança linguística, seja na forma, seja no sentido (mudança construcional), ou em ambos (construcionalização), depois de analisarmos a historicidade da construção.

O segundo objetivo foi fazer um mapeamento descritivo dos aspectos formais e funcionais dos usos, de expressões com 'mó' no século XXI (de 2007 a 2021), com base em 800 ocorrências extraídas do *Twitter*². Assumimos, neste ponto, a hipótese de que a estrutura sofreu especialização de uso em contextos situacionais de informalidade³, além de apresentar a fixação do sentido de intensificação, metaforicamente estendido e herdado do papel de comparativo do item 'maior', da qual se origina. Assim, foram observados, no plano funcional, fatores como a formalidade, a natureza semântica do item X, além da própria natureza semântica (pragmática) da construção sobre a questão da intensificação. O intuito aqui foi demonstrar que, em conjunto com as demais alterações no polo formal, tais mudanças corroboram com a ideia de surgimento de um novo nó na rede construcional do PB.

O terceiro objetivo proposto foi realizar a combinação entre as análises feitas nas duas fases iniciais da pesquisa, ou seja, analisar e confrontar os dados do latim até os do *Twitter*, gerando uma análise pancrônica. Entendemos que, por meio desta combinação de análises, seja possível observar a transformação da construção em foco e atestar, assim, entre outros aspectos, sua construcionalização. Esta é evidenciada pela expansão da estrutura, notadamente, em relação às preferências colocacionais, bem como a extensão metafórica que possibilitou a passagem do sentido comparativo do item 'maior' para o de intensificador e em contexto de informalidade, identificado na nova construção. Tal procedimento se mostrou fundamental para atestarmos, tal como aconteceu, esse caso de mudança linguística, de construcionalização no PB.

² “O Twitter é uma rede social e um serviço de microblog para comunicação em tempo real usado por milhões de pessoas e organizações. Usuários do Twitter ficam interconectados ao publicar atualizações ao site, conhecidas como “Tweets”, para compartilhar, trocar e descobrir informações”. Informação extraída, em 03/12/2021, do site <https://www.lenovo.com/br/pt/faqs/pc-faqs/que-e-twitter/#:~:text=O%20Twitter%20é%20uma%20rede,compartilhar%2C%20trocar%20e%20descobrir%20informações>.

³ Compreendemos aqui como 'contextos situacionais de informalidade' os canais em que a língua pode ser utilizada pelos falantes de acordo com o grau de afetividade entre eles, sem que estejam preocupados com regras e exceções gramaticais, ou seja, a língua usada sem qualquer tipo de monitoramento. Os falantes, neste caso, utilizam o que conhecemos como registro informal da língua.

O quarto objetivo foi fazer uma análise observando os diferentes períodos de tempo, envolvendo fatores como: semântica da construção, ordenação, integridade fonética, grau de formalidade, tipo de X e determinantes. Em nosso entendimento, tal análise é fundamental para constatar as várias mudanças, tanto na forma quanto no significado, sofridas ao longo do tempo, pela construção em estudo.

O quinto objetivo proposto foi realizar, durante a análise descritiva dos dados, um confronto entre a teoria de Silva (2008) que trata de intensificação, intencionalidade e interação verbal, de Foltran e Nobrega (2016) que tratam de traços de natureza intensificadora e de Marcuschi (2007) que trata de informalidade.

O sexto objetivo foi verificar a possibilidade de restrições construcionais de possíveis subesquemas da construção [MóX]. Por meio da análise dos dados, verificamos que, anteriormente, a estrutura apresentava certa restrição semântica voltada para SNs. Nossa hipótese é a de que a construção, no século XXI, presente, em virtude de suas mudanças tanto no polo da forma quanto no polo do significado, ampliação da classe hospedeira, permitindo a expansão *host class*.

Finalmente, apresentamos o sétimo objetivo que se propôs a elaborar uma rede construcional refletindo uma possível organização gramatical do PB, no que tange à construção [MóX]. O intuito aqui é o de constatar, por meio da rede, principalmente, as construções consideradas como mais emancipadas e, para além disso, a emergência da construção [MóX] como um novo nó na rede, que se cristalizou por meio de mudança linguística no âmbito da construcionalização.

Em suma, em nível de resultados, observamos que sincronicamente ‘mó’ se torna, ao longo da diacronia do PB, parte integrante de um *chunk* que encapsula, ao mesmo tempo, a semântica/pragmática de intensificação e de informalidade, especificando elementos não apenas nominais, que configuram o *slot* (X) dessa construção, tal como na representação [MóX]. Igualmente, a relação de baixa composicionalidade formal e funcional da expressão [MóX] e tais sentidos convencionalizados, segundo a própria definição de construção (GOLDBERG, 1995; 2006), portanto, evidenciam a emergência dessa construção no PB. Atestamos, ainda, a fixação da ordenação vocabular dos elementos do item em questão, caráter decorrente do processo de *chunking* atuante no curso da mudança.

Na sequência, apresentamos os pressupostos teóricos que delimitam a pesquisa, a revisão da literatura que traz a leitura da teoria de Silva (2008), de Foltran e Nobrega (2016) e

de Marcuschi (2007), além do passo a passo da metodologia e, posteriormente, a análise dos resultados e considerações finais.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A Linguística Funcional Centrada no Uso

Para ilustrar a teoria e justificar nossa linha de investigação, a LFCU, iniciamos com algumas definições e esclarecimentos acerca do termo ‘funcionalismo’ e, em seguida, sobre a própria LFCU. O termo ‘funcionalismo’ passou a ser muito usado nos anos 70, nos Estados Unidos, por pesquisadores, como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, para rotular seus trabalhos, que tinham como base o papel da experiência do uso linguístico para a formação da gramática. Segundo Furtado da Cunha (2011, p. 163), o uso contínuo de tal nomenclatura o foi entendido como uma resposta aos trabalhos gerativistas e estruturalistas desenvolvidos à época, fundamental para o advento da Linguística Funcional.

Nesta pesquisa, a escolha pela abordagem funcionalista tem sua explicação resumida basicamente nas palavras de Furtado da Cunha (2011, p.157), quando a autora afirma que tal corrente procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas. Nesse sentido, o funcionalismo, diferentemente do formalismo, sobrepõe a função à forma e postula que o ato comunicativo tem papel predominante.

Em se tratando da LFCU (*Usage-Based Linguistics*, na literatura norte-americana), além de analisar a língua no seu uso real, tal vertente tem em conta ainda outros conhecimentos de ordem cognitivista, construcionista, sociolinguística, entre outros. Segundo Freitas Jr e Cezario (2020, p.6), a LFCU: “apresenta também perspectivas e abordagens que – sob o escopo do termo Linguística Centrada no Uso e seus inúmeros modelos – contribuem para um novo pensar da natureza da linguagem, que abarca a perspectiva funcionalista”.

De fato, consoante Cezario e Furtado da Cunha (2013), a LFCU de Barlow & Kemmer (2000) e a de Bybee (2010, 2011, *apud* Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013, p.15) têm como princípio basilar demonstrar a emergência da língua conforme o uso. Por isso, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p.15) reconhecem que essa vertente teórica procura essencialmente trabalhar dados reais inseridos em contextos efetivos de comunicação.

Para além disso, nas análises, a referida corrente considera tanto fatores extralinguísticos e situacional-comunicativos quanto fatores cognitivos, notadamente, a representação mental do sistema linguístico, o que a torna, podemos afirmar, uma ‘Linguística Funcional-Cognitiva’. Nesse viés, Bybee (2016) trabalha com a hipótese de que habilidades

cognitivas não especificamente linguísticas são extremamente importantes para explicar o conhecimento linguístico, tais quais o processo de analogização, de categorização, de memória rica, de *chunking* etc., conceitos estes que coadunam com os objetivos determinados para o presente trabalho.

Na presente seção, realizamos uma breve referência ao Funcionalismo e à sua versão mais recente, a LFCU. No atual estado da arte, para além do uso e da função, a vertente teórica assume também, nas investigações empreendidas, princípios cognitivos e sociocomunicativos. A seguir, discorreremos sobre a Gramática de Construções Baseada no Uso e a importância de realizarmos nosso estudo à luz desse modelo de gramática.

1.2 A Gramática de Construções Baseada no Uso

Para realizarmos esta pesquisa, assumimos as premissas da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Entendemos, de acordo com Bybee (2016, p.30), que qualquer experiência linguística é válida para pesquisas pautadas nos pressupostos da GCBU ocorrerem: dados de linguagem infantil, experimentos psicolinguísticos, pesquisas com foco em intuições dos falantes, a distribuição de itens em *corpora*, processos de mudança linguística etc. Isso porque todas essas ‘experiências’ são fontes viáveis de representações cognitivas e dão origem a dados, contanto que se compreendam os diferentes fatores que operam em cada ambiente.

Além disso, consoante Hopper (1991, *apud* Gonçalves *et al* 2015, p.75), a gramática de uma língua é sempre emergente nesse modelo, ou seja, surgem constantemente novas funções/valores/usos para formas já existentes. Na mesma esteira, Martelotta, Votre e Cezario (1996, p.6) entendem a gramática como um ‘sistema adaptativo’, de sorte que ela nunca é estática nem está acabada. A gramática é, pois, emergente e dinâmica, materializando-se mediante pressões do uso, as quais modificam a configuração dela.

Assim, é aceitável pensarmos no surgimento da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], doravante Construção [MóX], com novos valores e usos, a partir de uma forma já existente: Maior X. Evidências disso são as mudanças que a última sofreu no plano da forma: redução fonética, preferências colocacionais (recrutamento de advérbios, adjetivos e verbos, para além de substantivos) e no plano de sentido: especialização da pragmática de intensificação, particularmente, no contexto situacional de informalidade.

Nesse ponto, cabe ressaltar que a LFCU e a GCBU apresentam algumas afinidades, como a investigação da gramática com base no uso. Dessa forma, ambas entendem a linguagem como sendo concebida por processos cognitivos e pelo contexto sociointeracional, ou seja, a partir do uso real da língua.

Ainda a respeito dos conceitos basilares da GCBU, Ely e Snichelotto (2020, p.134) afirmam que tal modelo compreende a unidade básica de conhecimento linguístico a partir do conceito de construção, isto é, itens que espelham uma correspondência simbólica, convencionalizada, entre forma e significado. Além disso, tal unidade mínima se revela empiricamente pelos construtos, ocorrências discursivas que as instanciam.

Ainda para a GCBU, as construções podem variar, entre outros aspectos, quanto à sua natureza [+/- lexical/gramatical], conforme se constata no quadro de Pinheiro (2016), abaixo:

Quadro 1 – *Continuum* de construções gramaticais

TIPO DE CONSTRUÇÃO	EXEMPLO
Palavra	Árvore
Expressão fixa	bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: <i>rearrumar, refazer</i>)
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê (ex: <i>que mané férias; que férias o quê</i>)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: <i>Réver cabeceou a bola</i>)
Padrão entoacional	Ascendente

Fonte: Pinheiro (2016, p.23)

Nesse sentido, em vez de separados rigidamente, os conceitos de ‘léxico’ e de ‘gramática’ correspondem a um *continuum*. No caso da nossa pesquisa, a estrutura em foco corresponde a um esquema semipreenchido, uma vez que possui uma parte preenchida (‘mó’) e um *slot* X e que apresenta, ao mesmo tempo, características gramaticais, pois geram expressões na língua, e características lexicais, por se constituir em um item de caráter mais idiomatizado.

Cabe notar ainda que, para o modelo da GCBU, as construções não estão aleatoriamente organizadas ou em forma de lista, mas estão ligadas umas às outras numa rede com nós, cada qual representando uma construção. Essa rede, em sua totalidade, corresponde

ao conhecimento linguístico do falante, o chamado *construct-i-con*⁴. Nela, as construções se relacionam por diversos tipos de *links*, dentre eles, por semelhança (e dissemelhança) de forma e/ou significado, como veremos adiante.

1.2.1 Os processos cognitivos de domínio geral

Outra premissa relevante da GCBU é o fato de ela entender e reconhecer o papel das habilidades cognitivas não especificamente linguísticas como determinantes para descrever o conhecimento linguístico no âmbito da aquisição, bem como no da mudança. O referido modelo de gramática opera diretamente com os Processos Cognitivos de Domínio Geral (PCDG).

Nesse sentido, Bybee (2016), especificamente, aponta que processos cognitivos de ordem não linguística - como a analogização, o *chunking*, a associação transmodal, a categorização, a memória rica e seus efeitos de frequência - são necessários para a aquisição do conhecimento linguístico. Rosário e Oliveira (2016, p.234), por sua vez, postulam que a estrutura linguística é forjada na experiência, tanto histórica quanto cotidiana, e deriva de PCDG. Já Freitas Junior *et al.* (2020, p.5) acrescentam que tais processos devem ser levados em conta juntamente com a experiência linguística e com o impacto da frequência de uso.

Nesse viés, o ato de categorizar os itens por similaridades, fazer inferências por extensões metafóricas, estabelecer correspondências analógicas por associações e formar *chunks* por automatização são comportamentos inatos do ser humano e este, à medida que vivencia novas experiências linguísticas (ou não linguísticas), aumenta sua capacidade cognitiva. Assim, a partir de agora, abordaremos alguns PCDG, uma vez que eles ajudarão a constatar a possível cristalização da construção [MóX]. Os PCDG a serem tratados são, nesta ordem, os seguintes: categorização, memória rica, *chunking* e analogização (BYBEE, 2016, 2020).

⁴ De acordo com Pinheiro (2016, p.26), "*constructicon* – uma mescla vocabular bastante útil que resulta da fusão das palavras inglesas "*construction*" (construção) e "*lexicon*" (léxico)". *Constructicon* é a "fusão" de *construction* e *lexicon*, justamente para indicar a fronteira difusa entre gramática e léxico.

1.2.1.1 A categorização

De acordo com Lucena (2017, p.572), a categorização está diretamente relacionada à memória, um processo básico da cognição. Trata-se de uma ação mental automática, inerente à experiência humana, pela qual o cérebro recorta e classifica tanto eventos quanto objetos, agrupando-os em categorias por similaridade, dissimilaridade e observando, segundo Lakoff (1987), a presença / ausência de traços mais ou menos gerais.

Dessa forma, verificamos que, em usos colocacionais de ‘maior X’ e até mesmo no padrão mais sincrônico [MóX], o *slot* X apresenta algumas preferências e restrições em relação ao item que pode preenchê-lo. Por hipótese, acreditamos que, em se tratando de [MóX], há uma predileção por itens nominais. Em outras palavras, o falante de PB sabe, historicamente, que, na posição X do esquema, prototipicamente, a categoria é composta por elementos nominais modificados pela partícula ‘mó’. Veremos mais à frente que, no curso da construcionalização da construção [MóX], há uma recategorização de tal *slot*, na medida em que se ampliam as possibilidades categoriais emergentes nesse contexto.

Visto como acontece o ato de categorizar, passemos ao conceito de ‘memória rica’, um PCDG tão importante quanto a categorização.

1.2.1.2 A memória rica

A memória é um processo ativo e funciona o tempo todo organizando nossas experiências e transformando-as em conhecimento adquirido. Acerca disso, Bybee (2016, pp. 35 e 36) detalha que:

Representações por um feixe de exemplares são representações de memória enriquecida; elas contêm, ao menos potencialmente, toda a informação que o usuário da língua pode perceber na experiência linguística. Essa informação consiste de detalhe fonético, incluindo traços redundantes e variáveis, de itens lexicais e construções usados, de significado, de inferências feitas a partir deste significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico.

Em suma, as pessoas se comunicam, entre outros aspectos, (re)formando padrões (isto é, memorizando-os) a partir das múltiplas experiências com o uso da língua. A memória rica

permite, pois, a retenção de detalhes da experiência linguística do falante que podem ser adicionados ao *constructicon*. A depender do tempo durante o qual essas informações ficam armazenadas, classificamos a memória como de curto prazo ou longo prazo. Igualmente, itens armazenados podem “desbotar” (serem apagados) se não forem relevantes ou reforçados a partir da experiência.

Com base na GCBU e na frequência de itens específicos que supostamente instanciam a construção [MóX], entendemos que alguns usos da estrutura em foco poderiam ser considerados, na verdade, como instanciações de construções mais emancipadas em relação ao padrão mais regular, a construção esquemática [MóX]. Itens frequentes como ‘Mó saudade’, ‘Mó tempão’, ‘Mó preguiça’, ‘Mó legal’, uma vez que apresentam alta frequência de uso, poderiam evidenciar a emergência de novos padrões construcionais, fenômeno previsto pela atuação do PCDG da memória rica.

Em resumo, postulamos que, pela memória rica, além da própria construção [MóX], certas estruturas foram recentemente formadas no PB. Tratam-se de exemplares estocados mentalmente, envolvendo conhecimento gramatical, semântico e pragmático de usos linguísticos específicos e produtivos. A seguir, apresentaremos o conceito de ‘*chunking*’, bem como a relação entre esse PCDG e o nosso objeto de estudo.

1.2.1.3 O chunking

Quanto ao *chunking*, Bybee (2016, p.65) assegura que esse mecanismo cognitivo é acionado pela repetição e auxilia o processamento linguístico na medida em que reúne informações, facilitando as interpretações e, por vezes, permitindo a modificação de sentidos. A autora afirma que, se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma, por exemplo. Notadamente, o *chunking* se dá quando um grupo de palavras é pronunciado como um único bloco, formando cognitivamente uma única unidade sonora. Em decorrência disso, o significado não emerge da soma das partes (composicionalidade, como será detalhado adiante), mas sim do todo. Pinto, Alonso e Cezario (2013, p. 53) assim definem *chunks*:

Os *chunks* possuem diferentes *status* na memória. Eles enquadram-se num *continuum* que vai de palavras que às vezes são usadas juntas, cujas partes internas são mais fortes que o todo... *chunks* que são sintagmas gramaticalizados, que

perderam sua estrutura interna e a identificabilidade de suas partes constituintes, como ocorreu com as formas do futuro simples (amar hei > amarei).

No caso da construção em estudo, a partícula ‘mó’ isoladamente não forma nenhuma construção que tenha sentido. Por isso, afirmamos que a construção [MóX] parece estar armazenada na mente do falante como um único bloco, constituindo, assim, um *chunk*. Com isso, a leitura pragmática de intensificação e informalidade não se mostra composicional, isto é, previsível a partir apenas da computação de ‘mó’ com o elemento ‘X’, como veremos mais à frente.

Dito isso, passemos à *analogização*, próxima habilidade não especificamente linguística que apresentaremos. Trata-se de um processo de domínio geral de extrema importância para explicarmos a produtividade da construção em estudo.

1.2.1.4 A analogização

Outro PCDG é a analogização, também pela qual se formam novas estruturas ou são fortalecidas construções pré-existentes. Trata-se da capacidade natural de fazer inferências, comparações e associações para habilitar novos conhecimentos, no caso linguístico, e novas construções. Assim, segundo Bybee (2010, *apud* Lucena 2017, p.574), o falante deve produzir um elemento com base em outro pré-existente, previamente experienciado e convencionalizado.

Por tal viés, nesta pesquisa, observamos diacronicamente a alta frequência de construções como ‘Mó saudade’ e ‘Mó legal’, que nos levam a deduzir que outras tantas, identificadas sincronicamente, possam ter surgido também em decorrência do processo de analogização, tendo como base aquelas construções mais recorrentes nos dados. Alguns exemplos de usos mais recentes são ‘Mó tempão’, ‘Mó vontade’, ‘Mó show’, ‘Mó peitão’, ‘Mó onda’, ‘Mó bonito’, ‘Mó feio’, ‘Mó bom’, ‘Mó bem’, ‘Mó agora’, ‘Mó conectando’ etc. -

Nessa esfera, tendo por base o papel do PCDG da analogização, entendemos que a frequência de uso é um fator determinante no que diz respeito ao aumento da classe hospedeira, permitindo, portanto, seu alargamento e, por conseguinte, a produtividade e a expansão das estruturas linguísticas. Na seção seguinte, apresentaremos a definição de construção a partir de perspectivas diversas de linguistas renomados.

1.2.2 A noção de construção

Existem várias definições para ‘construção’. No entanto, a mais comum entre elas é a de que construções são pareamentos de forma e significado, gradientes em termos de apresentarem uma natureza gramatical ou lexical.

Nossa pesquisa se pauta exatamente nesse consenso. Para fortalecê-lo, mostraremos a noção de construção dada por linguistas renomados e vamos tratar ainda dos níveis taxonômicos de uma construção e suas relações. Por fim, abordaremos os fatores que são considerados como relevantes para mensurar o grau de mudança que leva ao surgimento de uma dada construção.

1.2.2.1 A construção

Goldberg (1995 *apud* Hilpert, 2014, p.11) define construção como um pareamento forma/significado ($C = \langle Fi, Si \rangle$), ressaltando que, para que um item seja realmente uma construção, é necessário que algum aspecto de Si (sentido) não seja estritamente predizível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas. Além disso, ela engloba nessa definição morfemas, palavras e expressões idiomáticas e entende construções como família de sentidos afins. A construção [MÓX], aqui retratada, reflete o ponto exposto, na medida em que as funções intensificadoras e de informalidade nela encapsuladas não são necessariamente recuperadas a partir da leitura de suas partes constituintes, mas apenas a partir do convencionalizado por sua comunidade de fala.

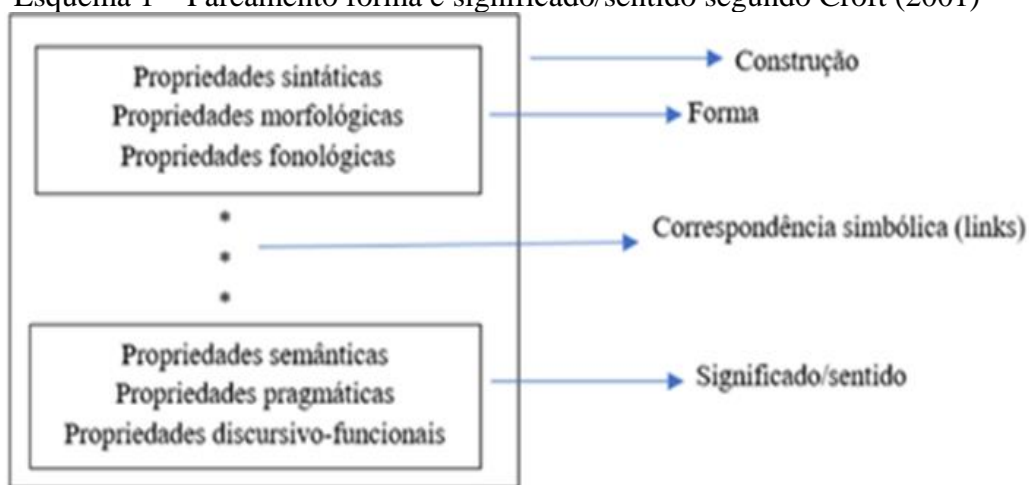
Bybee (2016, p.128), por sua vez, afirma que construção é um pareamento direto de forma e significado. No entanto, como pontos divergentes, observa que, para além de partes fixas, tais padrões frequentemente têm *slots*, posições esquemáticas que variam com relação à quantidade de itens lexicais que podem preenchê-las. Nesse sentido, a autora trata o morfema como parte integrante de uma construção e não como uma construção em si. A construção [MÓX], aqui retratada, também reflete o presente exposto. Entendemos que, para algumas perspectivas linguísticas, seria possível interpretar a partícula <mó> apenas como um prefixo intensificador, formado a partir de reduções fonológicas. No entanto, a convencionalização das funções intensificadoras e de informalidade está para além do uso da partícula e encontra-

se no uso do todo da construção [MóX], como discutimos no parágrafo anterior. Além disso, outro diferencial da autora é considerar a pragmática como parte do polo do significado, o que também nos parece relevante para a presente pesquisa, já que entendemos que as informações de sentido sincronicamente reveladas na construção são de ordem fortemente pragmática.

Já Diessel (2019), apesar de partilhar com os outros autores a visão de que construções são a combinação de um padrão particular com um significado, ele opta por aplicar tal rótulo apenas às estruturas gramaticais compostas por dois ou mais significantes, tais quais morfemas, palavras e sintagmas. Em se tratando de itens monomorfêmicos, ele os denomina como lexemas e justifica essa divisão por diferenças de processamento linguístico.

Croft (2001, p.18), por sua vez, apresenta a tese de que construções são unidades complexas que combinam forma e significado. No plano do sentido, ele inclui propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais e, no da forma, aspectos sintáticos, fonológicos e morfológicos. O esquema abaixo resume o entendimento de construção pela óptica do autor:

Esquema 1 – Pareamento forma e significado/sentido segundo Croft (2001)



Fonte: Croft (2001, p.18, *apud* Cezario e Alonso 2019, p.137)

Novamente, a conceituação de Croft dialoga com nosso entendimento da construção [MóX], por incorporar a pragmática como parte do polo do significado e por entendermos que as informações de sentido da construção são, em boa parte, de ordem pragmática.

Consideramos, assim, a visão de Croft por valorizar, para além dos aspectos semânticos, os pragmáticos e discursivo-funcionais, o que nos possibilita abordar o traço de intensificação e informalidade da construção. Pautamo-nos ainda na conceituação de Diessel por limitar a noção de construção a padrões com dois ou mais significantes, compatível com a construção em foco, composta por 'mó' e um item linguístico (SN, SAdj, SAdv ou SV). A

seguir, assumimos a contribuição dada por Traugott e Trousdale (2021) neste trabalho, uma vez que ambos definem parâmetros de mensuração da construção (esquematicidade, produtividade e composicionalidade), que permitem verificar o seu grau de cristalização.

1.2.2.2 A construção e respectivos níveis esquemáticos

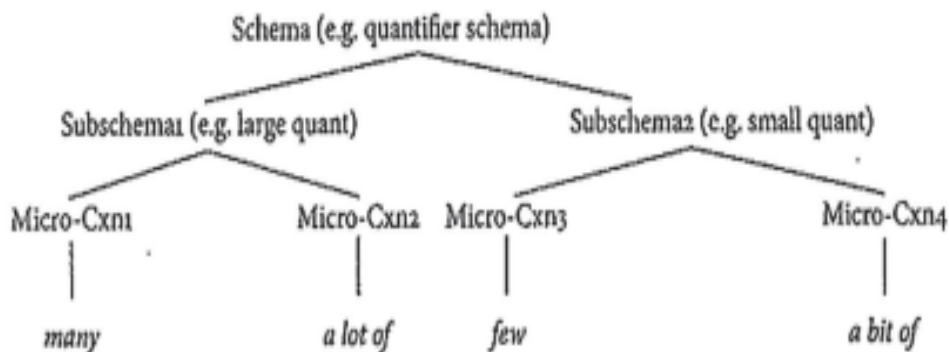
Construções são entendidas por Traugott e Trousdale (2021) como pareamentos de forma-significado e algumas podem ser representadas por meio de esquemas, quando apresentam ao menos parte de sua constituição com algum grau de subespecificação fonológica. Tais esquemas - moldes/esqueletos que abarcam hierarquicamente outros pareamentos - emergem mediante esquematização, isto é, abstração realizada a partir de ocorrências de estruturas linguísticas (construtos). Para os autores, essas representações esquemáticas variam hierarquicamente em três níveis: (a) microconstruções; (b) subesquemas e (c) esquemas.

Hierarquicamente, as microconstruções encontram-se no nível mais baixo da rede. São tipos individuais das construções, que podem ser especificados fonologicamente, concretizando-se por meio do construto individual. Por exemplo, seguindo o trabalho de Traugott e Trousdale (2021), *many*, *a lot of*, *few* e *a bit of* são microconstruções.

Os subesquemas, por sua vez, ocupam posição intermediária na rede e se referem às construções que reúnem diferentes pareamentos semelhantes entre si. No caso, "*may*" e "*a lot of*" são semelhantes por expressarem grande quantidade; ao passo que "*few*" e "*a bit of*", expressam pequena quantidade. Cada par faz parte, portanto, de um subesquema de quantificação específico.

Por fim, em posições mais altas da rede, encontram-se os esquemas, o resultado de generalizações de variadas construções. No caso do exemplo em foco, no topo da rede, há um esquema quantificador sob o qual estão abarcados *may*, *a lot of*, *few*, *a bit of* etc. Traugott e Trousdale (2013) ilustram, na figura abaixo, esses níveis esquemáticos da construção - microconstruções, subesquemas e esquemas:

Esquema 2 – Hierarquia construcional segundo Traugott & Trousdale (2013)



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.17)

1.2.2.3 Tamanho, especificidade fonológica e conceptualização da construção

Quanto ao tamanho ou à dimensão, as construções podem ser atômicas, complexas ou intermediárias. As atômicas são monomorfêmicas; as complexas são formadas por *chunks* analisáveis e as intermediárias se encontram entre as atômicas e as complexas, tendo uma parte analisável e outra não em seu interior.

O grau de especificidade fonológica, por sua vez, estabelece se uma construção é substantiva, esquemática ou intermediária. Itens que são totalmente especificados fonologicamente são classificados como substantivos. Já as construções que possuem partes abertas, não fonologicamente definidas (não preenchidas) são chamadas de esquemáticas. Finalmente, aquelas parcialmente preenchidas são as intermediárias.

Por fim, a conceptualização refere-se ao tipo de conteúdo veiculado pela construção: (lexical) ou procedural (gramatical), havendo ainda a classificação intermediária. Trata-se de uma dimensão que se refere ao grau de caráter geracional da construção, sua natureza mais ou menos gramatical. Construções esquemáticas, por exemplo, apresentam maior característica de geratividade gramatical do que construções lexicais atômicas. Assim, nomes e verbos, por exemplo, encontram-se numa dimensão mais conteudista, enquadrando-se na categoria lexical. Já construções com desinências, conectores, entre outras têm significado mais abstrato e gerativo, portanto, mais gramatical; por isso, são entendidas como procedurais. Finalmente, a conceptualização intermediária refere-se a construções que mesclam aquelas duas propriedades. Um exemplo dado por Rosário e Oliveira (2016) é o vocábulo ‘poder’, uma vez

que há nele ambas as propriedades: conteudista, por ser um verbo, e procedural, por expressar a noção abstrata de modalidade.

O quadro abaixo ilustra e resume cada uma dessas dimensões ora apresentadas:

Quadro 2 – Dimensões passíveis de análise na construção

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s(pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p.240) - Tradução de Traugott e Trousdale (2013, p.13)

Pensando na construção [MóX] e analisando suas dimensões, conclui-se que ela corresponde a uma construção complexa no que tange ao tamanho, pois tal estrutura é constituída apenas por *chunks* analisáveis. Em se tratando de especificidade fonológica, ela é intermediária, visto que não é totalmente especificada nem é integralmente esquemática: de um lado, é preenchida por 'mó'; mas por outro, conta com um *slot* X. Finalmente, quanto à conceptualização, ela se enquadra na categoria intermediária, visto que não só expressa papel gramatical (por permitir a manipulação da língua via criatividade linguística), como também veicula papel idiomático/lexical, sobretudo quanto às informações de intensificação e informalidade, uma referência convencionalizada do mundo biossocial. Além disso, há ocorrências ainda mais emancipadas (como 'mó saudade', por exemplo), com suposto maior grau de emancipação, ou mesmo com sentido próprio, quando pensamos em dados como 'mó viagem', que implica a informação idiomatizada de "pensamento pouco racional".

1.2.3 A mudança linguística

Para Bybee (2020, p.32), as línguas mudam constantemente e em todos os seus aspectos. O ponto principal de análise da mudança linguística, segundo Rosário e Oliveira (2016, p.236), reside na valorização do todo, do contexto, da relevância da experiência e do uso cotidiano. Nesse viés, os autores consideram que itens não ocorrem ou produzem sentido isoladamente e, por isso, é preciso considerar as relações contextuais.

Estudos sobre a temática mostram como as expressões surgem, evoluem e se fixam, já havendo, inclusive, comprovação de que é a partir do uso concreto da língua que esse processo ocorre. Isso se dá via *analogização*, metaforização, erosão fonética, redução fonológica, apagamentos, empréstimos, acréscimos de afixos, entre outros tipos de transformação. À luz da GCBU, a mudança linguística ocorre, na verdade, quando há formação de uma nova construção, de um novo item na gramática, entendida aqui como uma grande rede de construções, ou seja, de pareamento de forma e sentido.

Nesta seção, apresentamos o que entendemos por ‘mudança linguística’. É mediante a mudança da língua que se criam novas estruturas, novas construções. Na subseção a seguir, descreveremos os tipos de mudanças linguísticas existentes na língua e como cada uma delas acontece e se estabelece no *constructicon* do falante.

1.2.3.1 A mudança construcional e a construcionalização

De acordo com a literatura construcionista, existem dois tipos de mudança linguística: a mudança construcional e a construcionalização. Traugott e Trousdale (2021, p.65) asseguram que a primeira afeta uma dimensão interna de uma construção, sem resultar na criação de um novo nó. Em outras palavras, para que haja ‘mudança construcional’, é necessário que ocorra alteração apenas na forma ou apenas no significado de construções existentes na língua, não levando, necessariamente, à criação de novas construções. Já a segunda, a construcionalização, dá-se quando há alterações no todo, tanto no âmbito da forma quanto no âmbito do significado. Por consequência, forma-se um novo nó na rede construcional, isto é, um novo pareamento de forma e função/significado (uma construção).

Cabe salientar, no entanto, que tais formas de mudança não são estanques. Segundo Traugott e Trousdale (2021, p.64), mudanças construcionais são passos incrementais convencionalizados que precedem e sucedem a construcionalização. Rosário e Oliveira (2016, p.243) corroboram isso ao afirmarem que as mudanças construcionais podem ocorrer antes ou depois do processo de construcionalização.

No caso específico deste estudo, observa-se que a construção [MÓX] sofreu alteração nos dois polos: redução da forma e ampliação das preferências colocacionais, bem como especialização em contextos discursivos mais informais e atualização do papel de intensificação, sendo este um fator relacionado ao seu alto nível de produtividade. Ainda para

os autores, para determinar se a mudança ocorreu (ou não), há três critérios de análise que devem ser considerados: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade está relacionada ao nível de abstração: quanto mais abstrata, mais fonologicamente subespecificada (ou esquemática) será a construção. Tendo isso em vista, conforme Barðdal (2008 *apud* Wiedemer & Oliveira, 2019), quanto menos substantivo o padrão, maior a aplicação dele a novos itens (extensibilidade) e, conseqüentemente, maior a gama de elementos compatíveis com o sentido da construção (coerção semântica). No caso de [MóX], ela pode ser entendida como uma construção semiesquemática por conter uma parte preenchida ('mó') e outra subespecificada (X); por isso, potencialmente, apresenta certo grau de extensibilidade, aplicando-se a nomes, adjetivos, advérbios e verbos. Contudo, por sua natureza semiesquemática, essa expansão *host class* é limitada pelo 'mó': por exemplo, aparentemente o sentido da construção é incompatível com verbos no futuro ou com advérbios de negação ('não', 'nunca' etc.) e afirmação ('sim', 'realmente' etc.).

Outro critério que deve ser estudado é o da produtividade, que está diretamente relacionado à frequência *type*, quantidade de possibilidades de preenchimento do *slot* X, e à frequência *token*, total de ocorrências empiricamente atestadas da construção. No caso de [MóX], ela possui alto nível de produtividade devido à sua alta frequência *type* e *token*.

Finalmente, a composicionalidade se refere ao significado das partes e subpartes que compõem a construção: quanto maior a composicionalidade, maior a transparência dos constituintes, afetando a estrutura da construção, conforme Langacker (1987, *apud* Cezario e Alonso, 2019). Em se tratando da construção [MóX], o significado de informalidade, particularmente, não emerge das partes (nem do 'mó' nem do 'X').

Levando em conta essas propriedades, [MóX] é, por hipótese, uma construção semiesquemática, bastante produtiva e pouco composicional, conforme o quadro abaixo:

Quadro 3 – Propriedades/parâmetros da construção [MóX]

Propriedade	Construção [MóX]
Esquematicidade	Semiesquemática ou parcialmente esquemática devido à abertura do <i>slots</i> X (nível de abstração)
Produtividade	Construção altamente produtiva (frequência de tipos <i>-type-</i> e frequência de ocorrência <i>-token</i>)
Composicionalidade	Menor grau de composicionalidade devido à perda de transparência das subpartes

Fonte: Elaboração própria (2021)

Na presente subseção, discorreu-se sobre o entendimento da mudança linguística à luz da mudança construcional e da construcionalização, de modo que foram elencadas as diferenças entre tais mecanismos: no primeiro, ou forma ou significado é afetado; ao passo que no segundo, ambos os polos são afetados, o que resulta numa nova construção. Além disso, assinalou-se que eles não são divididos rigidamente: trata-se, na verdade, de processos complementares. No capítulo a seguir, trataremos da Revisão da Literatura, na qual discorreremos sobre as funções discursivas de Halliday, a natureza prefixal intensificadora de ‘mó’ e a noção de contexto situacional de informalidade.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Visitamos, durante este estudo, leituras de linguistas que tratam de traços relacionados à (i) intencionalidade por detrás dos usos de intensificadores, (ii) diferenciação entre adjetivos intensificadores e prefixos intensificadores e (iii) informalidade. A intenção é encontrar subsídios teóricos, bem como critérios e classificações para testar a construção [MóX] em foco. Após isso, será possível determinar (i) compreender as possíveis intenções que levam à instanciação de [MóX]; (ii) verificar se a partícula ‘mó’ é parte integrante da, então, suposta Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], ou se é um adjetivo intensificador, ou ainda se é um prefixo intensificador e (iii) entender melhor o conceito de informalidade, tão caro à [MóX] porque concerne tanto ao contexto em que a construção ocorre quanto à propriedade encapsulada no polo do significado.

2.1 Silva (2008)

Consideramos o olhar funcional de Silva (2008) sobre a intensificação, atrelada à intencionalidade e à interação verbal. Segundo o autor, a intensificação tem origem experiencial concreta, a partir da nossa cognição e experiência com o mundo, e serve para comunicar a superelevação das coisas, que extrapola o previsto. Por exemplo, muito quente, quentíssimo, mais quente, mó quente, ultra quente. Além disso, com o intuito de dar ênfase ao que está dizendo, o falante pode usar dois intensificadores na mesma estrutura, tornando-a mais avolumada. Assim: **bem** devagarinho, **mó** sala pequena.

Ainda de acordo com o autor, tradicionalmente, a intensificação é tratada em termos lexicais, sendo relacionada ao grau de substantivos, adjetivos e advérbios. No entanto, para ele, essa noção não está restrita apenas ao nível da palavra nem ao plano cognitivo: ela apresenta, na verdade, função textual e participa também das interações verbais. Para fundamentar essa premissa, ele relaciona a intensificação às metafunções de Halliday (1976, 1985): ideacional, interpessoal e textual, as quais também nortearão a análise dos resultados.

A intenção agora será, então, trazer essa perspectiva teórica para o nosso trabalho, relacionando as metafunções de Halliday à construção [MóX].

2.1.1 A função ideacional

A função ideacional exterioriza a experiência do falante com o mundo; por isso, possui base experiencial-cognitiva. Nesse viés, a produção e a compreensão linguística envolvem a experiência do falante e sua consciência, não podendo estas serem dissociadas. Assim, é possível depreender que ele reproduz/exterioriza o que adquire, ou seja, aquilo que interioriza em suas experiências de mundo, de acordo com o ambiente e com sua cognição.

Especificamente no caso do nosso objeto de estudo, o falante trava contato com a intensificação logo nos primeiros anos de vida: uma mamadeira mais quente, um objeto bem frio etc. Tudo isso se dá mediante a visão (mó sala), a audição (mó estrondo), o olfato (mó fedorento), o paladar (mó azedo) e o tato (mó áspero), ou seja, pelas experiências corpóreas. Uma vez adquiridas a partir do seu aparato cognitivo, ele as transpõe para a língua, - no caso, para construções como [MóX].

Em resumo, experiência e cognição modelam a estrutura linguística, o que vai ao encontro das premissas da GCBU, aporte teórico escolhido para o desenvolvimento deste trabalho. A seguir, discorreremos sobre outra função: a interpessoal.

2.1.2 A função interpessoal

A função interpessoal remete às trocas discursivas, sendo responsável por criar e manter as relações sociais, ou seja, possui natureza intersubjetiva. Isso porque a linguagem serve tanto para a interação quanto para o estabelecimento dos grupos sociais dos falantes. Por isso, durante as trocas verbais, o falante perceberá qual é o perfil do seu interlocutor e, a partir daí, ele medirá a informação transmitida, adaptando-a a esse perfil (classe social, idade, nível de conhecimento sobre o tema etc.).

Relacionando nosso objeto de estudo a essas informações, é bastante plausível pensar que ele tenha surgido em contextos situacionais de informalidade, por questões de expressividade, uma vez que um dos objetivos comunicativos do falante é chamar atenção do ouvinte para certas informações. Ainda a esse respeito, possivelmente, formas de intensificação já disponíveis e consagradas pelo uso (como ‘muito’), dada a elevada frequência de uso, já se mostravam desgastadas e pouco expressivas, de modo que se lançou

mão ao uso de ‘mó’ acompanhado por X, uma forma nova e dotada de grande carga comunicativa. Igualmente, tal estrutura pode ainda ser mobilizada em situações de argumentatividade, para convencer o ouvinte, em situações de informalidade. A título ilustrativo, observemos os dados abaixo:

- (1) ***** 12 de dez de 2007. Em resposta a *****essa área dá **mó grana**, meu caro. tu acha que a Bia é só dentista? RÁ. :P %) @ (argumentatividade do falante)
- (2) *****30 de dez de 2015. Em resposta a ***** Sa mulher q faz a minha, faz **mó direitinho** (avaliação do falante);
- (3) ***** 30 de jan de 2009. Não estou com vontade de trocar meu avatar. Eu **mó entendo** o Venusaur. Me identifico o/ (exprime certeza do falante).

Em (1), percebemos a função interpessoal, quando o falante tenta persuadir o ouvinte sobre a rentabilidade de determinada área, e para tanto usa ‘mó grana’ em vez de simplesmente ‘grana’. Disso decorre o seguinte questionamento: será que empregando apenas a palavra ‘grana’ ele conseguiria atingir seu objetivo? Provavelmente não, pois o intensificador ‘mó’ chama a atenção do ouvinte e valoriza o argumento defendido: o de que a área em questão é altamente rentável.

Já no exemplo (2), ao usar ‘mó direitinho’, o falante tem a intenção de avaliar, de forma positiva e com ênfase, os serviços prestados por alguém. Hipoteticamente, se o falante tivesse dito apenas ‘faz direitinho’, a sentença teria o mesmo impacto sobre o interlocutor? Novamente, a resposta seria não, pois, quando se ressalta a qualidade da tarefa feita, a intenção é convencer o interlocutor a requisitar os serviços do(a) profissional, ou seja, há aqui uma clara intenção argumentativa.

Finalmente, em (3), ao proferir ‘mó entendo’, o falante passa a ideia de que, de fato, ele sabe usar o programa a que se refere. O intensificador ‘mó’ realça o nível de conhecimento do enunciador, exprimindo certeza acerca da ação verbal e situando o falante num nível alto da escala dos indivíduos que dominam o software.

2.1.3 A função textual

Por fim, Silva (2008) elenca a função textual, que trata da conexão dos componentes linguísticos entre si com o contexto comunicativo (coesão e coerência)⁵. Nessa esfera, os intensificadores podem ser usados tanto para antecipar o que será dito (catáfora) quanto para retomar o que foi dito (anáfora), ou seja, assumem função coesiva. Paralelamente, esses itens que expressam intensidade podem funcionar também como elemento de coerência, já que introduzem uma informação nova ao texto ou recuperam uma informação velha. Para fins de esclarecimento, listamos os dados abaixo:

- (4) *****23 de dez de 2007 Domingo é o dia mais 'phoda' q existe.... **mó chatice**... (anáfora)
 (5) ***** 24 de out de 2007 **mó legal** ter mãe online... ela acabou de mandar o link do álbum com as fotos que ela tirou em buenos aires :-) (catáfora)
 (6) *****27 de dez de 2007. acordei **mó cedo** hoje. 07h45. (catáfora)

Em (4), (5) e (6), a partícula intensificadora ‘mó’ atua como elemento endofórico, remetendo à função textual. No exemplo (4), ‘mó chatice’ retoma o porquê de domingo ser o dia mais “foda” que existe, constituindo, assim, uma anáfora. Já em (5) o falante reconhece como é benéfico ter mãe no ambiente virtual, mas só explica o motivo disso depois, ou seja, ele antecipa o que vai ser dito por meio de ‘mó legal’, sendo este um exemplo de catáfora. Fenômeno similar ocorre em (6), quando o falante diz ‘acordei **mó cedo** hoje.’ explicando depois o que ele considera ‘mó cedo’ (‘7h45’) - aqui mais um exemplo de catáfora.

Neste ponto, cabem duas ressalvas feitas pelos autores. A primeira delas é que as 3 metafunções de Halliday estão interligadas, de modo que a função textual atende tanto à experiência sensorial-cognitiva do falante (função ideacional) quanto às expectativas dele em relação ao ouvinte (função interpessoal). Essa separação é feita apenas por razões didáticas e analíticas.

A segunda é que, apesar de a função proposicional/ideacional, como já visto, ter base experiencial-cognitiva e, por isso, ser considerada como uma função mais concreta, ela pode se tornar mais abstrata. Isso se dá à medida que uma forma linguística evolui, assumindo cada vez mais a função expressiva/interpessoal ou a textual, de acordo com Traugott (1982, *apud*

⁵ Essas funções foram aqui citadas separadamente por questões didáticas. No entanto, elas são indissociáveis, conforme observado pela Linguística Textual.

Silva, 2008 p. 4). De fato, [MóX] passa do mais concreto (intensificação de entidades com base na nossa experiência corpórea com o mundo) para o mais abstrato (recurso argumentativo, expressivo ou ainda endofórico).

Com base no estudo realizado por Silva (2008), apresentamos aqui cada função da língua: ideacional, interpessoal e textual. Entendemos que cada uma delas tem suas especificidades e estabelece relação com nosso objeto de estudo. A seguir, discorreremos sobre algumas reflexões de Foltran e Nóbrega (2016) sobre as características dos adjetivos intensificadores, bem como as diferenças dessa classe em relação aos prefixos intensificadores.

2.2 Foltran e Nóbrega (2016)

Foltran e Nóbrega (2016) defendem que uma qualidade pode ser atribuída e escalonada em todos os graus mediante estruturas sintáticas estereotipadas, expressões exclamativas, recursos lexicais, palavras de grau, morfemas de grau, etc. Aqui, de início, interessa-nos especificamente a intensificação por meio dos recursos lexicais entendidos como adjetivos intensificadores no PB, que, de acordo com os autores, subdividem-se em:

- (a) Adjetivos intensificadores inovadores: figuravam em posição pós-nominal, mas passaram a ser usados pré-nominalmente (tremendo, bruto);

Exemplo: uma **tremenda** chuva⁶

- (b) Intensificadores denominais: apresentam contraparte nominal (puta, senhor, baita);

Exemplo: um **puta** emprego

- (c) Intensificadores adquiridos via empréstimo: são tidos como prefixos de origem clássica/germânica (mega, hiper, super, big);

Exemplo: uma **mega** oferta

⁶ Os exemplos citados foram extraídos do estudo de Foltran e Nóbrega (2016).

(d) Intensificadores prototípicos: advérbios que, para além dos verbos, passaram a modificar adjetivos e outros advérbios (muito, extremamente, completamente);

Exemplo: Isso é **incrivelmente** gigantesco

(e) Modificadores adnominais escalares: modificam só nomes escalares (verdadeiro, total, grande, completo e perfeito);

Exemplo: um **verdadeiro** desastre

(f) Prefixos intensificadores: em geral, são de origem clássica (ultra-, extra-, tri-).

Exemplo: **ultra** de um conservador

2.2.1 Critérios de identificação de adjetivos intensificadores

Na investigação de Foltran e Nóbrega (2016), alguns critérios morfossintáticos são considerados com a intenção de identificar a distribuição dos adjetivos intensificadores e verificar se eles constituem uma classe uniforme. Dissertemos sobre eles, testando simultaneamente a possibilidade de integração do nosso objeto de estudo a tal categoria.

i. Ordenação linear - Adjetivos intensificadores figuram somente quando **antepostos**. Quando pospostos, perdem completamente a leitura de intensificação.

Exemplos: uma **senhora** festa/*uma festa **senhora**

um **puta** livro/*um livro **puta**

uma **bruta** chuva/*uma chuva **bruta**

um **tremendo** vendaval/* um vendaval **tremendo**⁷

Quanto à linearidade, percebemos que a construção [MóX] figura numa posição restrita: a partícula ‘mó’ aparece apenas anteposta ao X. Assim, ‘**mó** festa’ é naturalmente aceitável, enquanto que *‘festa **mó**’ não pode ser considerado como gramatical: uma característica que marca a construcionalização em foco. Um ponto importante a se considerar

⁷ O adjetivo ‘tremendo’ se diferencia dos demais; no entanto, os autores afirmam que sua classificação como adjetivo intensificador deve ser mantida. As razões para isso são dadas quando explicam as construções com duplicação de determinantes.

é que no latim, língua base do PB, tal restrição formal não era tão rígida⁸, na medida em que os termos da oração poderiam se figurar em quase todas as da sentença. Assim, o item modificado por ‘maior’ poderia figurar anteposto a ele.

- ii. Categoria lexical dos elementos modificados - Alguns adjetivos intensificadores, como **bruto(a)**, **senhor(a)** e **big**, modificam apenas nomes.

Exemplos: Eles tomaram um **bruto** susto / *Ele é um **bruto** bonito.

Ela comprou um **senhor** aspirador de pó. / *Ela é sempre **senhora** simpática.

Eles tiveram uma **big** surpresa. / *Eles foram numa apresentação **big** interessante.

Conforme se constata, a anteposição de ‘bruto’, ‘senhora’ e ‘big’ em relação a adjetivos gera sentenças agramaticais. Já ‘senhor’, apesar de ser aceitável sua combinação com aquela classe gramatical, não exerce a função de adjetivo intensificador, mas a de substantivo.

Em contrapartida, outros adjetivos intensificadores modificam, além de nomes, adjetivos e verbos – neste último caso, expressam certeza em relação à ação do verbo. Vejamos alguns exemplos de adjetivos intensificadores que modificam outros adjetivos - no caso, ‘sacanas’, ‘simpático’, ‘empolgada’, ‘animados’, ‘feliz’ e ‘nojento’.

Exemplos: Eu achei esses caras uns **baita** sacanas com a pobre menina.

Ele é fofo e **tremendo** simpático.

Ela está **mega** empolgada com a festa.

Eles estão **hiper** animados pra viajar na sexta.

Ela está **super** feliz com o prêmio que ganhou.

Dá pra perceber que ele é um cara **puta** nojento.

A título ilustrativo, mencionam-se ainda exemplos de adjetivos intensificadores que modificam verbos - falo, gostaria, iria, quero, respectivamente - trazendo a eles uma ideia de certeza ou certa veemência em relação ao fato.

Exemplos: Eu **super** falo isso...

⁸ Conforme Barbosa (2021), a ordenação das palavras no latim se dá por razões de ordem sintática (*e.g.* complexidade sintagmática e/ou cognitiva); literária (*e.g.* métrica e figuras estilístico-literárias) e pragmático-discursivas (*e.g.* tópico, foco, subtópico, contraste e ênfase).

Sinceramente, eu **hiper** gostaria de saber a opinião de vocês.

Eu **mega** iria ao show da Madonna.

Eu **super hiper** quero esse celular.

Os autores afirmam ainda que adjetivos intensificadores podem intensificar nomes já modificados. Nos exemplos abaixo, os substantivos ‘cara’, ‘homem’ e ‘ideia’ já se encontram modificados por um SAdj (‘lindo’, ‘musculoso’ e ‘louca’, respectivamente):

Exemplos: Um **puta** cara lindo.

Um **baita** homem musculoso.

Uma **super** ideia louca.

Observemos que a correlação de intensificação do adjetivo ‘puta’ é realizada com o todo ‘cara lindo’, e não apenas com ‘cara’ ou ‘lindo’, assim como nos outros exemplos. Na direção oposta, os adjetivos intensificadores que modificam outros adjetivos do tipo atributivo - localizados em posição pós-nominal - lançam a intensificação sobre o elemento localizado linearmente à direita, referindo-se unicamente a ele:

Exemplos: Um marido **baita** sacana.

Uma moça **mega** inteligente.

Um filme **super** interessante.

Aqui, é possível observar que a intensificação está recaindo apenas sobre o elemento à direita, no caso, ‘sacana’, ‘inteligente’ e ‘interessante’, respectivamente. Ademais, aparentemente não é possível dupla modificação por mais de um adjetivo intensificador sem que haja pausa entre eles; quando há pausas, interpreta-se como uma escala ascendente.

Exemplos: *Eu sempre tenho uma **puta mega** cólica.

*Ela deu uma **super bruta** festa.

*Eles compraram um **mega baita** avião.

Voltando ao nosso objeto de estudo, percebemos algumas semelhanças que o aproximam do exposto neste ponto, uma vez que o item tem função intensificadora e pode modificar adjetivos (7), nomes (8) e, até mesmo, verbos (9) (com ideia adicional de assertividade neste caso):

Exemplos: (7) *****⁹.30 de dez de 2015. Choveu e o tempo ficou **mó gostoso** (intensificando adjetivos)¹⁰

(8) *****30 de dez de 2019. **Mó saudade** dela :((intensificando nomes)

(9) *****30 de jan de 2009. aauhahu.. engraçado é q o cursinho tava **mó esperando** festivo o resultado pro meio-dia. a lista vazou no orkut, agora quebrou eles... (intensificando verbos)

- iii. Concordância em domínios locais ao elemento modificado - A relação de concordância dos adjetivos intensificadores é variável; no entanto, inicialmente, prevalece a ausência de traços de número ou gênero. Especificamente, no que diz respeito à concordância de número, alguns desses adjetivos são usados sem nenhuma marcação.

Exemplos: Eles importaram uns **puta** / ***putas** aviões.

Elas sempre vão a umas **super** / ***super(e)s** festas.

Ela comprou uns **senhor** / ***senhores** tapetes.

Nós compramos uns **hiper** / ***hiper(e)s** apartamentos.

Já em relação à concordância de gênero, alguns adjetivos intensificadores podem sofrer tal alteração em consonância com o termo a que se referem. Esses modificadores, normalmente, concordam em número também:

Exemplos: Deu um **tremendo** vexame. / Consegui algumas **tremendas** vantagens.

Eles fizeram um **bruto** investimento. / Ele levou uma **bruta** pancada.

Fez duas **senhoras** apresentações. / Consegui dois **senhores** cargos.

É possível observar, nos exemplos acima, que os adjetivos intensificadores ‘tremendo’, ‘bruto’ e ‘senhor’ estabelecem concordância tanto de gênero quanto de número com os nomes a que se referem: ‘vexame’ e ‘vantagens’; ‘investimento’ e ‘pancada’; ‘apresentações’ e ‘cargos’, respectivamente.

Nessa esteira, podemos afirmar que nosso objeto de estudo, no que diz respeito à concordância, enquadra-se naquilo que é recorrente: ausência de flexão de número e de gênero. Por outras palavras, o item ‘mó’ não tem em si a exigência de estabelecer qualquer tipo de relação de concordância com o termo a que se refere, permanecendo, pois, invariável.

⁹ Os nomes dos internautas foram omitidos para respeitar e preservar a privacidade deles.

¹⁰ Estes exemplos foram extraídos do *Twitter* e fazem parte dos dados que compõem a nossa amostra.

Isso se dá provavelmente em razão da sua historicidade: ‘mó’ deriva de ‘maior’, que é um adjetivo uniforme. Com o intuito de ilustração, citamos os dados:

Exemplos: (10) ***** .30 de dez de 2011. Em resposta a *****Quisso Lucas?

UHUIAHUIAHA, ela é **mó gatinha**.

(11) ***** .30 de dez de 2013. eu acho o bruno **mó gatinho**;

Os exemplos acima, retirados do *Twitter*, comprovam que a construção [MóX] não exige qualquer tipo de flexão de número ou gênero. Não existe relação de concordância entre o item ‘mó’ e a palavra intensificada por ele: ‘gatinha’ e ‘gatinho’, respectivamente.

- iv. Tipos de sintagmas e sentenças - Segundo esse critério, foram observados quatro contextos: sintagmas definidos e indefinidos; posição predicativa, sintagmas nominais indefinidos com duplicação de determinante e sentenças exclamativas.

No que diz respeito aos sintagmas que antecedem os adjetivos intensificadores, observa-se certa predileção por sintagmas indefinidos, mas casos com sintagmas definidos também são possíveis:

Exemplos: **O mega** xodozão do Pará.

A bruta força dos sentidos.

O monovolume 500L, da Fiat, passou por **um tremendo** vexame ao ser avaliado junto com uma nova leva de modelos compactos.¹¹

Oferta do dia Miscota todo dia **uma super oferta** com em Catraca Livre.¹²

Vimos, nos exemplos acima, sentenças envolvendo o uso tanto de sintagmas definidos (‘a bruta força’) quanto de sintagmas indefinidos (‘um tremendo vexame’ e ‘uma super oferta’). Ao pensarmos em nosso objeto de estudo, relacionando-o aos tipos de sintagmas em que figura, observamos que o item ‘mó’ não aparece com artigos definidos ou indefinidos antepostos: *um **mó** carro, *a **mó** casa.

Outro contexto possível em que tais modificadores podem figurar é em posição predicativa:

Exemplo: O vexame foi **tremendo**.

¹¹ Exemplo extraído do site <https://motor1.uol.com.br> > Fiat > Notícias em 19/02/2022

¹² Exemplo extraído do site <https://cupom.catracalivre.com.br/cupom-de-desconto-miscota> em 19/02/2022

No exemplo, o adjetivo ‘tremendo’ funciona morfossintaticamente como predicativo do SN ‘vexame’. No entanto, os autores fazem a ressalva de que nem todos os adjetivos intensificadores podem aparecer nesta posição, conforme o exemplo abaixo:

Exemplos: *O cargo é **puta**.

*A apresentação foi **senhora**.

Observemos que não há gramaticalidade nas sentenças acima. Nelas, os adjetivos ‘puta’ e ‘senhora’ não podem preencher a posição de predicativo. Parece este ser o mesmo caso das instanciações de [MÓX], já que aparentemente seriam agramaticais usos do tipo ‘ele é **mó**’ e ‘o estrondo foi **mó**’.

No entanto, ainda conforme os autores, é preciso investigar mais se certas ocorrências em posição predicativa que apresentam boa aceitabilidade ocorrem em contextos situacionais de informalidade entre os mais jovens, consoante os dados abaixo:

Exemplos: ?A confusão foi **baita**. / ?A festa foi **mega**.

A possível aceitação de ‘baita’ e ‘mega’ em posição predicativa, segundo os dados acima, pode ocorrer se relacionada a fatores etários, segundo os autores.

Ademais, outra estrutura em que os adjetivos de intensidade podem ocorrer são os sintagmas formados por construções com duplicação de determinantes. Tais estruturas são bastante comuns no PB e se realizam da seguinte forma: um *x* de um *y*, em que *x* é um adjetivo intensificador:

Exemplos: Ele me deu um **baita** de um susto.

Foi um **tremendo** de um vexame.

É uma **senhora** de uma promoção.

Ele deu uma **mega** de uma festa.

Nestes exemplos, *x* está sendo representado por ‘baita’, ‘tremendo’, ‘senhora’ e ‘mega’, respectivamente, que intensificam os nomes a que se referem, no caso, ‘susto’, ‘vexame’, ‘promoção’ e ‘festa’, o *y* na estrutura ‘um *x* de um *y*’. Em contrapartida, a ocorrência de ‘mó’ na referida estrutura é agramatical: *Comprei um mó de um celular.

Por fim, os autores mencionam que todos os adjetivos intensificadores podem constituir sentenças exclamativas, formas consagradas de intensificação nas línguas:

Exemplos: Que **baita** falta de caráter!

Que **puta** dor de cabeça!

Que **super** abraço!

Na mesma direção, ‘mó’ também participa de sentenças exclamativas, como no exemplo abaixo:

Exemplo: (12) ***** .30 de dez de 2011. Queria viaja hj que pena so vo viaja semana que vem :/ **mo merda!!!**

2.2.2 Critério de identificação de prefixo intensificador

Foltran e Nóbrega (2016) estabelecem critérios de identificação de um prefixo intensificador, conforme Rocha (1999) e Silva e Miotto (2009). A intenção de Foltran e Nóbrega (2016) é discutir se adjetivos intensificadores clássicos, como ‘mega’, ‘super’ e ‘hiper’, segundo sugerido em outros estudos, devem ser entendidos como prefixos intensificadores.

A título de identificação, os autores analisam e testam os seguintes critérios em relação aos, até então, adjetivos intensificadores:

- figuram sempre à esquerda (diferentemente de sufixos, que ficam à direita), de sorte que a posição à direita gera estruturas agramaticais;

Tri legal / **Ultra** legal / **Mó** legal

*Legal **tri** / *Legal **ultra** / *Legal **mó**

- não constituem uma base N, V ou Adj (diferentemente da composição);

*O **tri** / *O **ultra** / *O **mó** (não são N, V ou Adj)

- são recorrentes - referem-se aqui à produtividade, sendo relevantes apenas se pensados como estrutura presa. A recorrência deve ser uniforme: com uma mesma forma morfológica, seja ela livre, seja presa;

- possuem identidade fonética, semântica e funcional. Em relação à identidade fonética, o critério se torna vacilante, uma vez que é possível a existência de alomorfias consoante os autores. Por exemplo, o prefixo ‘i-’ veicula a noção de negação (‘ilegal’), mas tem uma forma variante: ‘in-’ (‘inacabado’). No

entanto, no que se refere à identidade semântica e funcional, é possível dizer que estas, de fato, revelam informações relevantes. A primeira indica que o prefixo atribui sempre uma mesma informação à base; já a segunda prevê a constância das propriedades funcionais do prefixo em relação à base, mantendo ou alterando a categoria lexical dela. Por exemplo, ‘tri-’, ‘ultra-’ e ‘mó’ sempre expressam intensificação (em diferentes graus) e mantêm a classe da base constante.

- tratam-se de uma estrutura presa¹³, o que impede a inclusão de qualquer elemento interveniente entre o afixo e o radical.

Ultra rápido / ***Ultra** bem rápido

Tricampeão / ***Tri** o campeão

Mó sei fazer / ***Mó** realmente sei fazer

2.2.3 ‘Mó’: adjetivo intensificador, prefixo intensificador ou partícula integrante da construção [MóX]?

Considerando o estudo sobre intensificadores realizado por Foltran e Nóbrega (2016), ‘ultra’, ‘extra’ e ‘tri’ são considerados como prefixos intensificadores, pois atendem a todos os critérios estabelecidos, mas *mega*, *super* e *hiper* seriam adjetivos intensificadores. Aqui, nos cabe a pergunta então: e ‘mó’? A partir de agora, observemos as características dessa partícula na tentativa de verificar se tal partícula não se trataria, na verdade, de um adjetivo intensificador, ou de um prefixo intensificador ou, até mesmo, mesmo de um item integrado a um novo pareamento formado por construcionalização. Dessas três possibilidades, defendemos como hipótese a 3ª: sendo ‘mó’ supostamente parte integrante da construção [MóX]. Acreditamos que, realizando tais comparações, por meio de critérios plausíveis já estabelecidos, seja possível definir nosso objeto de pesquisa como um *chunk*, apresentando características de prefixo intensificador, segundo a literatura mais tradicional.

¹³ Segundo os autores, *mega*, *super* e *hiper* não se enquadram nesse critério, uma vez que permitem a inclusão de preposição e de artigo indefinido como elementos intervenientes. Exemplos: Uma super de uma festa/ Uma mega de uma palestra/ Um hiper de um passeio.

Quadro 4 – Adjetivos intensificadores x ‘Mó’

Características de Adjetivo Intensificador	Características de ‘Mó’
<p>✓ É um intensificador;</p> <p>Ex.: Esse aluno é <u>muito</u> dedicado.</p>	<p>✓ É um intensificador;</p> <p>Ex.: (13) *****21 de dez de 2007 *****; vai entrar de férias do TJ hein Fred! <u>Mó feriadão</u>[...]</p>
<p>✓ Figura somente anteposto;</p> <p>Ex.: Ele é um <u>perfeito</u> idiota.</p>	<p>✓ Figura somente anteposto;</p> <p>Ex.: (14) ***** .30 de dez de 2013. Mia é <u>mo maluca</u> kkkk' #Amo #Rebelde086</p>
<p>✓ Modifica nomes quase sempre;</p> <p>Ex.: Eles tomaram um <u>bruto</u> susto.</p>	<p>✓ Modifica nomes quase sempre;</p> <p>Ex.: (15) ***** 30 de dez de 2015 <u>Mo saudade</u> dele cara</p>
<p>✓ Pode modificar nomes já modificados e adjetivos atributivos em posição pós-nominal;</p> <p>Ex.: Um <u>mega</u> carro esportivo.</p> <p>Uma moça <u>mega</u> inteligente.</p>	<p>✓ Pode modificar nomes já modificados e adjetivos atributivos em posição pós-nominal;</p> <p>Ex.: (16) *****30 de dez de 2015. O amor tem <u>mó jeito</u> covarde de partir, vai embora como se tivesse <u>indo</u> ali.</p>
<p>✓ Modifica adjetivos, advérbios e verbos (exprime certeza no último caso);</p> <p>Ex.: Ele é um fofo e <u>tremendo</u> simpático.</p> <p>Sinceramente, eu <u>hiper</u> gostaria de saber a opinião de vocês.</p>	<p>✓ Modifica adjetivos, verbos (exprime certeza) e advérbios</p> <p>Ex.: (17) *****30 de dez de 2011. mano só porque eu tava flndo de fazer californiana <u>mó feliz</u>, ai eu vejo agora a Luiza fez :</p> <p>(18) *****27 de jan de 2009. ***** música <u>mó lembrando</u> minha infância de idealizar conto de fadas [...]</p> <p>(19) *****30 de dez de 2017 Eu me alimento <u>mó bem</u></p>
<p>✓ Aparentemente não é possível dupla modificação por mais de um adjetivo intensificador sem pausa entre eles;</p> <p>Ex.: *Ela deu uma <u>super</u> bruta festa.</p>	<p>✓ Aparentemente não é possível dupla modificação por mais de um adjetivo intensificador sem pausa entre eles;</p> <p>Ex.: *hiper ultra mega <u>mó</u> carro.</p>

<p>✓ Ausência de marcas de número e gênero predominantemente;</p> <p>Ex.: Nós compramos uns <u>hiper</u>/ *hiper(e)s apartamentos.</p>	<p>✓ Ausência de marcas de número e gênero;</p> <p>Ex.: (20) *****30 de dez 2015. Em resposta a *****é sim <u>mó bonito</u> o rosto [...]</p> <p>(21) ***** 30 de dez de 2017. A camera do meu cel é top e eu sou <u>mo bonita</u> foda seeee</p> <p>▪ Não há exemplos da construção [MóX] com X no plural</p>
<p>✓ Figura em sintagmas indefinidos e definidos;</p> <p>Ex.: Falta um dia para <u>a baita</u> festa do CTG.</p> <p>[...]Fiat, passou por <u>um tremendo</u> vexame ao ser avaliado junto com uma nova leva de modelos compactos[...]</p>	<p>✗ Figura em sintagmas indefinidos e definidos;</p> <p>Ex.: *uma <u>mó correria</u>; / *a <u>mó correria</u></p>
<p>✓ Participa de sentenças exclamativas;</p> <p>Ex.: Que <u>bruta</u> vontade de vencer!</p>	<p>✓ Participa de sentenças exclamativas;</p> <p>Ex.: (22) *****30 de jan de 2009. <u>Mó galera</u> aqui em casa!</p>
<p>✓ Pode ocorrer em posição predicativa;</p> <p>Ex.: A confusão foi <u>baita</u>.</p>	<p>✗ Pode ocorrer em posição predicativa;</p> <p>Ex.: <u>mó chuva</u>/*<u>chuva</u> foi <u>mó</u></p>
<p>✓ Pode aparecer em sentenças com duplicação de determinantes em sintagmas indefinidos.</p> <p>Ex.: É <u>uma</u> senhora de <u>uma</u> promoção.</p>	<p>✗ Pode aparecer em sentenças com duplicação de determinantes em sintagmas indefinidos.</p> <p>Ex.: *É <u>um</u> <u>mó</u> de <u>um</u> carro</p>

Fonte: Elaboração própria (2022)

Verifiquemos agora as características do prefixo intensificador nato¹⁴, de origem clássica (ultra-, extra- e tri-), comparando-as ao nosso objeto de estudo.

Quadro 5 – Prefixos intensificadores x ‘Mó’

Características de Prefixo Intensificador	Características de ‘Mó’
✓ Figura sempre à esquerda	✓ Figura sempre à esquerda

¹⁴ Segundo Foltran e Nóbrega (2016), tais palavras são, de fato, consideradas como prefixos intensificadores porque atenderam a todos os critérios estabelecidos durante a análise da pesquisa por eles desenvolvida.

Ex.: Maria é <u>tri legal</u> .	Ex.: (23) *****30 de jan de 2009. Não acredito que não teve Grey's inédito ontem! Só dia 5 de fevereiro, fala sério ja teve <u>mó pausa</u> de fim de ano!
✓ Não possui uma base Nominal, Verbal ou Adjetival Ex.: *O tri,	✓ Não possui uma base Nominal, Verbal ou Adjetival Ex.: *O mó
✓ É recorrente - Refere-se aqui à produtividade, que está diretamente relacionada à frequência.	✓ É recorrente - Refere-se aqui à produtividade, que está diretamente relacionada à frequência ¹⁵ .
✓ Tem identidade semântica e funcional ¹⁶ Ex. <u>Tri</u> legal/ <u>Tri</u> bonito [sentido intensificador, sem mudança da classe da base]	✓ Tem identidade semântica e funcional Ex. <u>Mó</u> tempão / <u>Mó</u> bonito / <u>Mó</u> sei fazer [sentido intensificador e sem mudança da classe da base]
✓ Trata-se de uma estrutura presa Ex.: * <u>Tri legal!</u>	✓ Trata-se de uma estrutura presa Ex.: * <u>Mó legal!</u>

Fonte: Elaboração própria (2022)

A partir disso, vemos que a partícula ‘mó’, quando comparada aos adjetivos intensificadores, não atende a todas as características estabelecidas. Já no que diz respeito às especificidades de prefixo, especificamente intensificador, tal vocábulo aparentemente corresponde aos critérios determinados. Na perspectiva dos estudos sobre gramaticalização, tal item poderia ser considerado como resultante daquele processo de mudança linguística, pelo qual um item gramatical/lexical (‘maior’) teria se tornado um item ainda mais gramatical: um prefixo.

No entanto, neste trabalho, que se apoia no modelo da construcionalização, assumimos, mesmo reconhecendo o caráter prefixal da partícula, que não podemos assim considerá-la, sem que seja vista como parte de um *chunk*, ou seja, de uma construção maior que a contém. À luz da GCBU, o item ‘mó’ não existe de forma isolada, mas somente associado a outro elemento, no caso, ao item X, de modo que, a partir desse conjunto, emerge o sentido de informalidade e intensificação, não necessariamente recuperável na

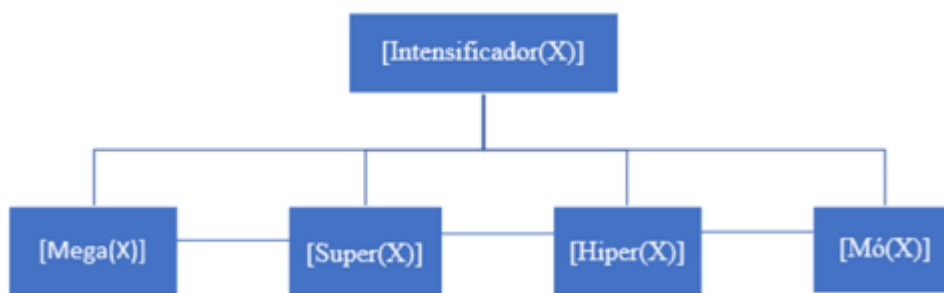
¹⁵ De fato, [MóX] é altamente produtivo, já que teve 800 ocorrências na amostra construída a partir de dados do *Twitter*, conforme detalhado na seção de resultados.

¹⁶ Cabe salientarmos que a identidade fonética foi eliminada das considerações, porque, segundo os autores, é um critério problemático dada a existência de alomorfa.

composicionalidade da construção [MóX]. Entendemos, portanto, tais quais diversos estudiosos do campo da Gramática das Construções, que o morfema isolado não se constitui como construção em si, mas como parte integrante de um padrão mais complexo.

Conforme atestado, ‘mó’, aparentemente, apresenta traços característicos dos prefixos intensificadores, de origem latina ou germânica, como por exemplo, ‘ultra’, ‘extra’ e ‘tri’. Em contrapartida, compartilha certas propriedades semântico-pragmáticas de ‘mega’, ‘super’ e ‘hiper’, adjetivos intensificadores adquiridos por empréstimo, estando, pois, no mesmo nível deles. Assim, podemos entender que, no topo da rede - em nível além do da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] aqui observada -, encontramos o ESQUEMA DE INTENSIFICAÇÃO, resultante de generalizações sobre diversas construções de intensificação, como [SuperX], [HiperX] etc. Abaixo, ilustramos essa relação:

Esquema 3 – Nível semântico/pragmático de [MóX]



Fonte: Elaboração própria (2022)

Nesta subseção, vimos como os adjetivos intensificadores e prefixos intensificadores se comportam. Observamos, então, que nosso objeto de estudo, apesar de compartilhar algumas propriedades dos adjetivos intensificadores e apresentar todas as características de prefixos intensificadores, não se enquadra em nenhuma dessas classificações. A construção [MóX], por razões já vistas anteriormente, deve ser entendida como um *chunk* em razão de se comportar como um bloco de sentido semântico-pragmático de informalidade e intensificação não necessariamente analisável. A seguir, com base na leitura de Marcuschi (2007), apresentaremos o que estamos considerando, em nosso trabalho, como contexto situacional de informalidade, abarcado, inclusive, como propriedade do polo do significado.

2.3 Marcuschi (2007)

Sabemos que a língua, seja falada, seja escrita, adequa-se às necessidades de comunicação do falante, às suas intenções e também aos contextos situacionais em que este se encontra. A partir de agora, para realizar este trabalho, consideraremos, sob a perspectiva de Marcuschi (2007), o entendimento sobre formalidade e informalidade. Esta discussão é imprescindível para darmos sequência ao trabalho, uma vez que a construção [MóX] é um pareamento que, supostamente, veicula a informação pragmática de informalidade e figura em situações de registro informal.

Feita essa consideração inicial, passemos ao entendimento de Marcuschi (2007, p.25) sobre o conceito pragmático-discursivo de (in)formalidade:

A formalidade ou a informalidade na escrita e na oralidade não são aleatórias, mas se adaptam às situações sociais. Essa noção é de grande importância para perceber que tanto a fala como a escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos. Não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal e a escrita é formal.

Dessa forma, é possível depreender que o grau de formalidade será mensurado pelo falante a partir do contexto comunicativo-situacional. Em decorrência disso, textos orais e escritos podem apresentar diversos níveis de formalidade, a depender das exigências situacionais, o que pode ser ratificado pelos próprios dados que fundamentam o presente estudo: os *tweets*. Apesar de estes serem textos escritos, o ambiente em que eles circulam é estritamente informal, fato que possibilita a presença de marcas de oralidade neles e o elevado grau de informalidade.

Isso ocorre porque o *Twitter* não possui qualquer tipo de filtro, podendo qualquer pessoa conectada à internet acessá-lo a qualquer momento e interagir com milhões de pessoas do mundo inteiro de variadas idades, classes sociais, níveis de escolaridade, religiões, opiniões etc. O *Twitter* é quase uma ‘feira livre do pensamento traduzido em palavras’, na qual as pessoas dizem o que querem espontaneamente, sem qualquer tipo de pudor, preocupação ou monitoramento em relação ao tipo de registro da língua utilizado, manifesto pelo cancelamento da concordância, pelas escolhas lexicais etc.

Para fins ilustrativos desse “relaxamento” do monitoramento linguístico, mencionamos as ocorrências abaixo, oriundas daquela rede social:

(24) *****_30 de dez de 2011 noooossa minha prima ***** **mo idiota** naum sabe faze os bang amki que inutil!!!!

(25) *****.1 de jan de 2021 Ficar grudadinho na praia é **mó bom**

(26) *****30 de dez de 2019 Eu **mó achando** que ia ficar até fevereiro de férias mais dia 13 já começo a trampar

Nas sentenças (24), (25) e (26), podemos verificar que os construtos que instanciam a construção [MÓX] estão atrelados ao contexto situacional de informalidade proporcionado pelo *Twitter*. Detalhadamente, em (24), é possível observarmos o uso de ‘noooossa’ pelo qual o internauta tenta traduzir para o interlocutor, por meio da escrita, a sua surpresa em relação ao fato (algo que na oralidade é feito mediante o alongamento da duração da vogal), bem como o tom de informalidade entre os falantes quando usam ‘mó idiota’, qualificação que não figura em textos formais. Já em (25) e (26), os traços de informalidade emergem tanto de ‘agarradinho’ e ‘trampar’ quanto de ‘mó bom’ e ‘mó achando’.

Ainda a respeito da (in)formalidade, quando trata dos usos linguísticos em cartas, Marcuschi (2007, p. 165) acrescenta que: "Obviamente, o tom de maior informalidade ou formalidade vai depender do grau de intimidade dos interlocutores, faixa etária, assunto abordado etc.". Tal é o caso dos dados em foco, já que, em (24), (25) e (26), os usuários do *Twitter* demonstram tamanho grau de intimidade com os interlocutores que compartilham informações pessoais: um julgamento a respeito de uma prima, algo que gostam de fazer na praia e a data de retorno ao trabalho, respectivamente. Assim, as realizações da construção [MÓX] são também determinadas por esse grau de intimidade.

Para além de ser uma propriedade da situação comunicativa, a informalidade também se mostra encapsulada no rol das informações do sentido/da função da construção, fenômeno possível à luz do arcabouço da GCBU. Para fundamentar essa ideia, pautamo-nos em Bybee (2013, p. 51, tradução nossa): “É interessante, claro, que tais *chunks* ou sequências convencionalizadas tenham uma tendência ao longo do tempo para desenvolver implicações pragmáticas especiais que podem levar a um significado especial.”. Em outras palavras, a (in)formalidade está diretamente relacionada ao contexto comunicativo-situacional em que se encontram os falantes, o qual faz parte do conhecimento linguístico, encapsulado no conhecimento construcional. Assim, tal conhecimento pode refletir a convencionalização e a internalização de que alguns padrões são especificamente associados a um ou outro registro de formalidade.

Dessa forma, depreendemos que a construção [MóX] absorveu o traço contextual de informalidade para o polo do sentido (semantização da pragmática), ou seja, tal informação está contida no novo *chunk*. Por conseguinte, a informação referente à informalidade não emerge só do ‘mó’ ou só do ‘X’, mas sim do todo da construção, ou seja, seu significado não é composicional. Uma evidência para tal surge quando fazemos um simples teste de comutação de aceitabilidade, como vemos a partir dos usos de ‘maior problema’ e de ‘mó problema’ abaixo:

- a) maior problema (formal) ~ maior problema (informal)
- b) *mó problema (formal) ~ mó problema (informal)

O uso de ‘mó problema’ em contexto formal não ocorre atualmente no PB: é uma agramaticalidade, já que ocorre categoricamente em registro informal. Situação oposta acontece com o uso de ‘maior problema’, que pode ocorrer em contextos de formalidade ou de informalidade. Tal especificidade de uso referente à construção [MóX] evidencia, portanto, que o conhecimento construcional em relação ao item em questão, armazenado na memória rica dos falantes, controla tal distribuição de ocorrência.

Nesta subseção, apresentamos o conceito de informalidade, tendo em vista a perspectiva de Marcuschi (2007). Além disso, à luz de Bybee (2013), consideramos o fato de tal propriedade pragmática integrar o significado da construção em estudo. No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, bem como o passo a passo das ações realizadas.

3 METODOLOGIA

3.1 A pesquisa

O Funcionalismo, como já visto anteriormente, postula que, para entendermos o comportamento linguístico de um item num ponto específico do tempo, precisamos remontar sua historicidade (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA e VOTRE, 1999, p.85). Dessa forma, além de analisarmos e descrevermos contemporaneamente a construção em estudo, traçamos também sua provável trajetória evolutiva. Na parte que coube à investigação etimológica, contamos com a ajuda do mestre em Linguística (UFRJ), também licenciado em Português-Latim (UFRJ), Kleveland Cristian Barbosa.

Posto isso, descreveremos a partir de agora o passo a passo para a realização deste trabalho. Num primeiro momento, debruçamo-nos sobre nosso alvo da investigação: o uso da construção [MóX] no PB atual. Por ser uma estrutura informal e empregada em situações comunicativas menos monitoradas, deparamo-nos com ocorrências em gêneros textuais diversos, como em letras de músicas, *memes*, *chats* e *gibis*, todos associados a contextos informais. Vejamos os exemplos abaixo:

Figura 1 – A construção [MóX] em letras de música (*funk*)

FUNK - É Mó Mancada

Mr. Catra

Formar caô, não dá valor

Não levar fé no criador

Conspirar, bulir, falhar

Se for morfar vão se viciar

Abraça ideia errada quem quer, mané

A pista tá salgada, marisco mete o pé

Descansar no iorgute e coisa pra mulher

Ficar de fricotagem é **mó mancada**, né?

É mó mancada

Falar demais e dar ideia errada

Abandonar os mano na estrada

Deitar na sombra da rapaziada, [...]

Fonte: <https://www.vagalume.com.br> › mr-catra › mo-mancada

Figura 2 – A construção [MóX] em memes



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/eu-toda-madrugada-mo-fome-ZxkIrCGq7>

Figura 3 – A construção [MóX] em chats



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/670714244650769358/>

Figura 4 – A construção [MóX] em gibis



Fonte: <https://backoldmonica.blogspot.com/p/em-1997-foram-lancadas-as-propagandas.html>

Encontramos, em busca rápida na internet, construtos da construção [MóX] em diversos contextos. Contudo, por tais ocorrências estarem dispersas em várias fontes, e não em um único *corpus*, sua catalogação se mostrou impossível. Então, ainda nesta etapa, realizamos uma procura pelos construtos no *Corpus do Português*; porém, por tal fonte de dados abarcar textos mais formais (notícias, reportagens, textos literários etc.), nenhuma ocorrência envolvendo a construção [MóX] foi obtida na seção 'histórico'. No entanto, na seção 'Now', encontramos alguns dados, mas em quantidade insuficiente para alcançarmos o objetivo deste trabalho. Por isso, descartamos a busca por meio desse *corpus*.

Num segundo momento, tendo em vista o suposto traço de informalidade da construção e a necessidade de encontrarmos um *corpus* que abarcasse uma quantidade de dados suficiente para comprovar a construcionalização da construção [MóX], optamos por uma busca pelos construtos no *Twitter*, onde as comunicações se dão com menor grau de monitoramento. De fato, numa primeira busca, a rede social apontou para uma quantidade elevada de dados (de longe, superior a 1.000 ocorrências). Por ser humanamente impossível coletar tamanha quantidade, optamos por considerar somente construtos produzidos em anos ímpares a partir de 2007, quando se datam as primeiras ocorrências. Dessa forma, levamos em conta somente os anos de 2007, 2009, 2011, 2013, 2015, 2017, 2019 e 2021. A partir desse recorte, coletamos 100 ocorrências a cada ano e, ao final, obtivemos 800 dados para a amostra.

Num terceiro momento, a fim de descrever a construção, realizamos uma categorização dos dados tendo em vista as características semânticas, categoriais, do item X. Então, identificamos 4 categorias gerais: SN, SAdj, SV e SAdv. A título de refinamento analítico, após observação inicial das informações formais e funcionais dos itens, subdividimos tais classes da seguinte forma:

1. SNs: concretos e abstratos;
- 2.SAdj: prototípicos e não prototípicos;
- 3.SAdv: tempo, modo e intensidade;
- 4.SV: finito (presente, passado) e não finito (gerúndio, infinitivo).

Na sequência, empreendemos as análises à luz das reflexões dos autores aqui já citados: Silva (2008), Foltran e Nóbrega (2016) e Marcuschi (2007). Silva (2008) foi fundamental para compreender a função comunicativa da construção, isto é, a intencionalidade por detrás dos usos, que vai desde uma avaliação até uma estratégia de convencimento ou de conexão entre as partes de um texto. Já Foltran e Nóbrega (2016) nos permitiram compreender a natureza da partícula ‘mó’ a partir de critérios estabelecidos pelos autores, pelos quais testamos se o item se enquadraria como adjetivo ou como prefixo intensificador, o que descartaria a ideia de que a construção [MóX] fosse, de fato, um *chunk* recentemente surgido no constructicon do PB, via construcionalização. Por fim, Marcuschi (2007) embasou nosso entendimento sobre o suposto caráter de informalidade da construção [MóX] e, em conjunto com Bybee (2013), possibilitou determinarmos se a informalidade seria apenas um aspecto relacionado ao contexto comunicativo ou se poderia ser encarada como propriedade pragmático-discursiva encapsulada no sentido convencionalizado da construção. A natureza híbrida do Twitter, que possui caráter de oralidade, apesar de seus textos serem escritos, justificou tais considerações.

Além disso, para reconstruirmos a possível trajetória evolutiva da construção [MóX], levantamos a hipótese de que ele tenha se originado de ‘mor’ por meio de apócope do [r] final. Dada a ausência de estudos sobre a etimologia do primeiro, fizemos uma busca no *Corpus do Português* – que resultou em 5 ocorrências –, a fim de analisar e comparar as propriedades de ‘mó’ e ‘mor’, bem como confirmar tal elo etimológico.

Ainda em busca da historicidade da construção [MóX], consultamos o dicionário etimológico de Antenor Nascentes (1955), o qual apresenta a seguinte trajetória evolutiva de ‘mor’: maior > maor > moor > mor. A título de aprofundamento, consultamos a obra de

Corominas e Pascual (1984), que assinalam uma competição entre ‘maior’ ~ ‘maor’ ~ ‘moor’. A fim de obter mais detalhes sobre a distribuição desses três itens, recorreremos também ao portal *Universo Cantigas*, mediante o qual catalogamos 3 dados do galego-português, que foram cotejados com os usos de ‘Mó’ seguido por X e ‘mor’ + X.

Na sequência, focalizamos o estudo da forma ‘maior’ no latim. Para tal fim, coletamos informações sobre tal item nas gramáticas de Faria (1958), Berge *et alii* (1946) e Pinkster (2015). Além disso, foram coletadas e analisadas ocorrências de ‘maior’ no latim, especificamente, 5 obtidas na plataforma *The Latin Library*, que foram comparadas tanto com [MóX] do PB atual e com ‘mor’ do português do século XX quanto com ‘moor’, ‘maor’ e ‘maior’ do galego-português.

Cabe aqui destacar que não foi empreendida uma análise exaustiva de um grande volume de dados do latim, do galego-português e do português do século XX. Entretanto, esse brevíssimo percurso histórico foi realizado, e foi suficiente, para atingirmos um dos objetivos básicos da pesquisa: observar se houve ou não alguma mudança linguística, seja na forma, seja no sentido, seja em ambos os polos da construção [MóX] em estudo.

Dito isso, passemos à próxima subseção. Nela, explicitaremos o porquê de termos escolhido o *Twitter* como fonte de dados para a realização deste trabalho.

3.2 Por que o Twitter?

O *Twitter* é uma rede social usada para comunicação instantânea, ou seja, em tempo real. É acessada por milhões de pessoas do mundo inteiro: todas conectadas à rede ao mesmo tempo, de modo que podem interagir entre si, bem como produzir e compartilhar opiniões e informações. Outra característica desse *website* é a possibilidade de circulação de textos de caráter informal: nele, a língua pode ser usada indiscriminadamente, com baixo grau de monitoramento, ou seja, emprega-se o registro informal da língua em diferentes momentos. Nesse sentido, cabe notar que, se a construção [MóX], além do traço de intensificação, possui, de fato, traço implícito de informalidade, entendemos que o *Twitter* é o local ideal para realizarmos a busca de nossos dados tendo em vista as características mencionadas.

Por fim, ressalta-se que, em tal espaço, as pessoas podem assumir outras identidades, criar perfis falsos e grupos etc., fatos que comprometem o rastreamento de informações

extralinguísticas; por isso, fatores como sexo, idade, grau de escolaridade não foram levados em conta para a realização desta pesquisa.

3.2.1 A coleta de dados no *Twitter*

Dada a grande velocidade de difusão de informações e o amplo alcance do *Twitter*, seria impossível catalogar e analisar todos os dados da construção em foco ali encontrados. Por isso, em razão deste recorte da pesquisa - a descrição desses usos no PB contemporâneo, especificamente do século XXI -, optamos por coletar 100 dados, a partir do ano de criação da rede social¹⁷, intercaladamente e até o ano de 2021, numa tentativa de padronizar a busca. Ao final, obtivemos 800 ocorrências de uso da construção [MóX]. Na maior parte dos anos, os dados coletados são do mês de dezembro, exceto no ano de 2007, quando as ocorrências ainda eram escassas.

Após a coleta dos dados, como já dito, decidimos quantificá-los e separá-los pelas categorias evidenciadas em X: SN, SAdj, SAdv, SV. Para além disso, com o intuito de refinar a pesquisa, subcategorias foram criadas. Assim, para os sintagmas nominais, duas subcategorias foram estabelecidas: a de substantivo concreto e a de substantivo abstrato. Quanto aos adjetivais, optamos por categorizá-los em prototípicos (formados por apenas uma palavra) e não prototípicos (formados por locuções). Os sintagmas adverbiais foram assim determinados: tempo, modo e intensidade. Já os sintagmas verbais foram subclassificados em finitos e não finitos, sendo o primeiro grupo de verbos conjugados (presente, passado, futuro) e o segundo, formas nominais (infinitivo, gerúndio e participípio).

Essa classificação se fez necessária, devido a uma análise qualitativa inicial dos dados, que nos levou a percepção de que tais informações estariam relacionadas à possibilidade de restrições construcionais (colocacionais) de possíveis subesquemas da construção [MóX] em questão. Tais subesquemas carregariam as informações de forma e sentido da *Construção de informalidade e intensificação* [MóX] em tela, mas não apenas estas, já que apresentariam restrições formais ou funcionais específicas, que evidenciarium um nível mais baixo na rede da construção [MóX]. Seriam eles os subesquemas [MóX_{SN}], [MóX_{SADJ}], [MóX_{SADV}], [MóX_{SV}].

¹⁷ O *Twitter* foi criado em 2006; no entanto, não foi observada nenhuma ocorrência da construção em estudo durante esse ano. Logo, o ano a ser considerado como ponto de partida foi 2007.

Após a coleta e a quantificação dos dados, realizamos as análises comparativas, a fim de descrever os resultados. Mais detalhes acerca disso são fornecidos a seguir.

3.3 A análise pancrônica

Para a realização desta investigação, empreendemos uma análise pancrônica. Por meio dela, mapeamos diacronicamente a origem e os aspectos formais e funcionais de usos que estariam historicamente na base da formação da construção [MóX]. Como visto, foram observados diacronicamente aspectos como: i) integridade fonética; ii) ordenação; iii) determinante; iv) tipo de X; v) semântica da construção e vi) grau de formalidade.

Por meio da análise pancrônica, ainda, mapeamos sincronicamente a suposta Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], a especialização da estrutura em contextos situacionais informais e a ampliação da classe hospedeira. Igualmente, descrevemos as características mais funcionais e pragmáticas da construção: a avaliação, a informalidade e a intensificação. Finalmente, do cruzamento das análises, atestamos que a construção [MóX] emerge do processo de construcionalização, isto é, do surgimento de um novo nó na rede após mudanças tanto no polo da forma e quanto no do significado.

3.4 O tipo de abordagem da pesquisa

O presente trabalho foi realizado por meio de abordagem quantitativa-qualitativa, uma vez que a intenção era comprovar e descrever a mudança linguística por intermédio dos dados coletados, quantificados e analisados. Essa escolha é motivada pela corrente teórica assumida; pois, de acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p.21), a LFCU entende que as alterações linguísticas são efetivadas mediante vários fatores - dentre eles, os sociais, comunicativos, cognitivos, estruturais e históricos - e que a aferição em relação à frequência de ocorrência é de suma importância

Entendemos, conforme Traugott e Trousdale (2021), que faz-se necessário analisar a historicidade da Construção de Informalidade e Intensificação, para atestar mudanças nos planos da forma e nos do sentido do item. Por isso, no capítulo a seguir, mostraremos a parte

da pesquisa que traz informações acerca da trajetória evolutiva da construção em estudo, bem como seu processo de mudança.

4 RESULTADOS

4.1 Possível Trajetória de Mudança da Construção [MóX]

Nesta seção, apresentamos a possível origem da construção [MóX], sendo necessário, para tal, regressar ao latim, bem como ao galego-português e ao português do século XX. Isso porque a hipótese do surgimento daquele pareamento forma-função aponta para o latim, a partir do item ‘maior’, e perpassa pelo galego-português e pelo português do século XX, conforme evidências empíricas a serem apresentadas a seguir.

4.1.1 No latim¹⁸

Passemos à trajetória evolutiva do item partindo do latim. Faria (1958, p.125) diz se tratar de um adjetivo irregular, resultante da junção da raiz mag (>magnus, “grande”) com o sufixo comparativo de superioridade ‘-ior’, usado para o masculino e feminino. Já Berge *et al.* (1946, p.57), em relação ao significado desse morfema, afirmam que “O comparativo indica também grau elevado ou demasia. Maior - por demais grande, muito grande, grande demais.”, enquanto, na mesma esteira, Pinkster (2015, p.46, tradução nossa) reconhece que “A partir de muitos adjetivos, podem ser derivadas as formas de comparativo e superlativo que indicam que a propriedade relevante se aplica a entidade em um grau mais alto ou no mais alto grau de intensidade”.

Dessa forma, é possível compreender semanticamente como, a partir do sentido comparativo, passa-se ao sentido de intensidade, sendo este sobreposto àquele, conforme podemos observar atualmente na construção [MóX]. De acordo com Miranda (2009, p.69), isso ocorre porque, sendo uma experiência concreta, o primeiro constitui um domínio fonte para o segundo, entidade mais abstrata e correspondente ao domínio-alvo num processo de extensão ou transferência metafórica.

¹⁸ Parte deste capítulo foi utilizado no artigo “Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá”, escrito em parceria com o Prof. Me. Kleveland C. Barbosa (UFRJ) e com o Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior (UFRJ).

Após indicarmos as propriedades do modificador ‘maior’ no latim, para ilustrar, citamos algumas de suas ocorrências, extraídas da plataforma *The Latin Library*¹⁹:

Quadro 6 – Dados do latim

<p>(27) coepi observare ecqui maiolem filius mihi honorem haberet (PLAUTUS, <i>Aulularia</i>, séc. III-II a.C.)</p> <p>Comecei a observar se por acaso o filho prestaria maior sacrifício para mim do que o pai dele havia prestado.</p>
<p>(28) quattuor reliquas legiones in castra maiora reduxit (CAESAR, <i>Bellum Gallicum</i>, séc. I a.C.)</p> <p>Reconduziu as quatro legiões restantes para o acampamento maior</p>
<p>(29) iuratus dicit Timarchidem dixisse maiolem pecuniam ab accusatoribus (CICERO, <i>In Verrem</i>, séc. I a.C.)</p> <p>Sob juramento diz que Timarchides afirmou que um [montante] maior de dinheiro foi dado pelos acusadores</p>
<p>(30) quo Etiam maior vir habendus-est quoniam illam sapientiam constituendae civitatis duobus prope saeculis ante cognovit (CICERO, <i>De Oratore</i>, séc. I a.C.)</p> <p>Daí, inclusive, [Numa Pompilius] deve ser tido como homem mais importante, visto que conheceu, quase dois séculos antes, aquela sabedoria necessária para estabelecer a cidade</p>
<p>(31) alioqui maiolem invidiam quam proxime passurus (PLINIUS SECUNDUS, <i>Epistularum</i>, séc. I-II d.C.)</p> <p>Do contrário, estaria em vias de disseminar impopularidade maior do que antes</p>

Fonte: Elaborado por Barbosa (2021) para submissão de artigo à Revista Matraga da UERJ

A partir da comparação dos dados supracitados, percebemos que, no latim, ‘maior’ pode recrutar tanto substantivos concretos, como ‘honorem’ [sacrifício] (27), ‘castra’ [acampamento militar] (28), ‘pecuniam’ [dinheiro] (29) e ‘vir’ [homem] (30), quanto abstratos, como vimos em ‘invidiam’ [impopularidade] (31). Verificamos também que o modificador pode ocorrer em diferentes partes da sentença: antes do nome ((29) a (31)), depois dele ((28)) e, inclusive, com elementos entre modificador e modificado, como se constata em (27), no qual há os SN ‘filius’ [filho] e ‘mihi’ [para mim]. Ademais, para além do

¹⁹ O século entre parênteses (nas ocorrências), após o nome das obras, refere-se ao tempo de vida dos autores, numa tentativa de indicar, ainda que aproximadamente, o momento em que os dados foram produzidos. A fonte dessa informação é a enciclopédia virtual Britannica.

sentido intensificador, há outros matizes de sentido para o item (FARIA, 1962): comparativo em (27) e (31), dimensivo em (28), quantitativo em (29), e superlativo em (30).

Por fim, em termos de registro, é possível notar que as estruturas envolvendo a construção em questão ocorrem em um *continuum* de formalidade. Os exemplos (28), (29) e (30) são considerados mais formais (um comentário, um tratado e um discurso jurídico); os outros ((27) e (31)) possuem características menos formais, uma vez que figuram nos gêneros comédia e a carta.

4.1.2 No galego-português

Observemos agora a trajetória evolutiva da construção em estudo no galego-português. À luz de Antenor Nascentes (1955), constatamos que a forma ‘maior’ sofreu os seguintes processos fonéticos:

- monotongação de [ai] > [a] (maor);
- assimilação de [ao] > [oo] (moor);
- crase de [oo] para [o] (mor).

Corominas e Pascual (1984, p. 890) afirmam que as formas ‘maior’, ‘maor’ e ‘mor’ competem entre si. Para ilustrar, citamos algumas ocorrências como exemplo, disponíveis no portal *Universo Cantigas*²⁰:

Quadro 7 – Dados do galego-português

<p>(32) veed’ ora se á maior coita no mundo de sofrer! (PERO GARCIA BURGALÊS, <i>De quantos mui coitados som</i>, séc. XIII)</p> <p>Considera agora se há de sofrer o maior castigo no mundo!</p>
<p>(33) E por aquesto sofr’eu a maor coita de quantas fez sofrer Amor (?)</p> <p>E por isto eu sofro o maior castigo dos quais o Amor fez sofrer</p>

²⁰ Não há informações sobre o autor ou sobre o nome da cantiga do dado (7) nem no *Universo Cantigas* nem em outras fontes. Nos outros dois dados, indica-se o ano de produção de forma aproximada, tendo em conta o período em que viveu o autor, com base em informação disponível no site *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*.

(34) E que máis ei de que perç' a perder? O corpo perç' e, quant' é meu cuidar, non á i mai nen posso mais saber nen **moor perda** non poss' eu Osmar (PERO GARCIA BURGALÈS, *Meus amigos, oimais quero dizer*, séc. XIII)

E o que mais hei de perder daquilo que [já] perco? Pereço e, ao meu ver, não há mais aí nem posso mais saber, nem **maior perda** posso calcular

Fonte: Elaborado por Barbosa (2021) para submissão de artigo à Revista Matraga da UERJ

Diferentemente do latim, no galego-português, conforme a amostra dos dados, os modificadores aparecem apenas em posição pré-nominal, junto a substantivos abstratos ('coita' e 'perda'). Ademais, tais ocorrências não podem ser classificadas como mais ou menos formais, já que, apesar de pertencerem à literatura - esfera que tende a ser de natureza mais formal - elas apresentam traços de oralidade, de modo que estão no meio do *continuum*.

Os dados do galego-português são aqui de suma importância, uma vez que podem estar evidenciando duas características de forma e função fundamentais da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], detectadas na atual sincronia do PB: a fixação da forma 'mó' na posição inicial da construção e sua gradativa associação a contextos situacionais de informalidade.

Por fim, para além de uma leitura intensificadora dos dados, constatamos também que aparece em alguns deles o valor superlativo (estritamente relacionado ao comparativo)²¹, como em (32) e (33). Inclusive, em (33), esse sentido emerge a partir da associação de 'maor' com artigo - classe gramatical inexistente no latim, daí não termos ocorrências de 'maior' combinado com tal determinante naquela língua.

Talvez isso seja um indício da paulatina especialização de sentido da construção [MóX], que focaliza intensificação em contextos situacionais de informalidade, e não mais a informação de comparativo.

4.1.3 No português do século XX

Finalmente, chegamos à possível origem da forma 'mó', que, provavelmente, leva-nos à forma arcaica 'mor'. Tal conjectura se mostra plausível porque, conforme Calou, Moraes,

²¹ Não podemos perder de vista que todo adjetivo de valor superlativo contém implicitamente a ideia de valor comparativo. A diferença entre os dois tipos de gradação é que a comparação se dá entre 2 entidades (1:1), ao passo que o superlativo ocorre entre 1 entidade e o todo.

Leite (1998), o fenômeno de apócope do [r] em coda é antigo na variante brasileira, especialmente nas falas de pessoas negras. Outro aspecto corroborativo para tal hipótese é a semelhança de distribuição e de características morfossintáticas partilhadas por ‘mor’ e ‘mó’. A partícula ‘mor’ já modificava majoritariamente nomes, conforme constatamos nos dados extraídos do *Corpus do Português*, todos da obra *Os Rios Inumeráveis*, de Álvaro Cardoso Gomes (1997):

Quadro 8 – Dados do Português do século XX

(35) “tal fora o som dum martelo batendo em bigorna, não me causou mor dano ...”
(36) “mas há quem diga que plantas de mor porte alimentam-se também de cervos e javalis e até mesmo de jaguares”
(37) “Iguapinho, poeta mor compositor de Eldorado, embalava com o violão uma música”
(38) “A guerra parece causar-lhes o mor prazer ”

Fonte: Elaborado por Barbosa, (2021) para submissão de artigo à Revista Matraga da UERJ

Na amostra, ‘mor’ ocorre à esquerda do elemento modificado e recruta substantivos abstratos (‘dano’, ‘porte’ e ‘prazer’) e concretos (‘compositor’). O modificador ainda figura em contexto mais formal: num romance escrito no final do século XX. Além disso, verificamos que o dado (36) é o único em que a estrutura expressa comparação de tamanho; nos demais, predomina a leitura associada à intensidade, tão cara aos dados da atual sincronia. Por fim, percebe-se que “mor” admite a anteposição de artigo (38), conferindo-lhe um sentido superlativo (comparativo), combinação que não se mostra possível com [MóX].

Assim, com base no presente exposto, levantamos a hipótese de que ambas as formas, ‘mor’ e ‘mó’, coexistem por um tempo na posição pré-nominal. No entanto, aos poucos, a forma ‘mó’ triunfa e vai formando, junto do item por ela modificado, um único *chunk*, de características formais e funcionais que indicam a emergência de um item independente na língua, de caráter associado à intensificação e restrito a contextos situacionais de informalidade, como veremos mais à frente. Já o item ‘mor’, passa a figurar na posição pós-nominal, na qualidade de sufixo ainda produtivo contemporaneamente, como podemos constatar em capitão-mor, sapatão-mor, ladrão-mor (SANTOS, SIMÕES NETO, 2020).

Nesse contexto de discussão, é necessário abordarmos novamente a expansão das classes gramaticais aceitas pelo *slot* da construção [MóX]. Para tanto, traçamos outra hipótese: sendo, originalmente, um adjetivo no grau comparativo, é esperado que o item ‘maior’ – ‘maior’ ~ ‘maor’ ~ ‘moor’ ~ ‘mor’ – associe-se, originalmente, a substantivos para

qualificá-los. Contudo, é possível que a expansão do *slot* (X) na Construção de Informalidade e Intensificação [MÓX] tenha começado quando ‘mó’ adquiriu o sentido específico de intensificador e, com isso, construcionalizou-se como uma partícula integradora de um *chunk* que modifica nomes, adjetivos, advérbios e até verbos. Na verdade, devido às especificidades de suas características formais e funcionais, os dados apontam para a formação de uma construção mediante construcionalização, evidenciada no histórico apresentado.

Com o intuito de síntese, apresentamos no quadro abaixo os principais resultados de nossa análise inicial, contendo o resumo da trajetória da CxN em estudo, tendo em vista os seguintes fatores de análise: i) integridade fonética; ii) ordenação; iii) determinante; iv) tipo de X; v) semântica da construção; vi) grau de formalidade.

Quadro 9 – Resumo das propriedades da estrutura Maior X e suas variantes

Fatores	Latim	Galego-português	Port. Séc. XX
Integridade fonética	Preservação da integridade fonética no padrão escrito	Reduções fonéticas maor>moor> mor	Reduções fonéticas mor>mo
Ordenação	Ordenação flexível	Fixação pré-nominal	Fixação pré-nominal
Determinantes	Ausência	Presença	Presença
Tipo de X	SN (concretos e abstratos)	SN (abstratos)	SN (concretos e abstratos)
Semântica da construção	Comparativo/intensificador/dimensivo/quantitativo/superlativo	Superlativo/comparativo/intensificador /	Intensificador /comparativo
Grau de formalidade	±Formal	±Formal	+ Formal

Fonte: Elaboração própria

Nesta breve apresentação de dados, foi possível constatar: (i) a severa erosão fonética sofrida pelas formas em questão, pela qual o *chunk* [MÓX] possivelmente se originou; (ii) o enrijecimento da ordenação das palavras, pelo qual ‘maior’~‘maor’~‘moor’ no galego-português, assim como ‘mor’ no português do século XX se fixaram em posição pré-nominal, em detrimento da ordenação flexível de ‘maior’ + X no latim; (iii) a combinação dos modificadores com artigos no galego-português e no português do século XX, fenômeno impossível no latim; (iv) o recrutamentos de SN concretos e abstratos no latim e no português do século XX e a aparente predileção por SN abstratos no galego-português; (v) o

enfraquecimento gradativo do valor comparativo original em prol do sentido intensificador e (vi) a ocorrência das estruturas com ‘mor’ apenas no mais registro formal em oposição as com ‘maior’, ‘maor’ e ‘moor’, passíveis de figurarem em registros mais ou menos formais.

Dito isso, a partir de agora, passaremos aos resultados do mapeamento pancrônico da CxN em estudo, separadamente por subesquema. Além dos dados já mostrados aqui anteriormente, contabilizamos 800 ocorrências, todas extraídas do *Twitter*, que serão apreciadas a seguir.

4.2 A construção [MóX] no PB contemporâneo - Século XXI (2007 até 2021)

A partir de agora, passaremos à análise da construção em estudo no PB contemporâneo, no período de 2007 a 2021²². Em seguida, mostraremos os resultados da análise do mapeamento pancrônico da construção em foco. Para tanto, além dos dados anteriormente citados - do latim, galego-português, português do século XX -, analisamos o uso da construção [MóX] a partir de 800 ocorrências de uso oriundas do *Twitter*. Tais construtos refletem o uso cristalizado da estrutura no PB contemporâneo (no século XXI), modelado, por hipótese, pela categorização, pelo fenômeno de *chunking*, pela memória rica, entre outros PCDG.

Inicialmente, encontramos o *slot* X sendo preenchido por quatro classes gramaticais distintas: SN, SAdj, SAdv e SV, uma mudança em relação às sincronias anteriores em que só havia modificação de SNs. Quanto aos *types* (tipos) e *tokens* (ocorrências) de X_{SN} , apareceram 163 *types* diferentes (em meio a 409 ocorrências), dentre eles, ‘saúde’, ‘vontade’, ‘chuva’, ‘tempão’, entre outros. Já o X_{SAdj} apresentou uma diversidade de tipos um pouco maior: 188 tipos (num universo de 364 dados), dentre elas, ‘legal’, ‘bonito’, ‘gatinha’, ‘cara de’. Em se tratando do X_{SAdv} , houve 9 tipos distintos (de um total de 14 dados), como ‘bem’, ‘cedo’ e ‘pra baixo’. Finalmente, o X_{SV} apresentou 13 tipos diferentes (em 13 ocorrências), a exemplo de ‘esperando’, ‘relembrando’ e ‘tinha que fazer’. Os números referentes aos *types* e *tokens* de X ficaram distribuídos da seguinte forma:

²² Para justificar a lacuna existente entre 2000 e 2007, cabe esclarecer que a rede social *Twitter* foi criada em 2006. No entanto, apenas a partir de 2007, começamos a encontrar algumas ocorrências contendo nosso objeto de estudo. A partir de 2008, a construção já foi encontrada de forma mais significativa.

Tabela 1 – Frequência de tipo e de ocorrência de X

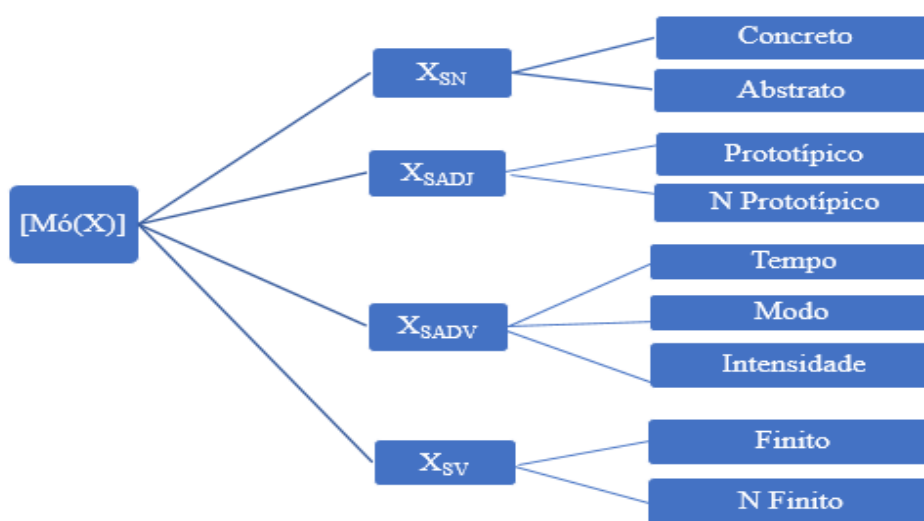
Tipos de X					
Frequência	X(SN)	X(SADJ)	X(SADV)	X(SV)	Total
Tipo	163	188	9	13	373
Ocorrência	409	364	14	13	800

Fonte: Elaboração própria (2022)

Com o intuito de refinar a pesquisa, fizemos uma análise qualitativa dos elementos que configuravam os *slots* supracitados, notadamente detectamos e definimos subclassificações em relação à distribuição desses elementos nas categorias emergentes do *slot* (X). A observação acerca de características específicas dos itens em questão poderia permitir a identificação de características e restrições gramaticais (construcionais) que poderiam, em última análise, apontar para a emergência de subsquemas específicos de modificação de nomes, adjetivos, advérbios e verbos.

Percebemos, então, que os SNs precisariam ser divididos em concretos e abstratos; os SAdjs em prototípicos (um só adjetivo) e não prototípicos (locuções adjetivas); os SAdv em tempo, modo e intensidade²³ e, para finalizar, os SVs em finitos (formas conjugadas) e não finitos (formas nominais do verbo). Vejamos a figura abaixo:

Esquema 4 – As subclassificações do sintagma X



Fonte: Elaboração própria (2022)

²³ Cabe aqui dizer que optamos por estas subclassificações por serem as únicas encontradas nas 800 ocorrências.

Após analisar os tipos de X tendo em conta tanto as subclasses quanto os anos das ocorrências, obtivemos os seguintes resultados acerca da distribuição dos tipos de X:

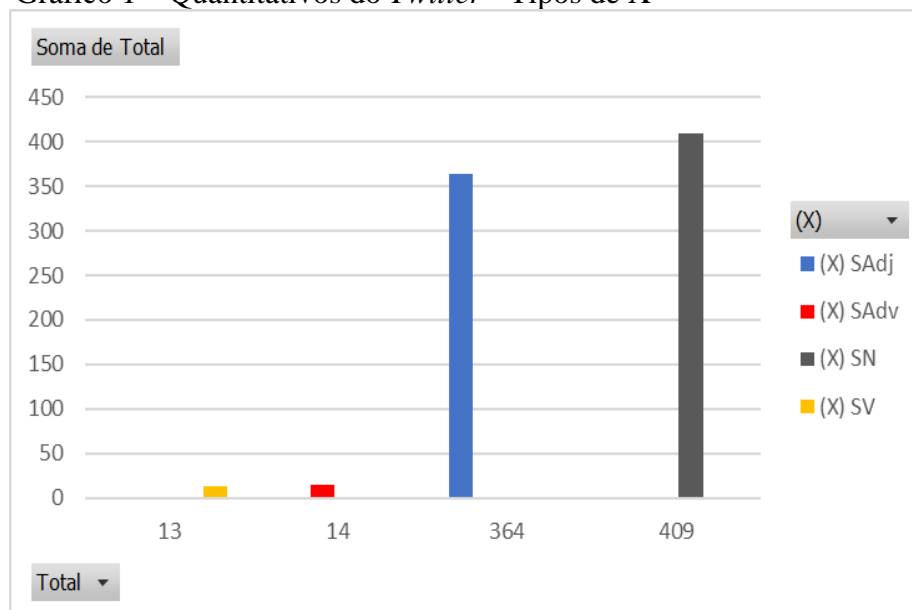
Tabela 2 – Tipos de X - Subclassificação por ano

Análise 1	SN		SAdj		SAdv			SV	
Análise 2	Conc	Abst	Prot	N Prot	Tem	Mod	Int	Fin	N Fin
2007	4	43	42	8	1	1	1		
2009	7	35	42	8		2		3	3
2011	1	59	33	5	1			1	
2013	2	48	41	8		1			
2015	2	46	45	4	1	1		1	
2017	3	55	33	5		3			1
2019	3	54	36	6					1
2021	1	46	37	11	1	1		2	1
Total	23	386	309	55	4	9	1	7	6
Total geral	409		364		14			13	

Fonte: Elaboração própria (2022)

Para representar graficamente os números citados no ‘total geral’ do quadro anterior, apresentamos o gráfico abaixo. Por meio dele, é possível perceber que a construção formada por [MóX] recruta majoritariamente SNs.

Gráfico 1 – Quantitativos do *Twitter* - Tipos de X



Fonte: Elaboração própria (2021)

No entanto, por meio do gráfico acima, percebemos ainda que o padrão [MóX_{SAdj}] tem se tornado cada vez mais frequente, de acordo com os dados do *Twitter* nos últimos anos. Com isso, ‘X’ naturalmente deixou de se restringir a SN, já que, conforme visto na seção anterior, o *slot* X se aplicava somente a nomes, e não às outras categorias.

Apresentamos aqui dados numéricos que comprovam a produtividade da construção em foco. Nas próximas subseções, descreveremos os resultados das análises de X, tendo em vista seu comportamento na construção, quando representado, em seus *slots*, por SN, SAdj, SAdv e SV. Defendemos, de acordo com os princípios da GCBU, que a determinação de características específicas desses slots pode apontar para o surgimento não apenas de uma ‘nova’ construção no PB, a construção [MóX], mas também de subsquemas ligados a essa categoria mais abstrata.

4.2.1 A construção [MóX_{SN}]

A partir de agora, para demonstrarmos o comportamento da estrutura em estudo e suas características de forma e sentido, apresentamos um mapeamento de construtos extraídos do *Twitter* que instanciam a construção, iniciando por [MóX_{SN}].

Em relação ao quantitativo, dentro de um universo de 800 dados, encontramos 409 ocorrências, o que representa 51,1% do total dos dados coletados. Após a definição das subclassificações, os SNs foram contabilizados e, de acordo com os resultados, foi possível perceber que, dos 409 SNs, os abstratos (386 ou 94,38%) prevalecem fortemente em relação aos concretos (23 ou 5,62%). A possibilidade de emergência de SNs abstratos na posição X possivelmente se deu pela fixação, diacronicamente falando, do elemento pré-nominal, o que possibilitou a expansão da classe hospedeira, que passa a ser compatível com substantivos concretos e abstratos.

De todo modo, o que importa, do ponto de vista sincrônico, é que a fortíssima distribuição de SNs abstratos no *slot* X, em relação aos SNs concretos, parece apontar para elevado grau de restrição construcional, evidenciada por tal característica colocacional e falando a favor da emergência de um pareamento específico modificador de SNs nominais abstratos. O quadro abaixo apresenta a quantidade desses SNs por ano:

Tabela 3 – Quantidade de SNs concretos e abstratos por ano

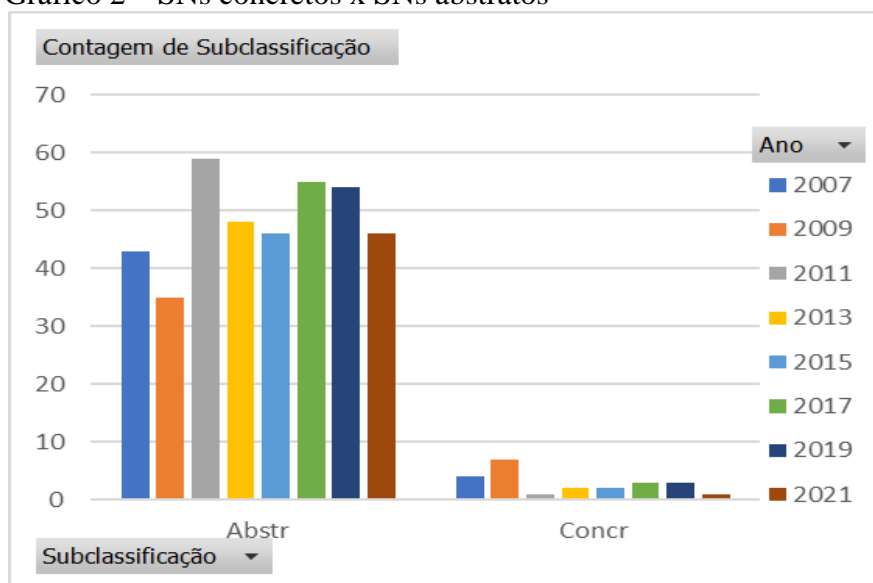
Type Subclassificação	SN		
	Conc	Abst	Total por ano
2007	4	43	47
2009	7	35	42
2011	1	59	60
2013	2	48	50
2015	2	46	48
2017	3	55	58
2019	3	54	57
2021	1	46	47
Total	23	386	409

Fonte: Elaboração própria (2022)

Consoante o quadro acima, os anos de 2011, 2017 e 2019 apresentaram mais ocorrências de $[MóX_{SN}]$. Quanto às subclassificações, 2009 foi o ano com maior ocorrência de SNs concretos (7) e 2011, de abstratos (59).

O gráfico abaixo apresenta a distribuição desproporcional no uso de SNs concretos em relação aos abstratos nos últimos anos:

Gráfico 2 – SNs concretos x SNs abstratos



Fonte: Elaboração própria (2021)

Um ponto importante também por nós observado é que, a partir de 2019, as ocorrências totais de [MóX_{SN}] apresentam certa estabilidade distribucional ao longo dos anos e simultaneamente as de [MóX_{SAdj}] mostraram tendência de aumento, como será visto adiante. Trata-se de uma tendência natural, visto que, sendo originária de um adjetivo comparativo latino ('maior'), seria esperado que '[MóX]', num primeiro momento, recrutasse mais substantivos - itens passíveis de modificação por aquela classe - e, num segundo momento, passasse a admitir outras classes. A novidade é a aparente tendência de fixação colocacional de adjetivos da configuração X.

A título de ilustração, selecionamos, dos dados coletados para esta pesquisa, algumas ocorrências formadas por [MóX_{SN}] para breve análise qualitativa. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 10 – Alguns dados da CxN [MóX_{SN}] coletados do Twitter

(39) ***** 30 de dez de 2011#to aki num mo tediooo ...> (2011)
(40) *****30 de dez de 2011 maaaaano , tem uma mina aqui mais nova que eu , parece e mó copão de breja . E eu nada , foi mal ai HSUAHSUAHSUAHSUAHSUAHSUA
(41) *****.30 de dez de 2009 tava mó sol bonito e agora já escureceu!
(42) ***** 30 de dez de 2019 Mó burocracia p tomar uma cerveja

Fonte: Elaboração própria (2021)

Nos dados acima, observamos em (39) e (42), ocorrências formadas por 'mó' associado aos SNs abstratos 'tédio' e 'burocracia', respectivamente; já em (40) e (41), figura associado aos SNs concretos 'copão' e 'sol bonito'. Vale ressaltar que tais dados foram escolhidos com base nos anos de maior frequência *token* de [MóX_{SN}] - a saber, 2011, 2009 e 2019.

Em (39) '**mo tediooo**', constatamos uma dupla intensificação, que ocorre em 'mó' e no alongamento da vogal 'o', quando ela se repete. Isso se dá porque, de acordo com Silva²⁴ (2008), a intensificação serve para comunicar a superelevação das coisas de sorte que, com o intuito de realçar tal extrapolação, o falante pode usar dois intensificadores na mesma estrutura, tornando-a mais avolumada. Ainda se tratando do alongamento da duração vocálica, cabe ressaltar que se trata de um traço típico da oralidade para intensificar, que figura também

²⁴ Cabe ressaltar que, apesar de estarmos considerando as funções de Halliday (ideacional, interpessoal e textual), citadas por Silva (2008), elas não serão assumidas como fatores analíticos, isto é, não serão quantificadas em gráficos ou em tabelas, visto que muitas das ocorrências obtidas no *Twitter* não contam com contexto suficiente para identificarmos a(s) função(ões) ali presente(s). Assim, esse aporte teórico será usado tão somente como suporte de análise de alguns dados quando o contexto disponível assim o permitir.

em textos escritos mais informais, ou seja, constitui uma estratégia fonético-gráfica. Em conjunto, isso ratifica a ocorrência da construção [MóX] em registro informal.

Já em (40) ‘**mó copão**’, ocorre algo parecido com (39): para além do ‘mó’, ocorre outro intensificador, mas dessa vez no âmbito morfológico: o sufixo ‘-ão’. Outro diferencial é a finalidade argumentativa dessa dupla marcação: acentuar o contraste elevado entre a quantidade de cerveja ingerida pelo locutor e pela menina da qual se fala. Igualmente, ressalta-se o emprego da palavra ‘breja’, típica do registro informal, o que reforça a associação da CxN em estudo ao contexto situacional de informalidade.

Em (41) ‘**mó sol bonito**’, por sua vez, observamos que ‘mó’ não incide apenas sobre o SN concreto ‘sol’, mas também sobre o adjetivo ‘bonito’, o que vai ao encontro das considerações de Foltran e Nóbrega (2016) quando afirmam que itens intensificadores podem modificar outros elementos já modificados. Quanto à função da construção, percebe-se que, para além de contrastar com ‘escureceu’, ‘mó sol bonito’ é altamente expressivo, porque, se o enunciador tivesse dito apenas ‘tava claro e agora já escureceu’, o objetivo de ressaltar a mudança brusca de tempo talvez não tivesse disso atingido. Evidência disso é a mobilização de mais palavras (um intensificador e um adjetivo subjetivo), ou seja, a maior massa fônica.

Finalmente, em (42) ‘**Mó burocracia**’, observamos o uso do vocábulo ‘burocracia’, originalmente pertencente ao âmbito administrativo, que passou a ser empregado informalmente para qualquer situação de morosidade desnecessária para se conseguir algo simples. No caso, o enunciador se refere à dificuldade para conseguir uma cerveja, escolha lexical esta que nos leva, portanto, a duas conclusões: (1) a ratificação da instanciação da construção em contexto informal e (2) a finalidade expressiva da estrutura, uma vez que ‘burocracia’ já contém em si uma ideia de demora exacerbada, sendo esta elevada ao extremo pelo intensificador ‘mó’.

Nesta subseção, apresentamos o comportamento da construção [MóX_{SN}] - um subesquema - de 2007 a 2021. A partir da quantificação e análise dos dados em suas subclassificações, notamos que o padrão [MóX_{SN}] recruta, majoritariamente, substantivos abstratos (386/409). Na próxima subseção, apresentaremos a análise da construção [MóX_{SADJ}].

4.2.2 A construção [MóX_{SAdj}]

Em relação ao padrão [MóX_{SAdj}], foram encontrados 364 dados, número que representa 45,5% do total de ocorrências (800) coletadas para este trabalho. Dessa quantidade, os subclassificados como ‘prototípicos’ - formados por um só adjetivo - foram amplamente mais recorrentes (309 ou 84,9%) do que os não prototípicos - formados por locuções (apenas 55 ocorrências ou 15,1%). Uma explicação provável para isso é o fato de os adjetivos prototípicos ou simples, como ‘feio’, ‘bonito’, já estarem desgastados pelo uso; por isso, naturalmente se associam à ‘mó’, numa tentativa de, semanticamente, aumentar sua carga de expressividade. Diferem-se, pois, dos adjetivos não prototípicos, que são mais marcados, mais expressivos por natureza. O quadro abaixo apresenta a quantidade desses SAdjs por ano:

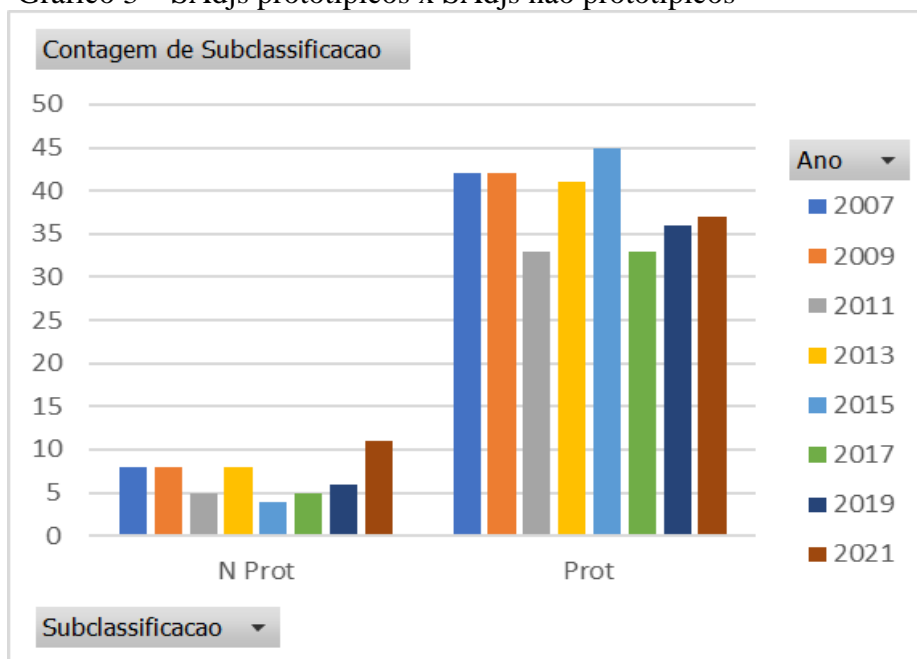
Tabela 4 – Quantidade de SAdjs prototípicos e não prototípicos por ano

<i>Type</i> Subclassificação	SADJ		
	Prot	N prot	Total por ano
2007	42	8	50
2009	42	8	50
2011	33	5	38
2013	41	8	49
2015	45	4	49
2017	33	5	38
2019	36	6	42
2021	37	11	48
Total	309	55	364

Fonte: Elaboração própria (2022)

No quadro, observamos que os anos de 2007, 2009, 2013, 2015 e 2021 foram os que apresentaram mais dados que instanciaram [MóX_{SAdj}]. Notadamente, o ano de 2015 apresentou o maior número de ocorrências de prototípicos (45) e o ano de 2021, de não prototípicos (11). Igualmente, o gráfico abaixo indica que, nos últimos anos (2017, 2019 e 2021), os SAdjs simples foram mais frequentes do que locuções:

Gráfico 3 – SAdjs prototípicos x SAdjs não prototípicos



Fonte: Elaboração própria (2022)

Novamente, do ponto de vista sincrônico, a fortíssima distribuição de SAdjs simples, aqui denominados ‘prototípicos’, aponta para o forte grau de restrição construcional, evidenciado pela tendência colocacional desse tipo de adjetivo em relação às locuções adjetivas. Tal tendência fala a favor da emergência de um pareamento específico modificador de SAdjs simples, revelando, em outras palavras, que o falante do PB sincrônico sabe “o que pode e o que não pode” surgir na configuração do *slot X*, ou seja, a natureza do conhecimento gramatical acerca de tal subesquema.

Vejamos abaixo, algumas ocorrências que separamos do *corpus* para análise qualitativa e a título de ilustração:

Quadro 11 – Alguns dados da CxN [MóXSAdj] coletados do Twitter

- | |
|--|
| (43) *****.20 de dez de 2007 Em resposta a *****fala sério, né? ***** mó gatinha... ***** te dar o livro do Mr. Dick pelo seu sorriso?? hahahahahah |
| (44) *****.30 de jan de 2009 gente kd as pessoas bonitas e barraqueiras do BBB? Tem uma velha 5 barbies e uns caras mó sem salahhh assim não dá audiência dona Lili |
| (45) ***** 1 de jan de 2021 Em resposta a *****que jeito, tua conta ta mo dahora falando de anime dasygdysag, mo hype , mas ve oq é melhor pra ti1 |
| (46) ***** 1 de jan de 2021 eu sou mo idiota e bobão1 |

Fonte: Elaboração própria (2021)

Igualmente como fizemos na subseção anterior, selecionamos 4 ocorrências formadas por SAdj, produzidas nos anos em que a construção foi mais instanciada. É possível observarmos que a amostra é formada por SAdj prototípicos, como em (43) e (46), e não prototípicos, como em (44) e (45).

Em (43) **‘mó gatinha’**, temos a palavra ‘mó’ associada à ‘gatinha’, esta própria do registro informal, que remete à ‘garota bonita’, o que corrobora com a informalidade discursiva da construção. Interessante notar ainda que tal vocábulo perdeu a composicionalidade, de modo que não é mais transparente o significado avaliativo por parte do sufixo -inha. Por isso, com o intuito de reforçar aquela semântica, tal item se combina com ‘mó’.

Já em (44) **‘mó sem sal’**, verifica-se que o qualificador ‘sem sal’ é uma expressão do registro informal, bastante recorrente na oralidade para exprimir indivíduo desinteressante, o que robustece nossa tese a respeito da especialização de ‘MóX’ nessa situação comunicativa. Ademais, à luz das metafunções de Halliday citadas por Silva (2008), observa-se a função textual endofórica, especificamente anafórica, uma vez que a expressão ‘mó sem sal’ retoma a ausência de pessoas bonitas e barraqueiras, presente em ‘gente kd as pessoas bonitas e barraqueiras do BBB?’

Em (45) **‘mo dahora’ e ‘mó hype’**, por seu turno, observamos o emprego de uma linguagem mais informal, no âmbito do “internetês”, posto que se juntam e se abreviam palavras (‘dahora’ ‘oq’), corroborando a nossa hipótese sobre a ocorrência dessa construção em registros desse tipo. No dado, verificamos ainda uma tentativa de convencer o interlocutor a não mudar o conteúdo de sua página. Para atingir tal objetivo, o falante, numa atitude apelativa, começa a discorrer elogios sobre o conteúdo da página, valendo-se de duas expressões formadas por ‘mó’, sendo a primeira associada à ‘dahora’ (não prototípico) e a segunda à ‘hype’(prototípico), ambos lado a lado.

Entretanto, assumimos aqui que, apesar de estarmos tratando as expressões ‘dahora’ e ‘sem sal’ como exemplos de adjetivos não prototípicos, a leitura das expressões acontece em bloco, por serem altamente idiomatizadas, o que fala a favor de que tais itens sejam interpretados como adjetivos plenos e ratifica a tendência aqui já observada de que há uma restrição gramatical forte do subesquema a usos que não sejam de adjetivos prototípicos.

Por fim, em (46) **‘mo idiota’**, confirmamos novamente a informalidade da construção mediante as escolhas lexicais ‘bobão’ e ‘idiota’, qualificadores próprios daquele registro. Ainda, percebemos que o falante intensifica dois de seus atributos por meio de estratégias

diferentes: o intensificador ‘mó’, com valor de prefixo, e o sufixo -ão, conferindo, assim, grande expressividade ao que está sendo proferido.

Nesta subseção, apresentamos o comportamento da construção [MóX_{SAdj}]. A partir da análise dos dados, notamos que esse padrão, possivelmente um subesquema da rede [MóX], recruta, majoritariamente, adjetivos simples (prototípicos), tendo em vista que, dentro de um universo de 800 ocorrências, 364 são formadas por [MóX_{SAdj}], das quais 309 concernem a SAdj prototípicos. Na próxima subseção, apresentaremos a análise da construção [MóX_{SAdv}].

4.2.3 A construção [MóX_{SAdv}]

No que diz respeito à construção formada por [MóX_{SAdv}], observamos um total de 14 ocorrências, o que representa 1,7% de 800 ocorrências. Dessa quantidade, 4 (ou 28,5%) correspondem a advérbios de tempo; 9, (ou 64,2%) a advérbios de modo e 1 (ou 7,1%), a advérbio de intensidade. Dada essa baixa quantidade, não podemos indicar uma dessas subclassificações como a mais recorrente, mas chama atenção o percentual de 64,2% referente ao uso de advérbios de modo nesse contexto.

Ainda, a distribuição dos tipos de advérbios recrutados pela construção assinala-nos aparentemente uma forte restrição ao *slot* X, já que não foram encontrados itens que exprimissem semânticas adverbiais de afirmação, lugar ou dúvida, por exemplo. Por hipótese, assumimos que o caráter de gradação de certos tipos de advérbio possa estar relacionado aos usos (ou não) de certos itens na configuração do *slot* X. É provável que isso se dê pois nem todos os advérbios são passíveis de gradação, como é o caso daqueles que expressam negação, dúvida e afirmação (?‘mó hoje’²⁵, ?‘mó ontem’, ?‘mó talvez’, ? ‘mó certamente’), o que geraria agramaticalidade.

Por outro lado, certos advérbios de tempo e modo são compatíveis semanticamente com a construção, o que torna este ponto alvo de futuras possíveis investigações. De qualquer forma, a aparente restrição construcional referente ao caráter de gradação dos advérbios justifica nossa defesa pela emergência de um subesquema de modificação adverbial [MóX]. A gradiência identificada entre as categorias adjetivo e advérbio pode estar na base de toda essa

²⁵ O símbolo ‘?’ indica que possivelmente a estrutura não seja aceitável para os falantes e que, para confirmarmos se essa associação entre adv. de negação, dúvida e afirmação a [MóXAdv] é aceita ou não, seria necessário realizar experimentos psicolinguísticos.

discussão, já que adjetivos são cada vez mais previstos na posição X, o que abre espaço para usos adverbiais. Novamente esse é um ponto para possíveis futuras investigações.

O quadro abaixo apresenta a quantidade desses SAdvs por ano:

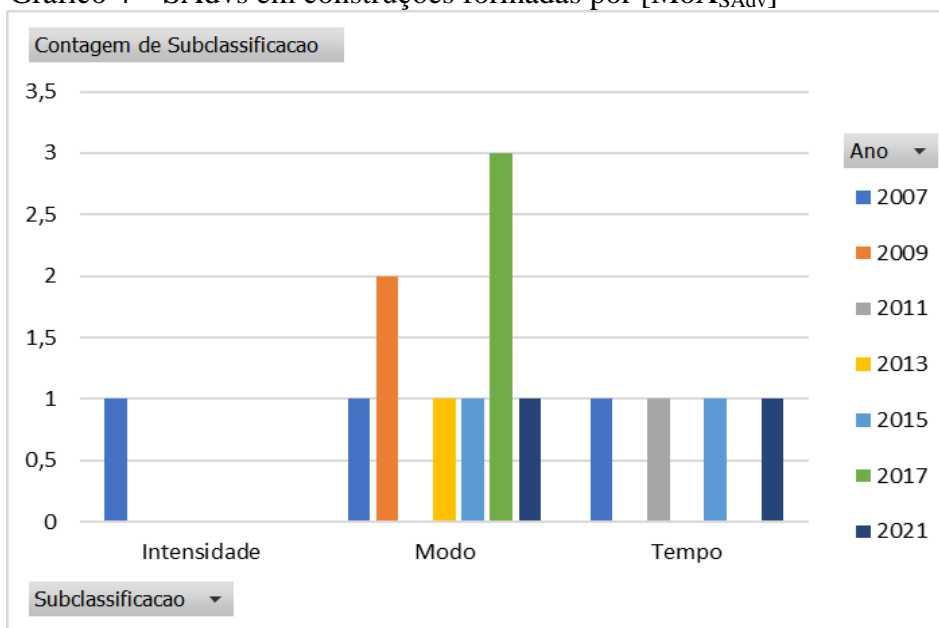
Tabela 5 – Quantidade de SAdvs de tempo, de modo e de intensidade por ano

<i>Type</i> Subclassificação	SADV			
	Tem	Mod	Int	Total
2007	1	1	1	3
2009	-	2	-	2
2011	1	-	-	1
2013	-	1	-	1
2015	1	1	-	2
2017	-	3	-	3
2019	-	-	-	0
2021	1	1	-	2
Total	4	9	1	14

Fonte: Elaboração própria (2022)

Consoante o quadro acima, dada a baixa quantidade de dados obtidos (se levarmos em conta os quantitativos dos padrões [MóX_{SN}] e [MóX_{SAdj}]), não podemos indicar o ano em que a construção em análise tenha sido mais recorrente nem os anos em que cada subtipo de advérbio tenha sido mais frequente. Assim, de modo geral, não há aumento nem declínio no uso de tais estruturas, mas sim estabilidade. De todo modo, salientamos o que há de mais importante nesses dados: a possibilidade de usos de advérbios na posição X, uma opção não prevista em diacronias anteriores do PB, como já discutido ao longo desta dissertação, o que evidencia, novamente, o caso de construcionalização aqui tratado.

O gráfico abaixo apresenta a recorrência dos SAdvs na CxN em estudo:

Gráfico 4 – SAdvs em construções formadas por [MóX_{SAdv}]

Fonte: Elaboração própria (2022)

Abaixo, para ilustrar, separamos algumas ocorrências com a construção em foco.

Quadro 12 – Alguns dados da construção [MóX_{SADV}] coletados do Twitter

(47) ***** 30 de dez de 2015 Amanhã tenho que acordar mó cedão
(48) ***** 9 de out de 2007 Daft Punk é simplesmente ótimo. Tipo, mó demais .
(49) ***** 30 de dez de 2013 Meu pai ta mo de boa HAHAHA
(50) ***** 30 de dez de 2017 Eu estava malzona por tudo que estava acontecendo cmg, mais dai fiquei com Duda!! E ela e top, me faz mo bem aindaaaaa Ex Best

Fonte: Elaboração própria (2022)

Nas ocorrências acima, apresentamos casos em que X é representado por um SAdv. Quanto à subclassificação destes, aparecem respectivamente como advérbio de tempo (47), de intensidade (48) e de modo (49) e (50).

Em (47) ‘**mó cedão**’, destacamos a associação do advérbio ‘cedo’ ao sufixo de grau ‘-ão’, algo recorrente no registro informal (‘rapidão’, ‘agorinha’, ‘daqui a pouquinho’), esfera esta em que ocorre [MóX]. Ainda, mencionamos mais um caso de dupla intensificação (Silva, 2008), já que a noção de intensidade é expressa tanto por essa combinação entre advérbio de tempo e sufixo aumentativo quanto pela própria construção em análise.

Já em (48) ‘**mó demais**’, a informalidade fica bastante evidente, principalmente pelo fato de o falante usar a palavra ‘tipo’, expressão típica do registro informal. Observamos

também que tanto ‘mó’ quanto ‘demais’ expressam intensidade, um caso de dupla intensificação, tal qual observado por Silva (2008). Por fim, averiguamos, à luz das metafunções de Halliday (*apud* Silva, 2008), que ‘mó demais’ tem função textual endofórica (especificamente, anafórica), visto que retoma o adjetivo ‘ótimo’, numa possível tentativa de reforçar a qualidade da dupla francesa Daft Punk.

Em (49) ‘**mo de boa**’, por sua vez, a questão da informalidade é patente pelo uso da expressão adverbial ‘de boa’ e também pela contração ‘tá’, típicas da oralidade, assim como do registro informal. Ainda em (49), observamos a função expressiva da estrutura, uma vez que o falante poderia ter usado simplesmente ‘meu pai tá tranquilo’, mas, ao invés disso, optou por ‘de boa’, forma com mais massa fônica e, conseqüentemente, com uma carga expressiva bem maior.

Finalmente, em (50) ‘**mo bem**’, constatamos uma linguagem mais informal mediante as escolhas lexicais ‘top’ e ‘malzona’, assim como a forma ‘Duda’, que exprime intimidade/afetividade. Tudo isso em conjunto ratifica a associação da construção em análise aos contextos mais informais. Igualmente, ressaltamos o contraste entre o advérbio ‘malzona’ e ‘mó bem’, a fim de reforçar a ideia que a ‘Duda é top’. Interessante notar que ambos os itens veiculam um sentido intensificador por meio de estratégias distintas: um no âmbito da morfologia e outro, na esfera da morfossintaxe, respectivamente.

Nesta subseção, apresentamos a estrutura [MóX_{SADV}]. A partir da análise dos dados, notamos que não é possível determinar uma subclassificação do item X como a mais recorrente, dada a pouca quantidade de dados obtidos, mas identificamos certa tendência de uso de advérbios que permitem gradação. Na próxima subseção, apresentaremos a análise da construção com [MóX_{SV}].

4.2.4 A construção [MóX_{SV}]

Quanto à construção [MóX_{SV}], dentro de um universo de 800 dados, encontramos 13 ocorrências, ou seja, esse quantitativo representa 1,6% dos dados coletados. A título descritivo, subclassificamos o item verbal como ‘finito’ ou ‘não finito’, sendo o primeiro grupo formado por verbos no pretérito - ‘mó considerava’, ‘mó tinha que fazer’ - e no presente - ‘mó sabe’, ‘mó mia’, ‘mó entendo’; já o segundo grupo é constituído por verbos no gerúndio - ‘mó esperando’, ‘mó desabafando- e no infinitivo - ‘mó querer ministrar’. Em termos de

número absoluto e porcentagem, obtivemos 7 ocorrências (ou 53,8%) de finitos e 6 (ou 46,1%) de não finitos. Com os critérios de finitude/infinitude, dada a insuficiência de dados e o relativo equilíbrio quantitativo entre eles, não podemos, em um primeiro momento, indicar uma subclassificação como recorrente.

Entretanto, importa notar que verbos no futuro não preencheram o *slot* construcional, provavelmente por uma restrição deste possível subesquema. De fato, nas construções com verbos, a construção [MóX] assume um significado assertivo, de tal maneira que itens verbais no futuro (‘?mó vou falar’, ‘?mó iremos viajar’), em princípio, não seriam compatíveis com a construção, por se remeterem a ações ou estados que ainda nem aconteceram e, por isso, incertos.

O quadro abaixo demonstra a quantidade desses SVs por ano:

Tabela 6 – Quantidade de SVs finitos e não finitos por ano

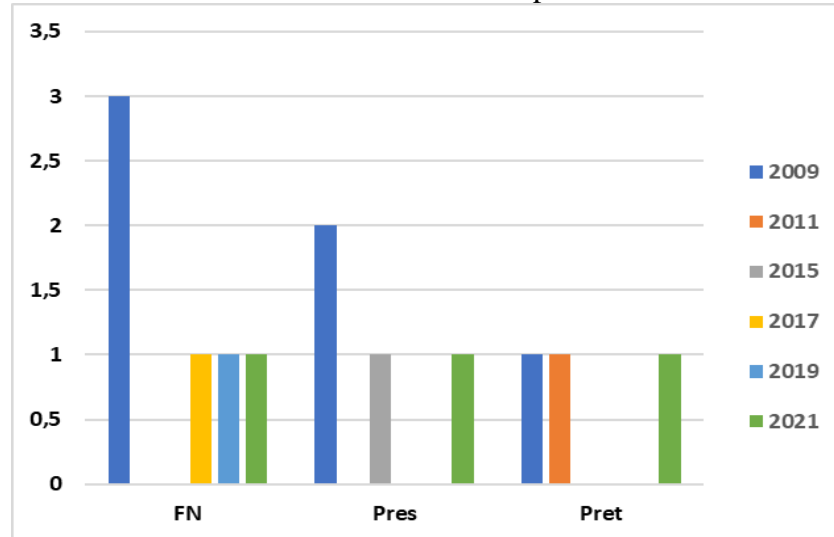
<i>Type</i> Subclassificação	SV		
	Fin	N Fin	Total
2007	-	-	0
2009	3	3	6
2011	1	-	1
2013	-	-	0
2015	1	-	1
2017	-	1	1
2019	-	1	1
2021	2	1	3
Total	7	6	13

Fonte: Elaboração própria (2022)

De acordo com o quadro acima, mais uma vez em razão da ínfima quantidade de dados disponíveis, não podemos apontar um período em que a construção passa a ser mais frequente, nem os anos em que as subclassificações ocorreram de modo expressivo. Tendo isso em vista, constata-se um relativo equilíbrio na distribuição das ocorrências, ou seja, é impossível falar sobre aumento ou sobre declínio no uso da estrutura, embora chame atenção o fato de que, a partir dos anos mais recentes, tens verbais tenham passado a configurar o *slot*

X, apresentando, inclusive, restrição construcional. O gráfico abaixo apresenta a recorrência dos SV(FN) na construção em estudo por ano:

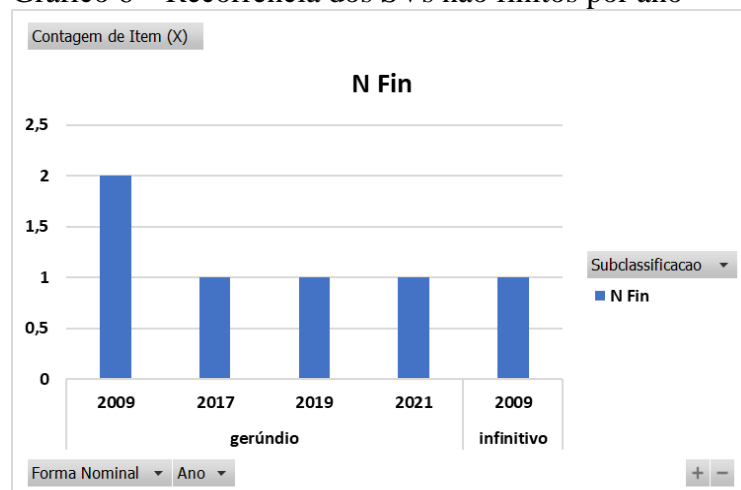
Gráfico 5 – Recorrência dos SVs finitos por ano



Fonte: Elaboração própria (2022)

O gráfico acima mostra que, em relação aos dados, houve uma distribuição equilibrada entre os SVs finitos nos tempos presente e pretérito, tendo em vista a quantidade irrisória de ocorrências na amostra. Abaixo, apresentamos um gráfico para demonstrar também os quantitativos dos SV não finitos por ano:

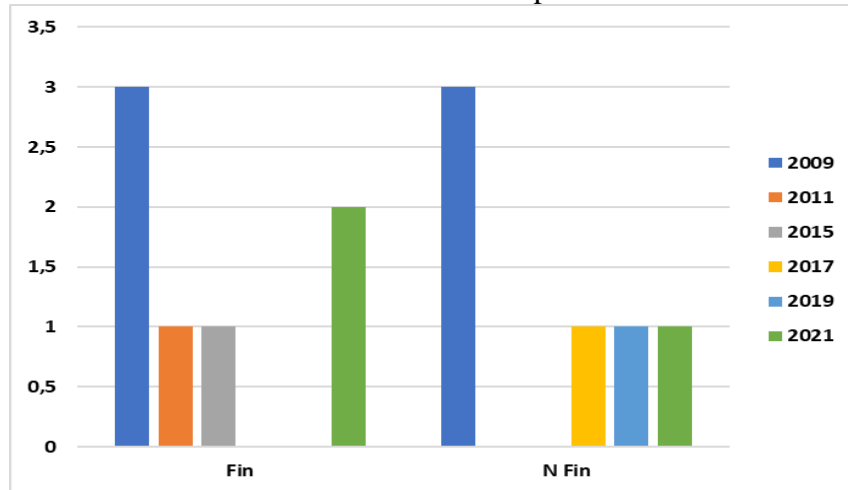
Gráfico 6 – Recorrência dos SVs não finitos por ano



Fonte: Elaboração própria (2022)

Situação semelhante ocorreu com as formas não finitas: distribuição equilibrada e baixo número de ocorrências coletadas. Por fim, apresentamos o gráfico 7, que mostra a distribuição dos dados dos SV finitos e dos SV não finitos ano a ano:

Gráfico 7 – Os SVs finitos e não finitos por ano



Fonte: Elaboração própria (2022)

Abaixo, para ilustrar, separamos algumas ocorrências da construção em foco:

Quadro 13 – Alguns dados da CxN [MóXSV] coletados do Twitter

(51) ***** 29 de jan de 2009 A Carla, secretária do Pedro Malan, **mó sabe** pra quem eu vou trabalhar, mas não pode contar! PM sempre dá trufa, quero ir com eles! xD

(52) ***** 30 de dez de 2015 caralho, minha mãe **mo mia** role pqp

(53) ***** 30 de dez de 2017 eu **mo tirando** foto com a bruna e minha turma la atras tirando todo mundo junto kkkkkkkkkkkkkkkk azideia

(54) ***** 1 de jan de 2021 eu **mo desabafando** com o uber ai ele me solta um "ce é sulista" que desagradável

Fonte: Elaboração própria (2022)

Acima, apresentamos ocorrências em que X é representado por um SV. Quanto à subclassificação, aparecem, respectivamente: finitos ‘sabe’ (51) e ‘mia’ (52) (tempo presente) e não finitos ‘tirando’ (53) e ‘desabafando’ (54) (gerúndio) associados a ‘mó’.

Em (51) ‘**mó sabe**’, observamos alguns traços do registro informal, como a contração ‘pra’ e a locução verbal ‘vou trabalhar’ para exprimir o tempo futuro em vez da forma verbal simples ‘trabalharei’. Para além disso, percebemos um sentido assertivo do falante, uma vez que ao transmitir sua mensagem, ele afirma com veemência que ‘a secretária’ tem

conhecimento sobre para quem ele vai trabalhar, o que justifica o uso de ‘mó’ associado ao verbo.

Já em (52) ‘**mo mia**’, a informalidade é perceptível por meio dos palavrões ‘caralho’ e ‘pqp’, bem como dos vocábulos ‘rolê’ e ‘mia’, que são considerados gírias do PB. Percebemos ainda que ‘mó’ realça o aspecto iterativo do verbo, isto é, a expressão de ação rotineira, própria do presente do indicativo.

Em (53) ‘**mo tirando**’ e (54) ‘**mo desabafando**’, há marcas do registro informal, evidentes em ‘azideia’ (em vez de ‘as ideias’) ‘ai’ e ‘ce’ em conformidade com a situação comunicativa em que figuram os usos de [MóX]. Ademais, em ambos os exemplos, percebemos que ‘mó’ está associado ao gerúndio, de modo a realçar o aspecto durativo expresso por tal forma nominal.

Nesta subseção, apresentamos o comportamento da construção [MóX_{SV}]. Resumidamente, após a análise, notamos que o padrão [MóX_{SV}] recruta, de forma equilibrada, tanto verbos finitos no tempo presente e pretérito quanto não finitos (gerúndio e infinitivo). Destacamos a aparente restrição construcional referente à impossibilidade de usos de verbos no futuro, o que na nossa interpretação pode apontar para a emergência de um subesquema do tipo [MóX_{SV}]. Na próxima subseção, apresentaremos o que vamos chamar aqui de construções mais emancipadas.

4.2.5 As construções mais emancipadas

Sobre os padrões [MóX_{SN}] e [MóX_{SA_{adj}}], entendemos que alguns usos, tendo em vista sua alta frequência no *corpus*, podem ser considerados como mais lexicalizados à luz da GCBU, ou seja, são instâncias diretas de representações emancipadas na rede, como [Mó saúde], [Mó tempão], [Mó preguiça], [Mó vontade] e [Mó legal]. Com isso, tais construções são facilmente acessadas no curso do processamento e produção linguística, pois já estão prontas, disponíveis e armazenadas em nossa memória enriquecida (BYBEE, 2016). Tais padrões são classificados, em Traugott & Trousdale (2013), como microconstruções, por serem de natureza substantiva, configurando em níveis mais baixos da rede construcional. Para determinarmos quais estruturas se mostravam mais emancipadas, ou independentes,

estabelecemos o seguinte critério: frequência superior a 17 *tokens*²⁶. Para corroborar o exposto, apresentamos o número de vezes (frequência de ocorrência) que elas apareceram na nossa amostra:

Tabela 7 – Frequência *token* das construções mais emancipadas

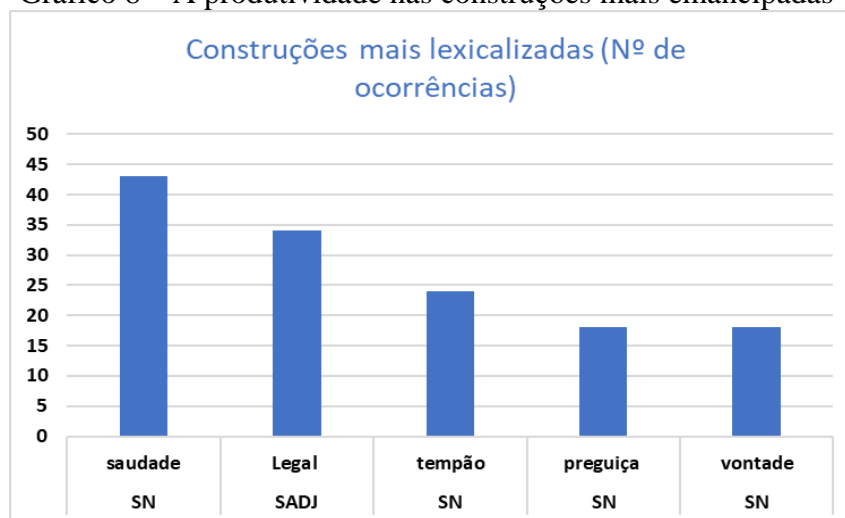
Sintagma	Construção	Frequência de ocorrência
Nominal	‘mó saudade’	43/409
	‘mó tempão’	24/409
	‘mó preguiça’	18/409
	‘mó vontade’	18/409
Adjetival	‘mó legal’	34/364

Fonte: Elaboração própria (2022)

‘Mó legal’ e ‘Mó saudade’, como instanciações de construções mais emancipadas ou independentes, lideram as ocorrências. Observemos que, das construções consideradas como mais emancipadas, 4 são formadas pelo padrão [MóX_{SN}], com SNs abstratos em todos os casos, e 1 pelo padrão [MóX_{SAdj}], com adjetivo prototípico, subclassificações estas consideradas como as mais recorrentes em ambas as microconstruções. Igualmente, a proximidade estatística entre ‘mó saudade’ e ‘mó legal’ ratifica o que foi comentado anteriormente: o aumento da produtividade do padrão [MóX_{SAdj}] na língua. Abaixo, apresentamos o gráfico que mostra a produtividade das construções mais emancipadas:

²⁶ Entendemos ser difícil atestar uma construção mais emancipada de modo categórico, mas assumimos, pelos dados e tendo por base nossa própria intuição linguística de falantes nativos do PB, que tais itens sejam acessados de modo mais particularizado.

Gráfico 8 – A produtividade nas construções mais emancipadas



Fonte: Elaboração própria (2022)

De acordo com o quadro abaixo, os construtos de [Mó saudade] ocorreram mais frequentemente em 2019, 2017, 2015 e 2013. A construção [Mó legal], por sua vez, foi instanciada de forma elevada em 2007 e 2009. Por outro lado, [Mó tempão], [Mó preguiça] e [Mó vontade] ocorreram de modo equilibrado na amostra. Abaixo, apresentamos os totais ano a ano por construção considerada como lexicalizada:

Tabela 8 – Construções mais emancipadas por ano

[MóX]	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021	Totais
[mó saudade]	-	3	2	7	8	9	13	1	43
[mó legal]	11	11	1	2	4	1	2	2	34
[mó tempão]	-	2	3	3	5	7	2	2	24
[mó preguiça]	2	3	3	2	2	4	-	2	18
[mó vontade]	-	-	-	3	3	2	2	8	18

Fonte: Elaboração própria (2022)

Abaixo, separamos algumas ocorrências para ilustrar as construções emancipadas:

Quadro 14 – Construções mais emancipadas por ano

(55) ***** 30 de dez de 2019 No começo do ano não via a hora de acabar esse ano logo, agora só queria voltar no começo dele.... Mó saudade dos mlk
(56) ***** 30 de dez de 2019 Em resposta a ***** e ***** Qual foi, já vi mó tempão , bglh esquisitão kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
(57) ***** 26 de nov de 2007 to com sono.. mas mó preguiça de ir dormir.. to pasmando aqui O_O ahh q tédio.. to ouvindo angels and airwaves (tá.. não zoa ¬¬)
(58) ***** 1 de jan de 2021 se foi pelos brinquedos q ela recebeu, tem nd a ver n gnt kkkkkk, aqls brinquedos lá eh mó legal de jogar, tem idade pra aquilo n, já se fosse coisinhas de nenê aí sim eu estaria em surto

Fonte: Elaboração própria (2022)

Nos dados acima, ‘mó’ figura associado aos SN ‘saudade’ (55), ‘tempão’ (56) e ‘preguiça’ (57), bem como ao SAdj ‘legal’ (58), categorias frequentes entre as construções emancipadas. Quanto às subclassificações, nos três primeiros construtos, ocorrem nomes abstratos; ao passo que, no último, adjetivo prototípico.

Em (55) ‘**Mó saudade**’, percebemos o registro informal por meio da sigla ‘mlk’, que representa a palavra ‘moleque’, e pela repetição da palavra ‘ano’, características típicas de um contexto comunicativo informal. Além disso, observamos, em ‘mó saudade’, uma função endofórica, uma vez que retoma o trecho ‘agora só queria voltar no começo dele’, isto é, indica o motivo de o emissor querer voltar ao começo do ano.

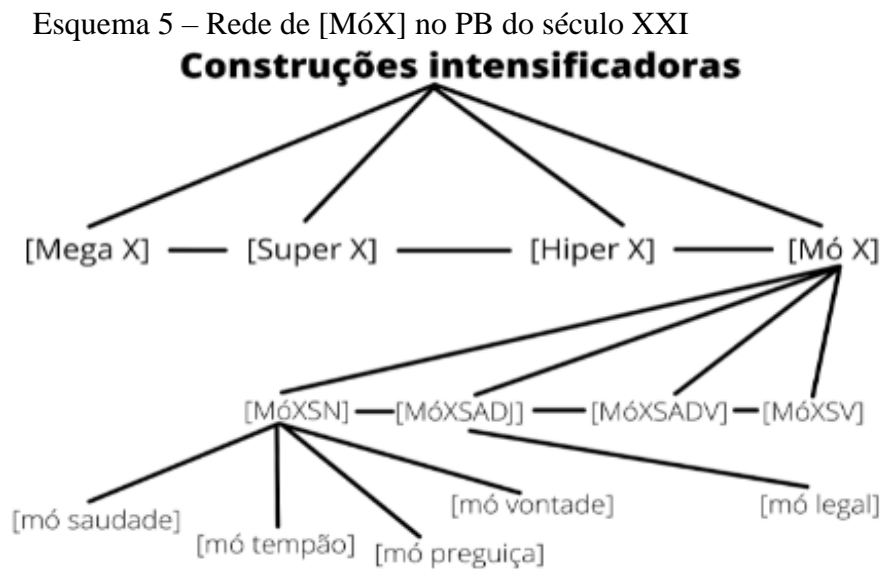
Já em (56) ‘**mó tempão**’, é nítida a linguagem informal, marcada pela expressão ‘Qual foi’; ‘tempão’ (advérbio associado ao sufixo ‘-ão’); a sigla ‘bglh’, substituindo a palavra ‘bagulho’, e ‘esquisitão’. Igualmente, identificamos que ‘tempão’ já contém em si uma marca intensificadora (o sufixo de grau -ão), porém é recrutado por [MóX_{SN}], resultando numa intensificação duplicada. Isso ocorre provavelmente por enfraquecimento semântico daquele sufixo (ou, até mesmo, esvaziamento), fazendo com o que o falante o combine com ‘mó’ para reforçar tal sentido.

Em (57) ‘**mó preguiça**’, por sua vez, notamos as seguintes marcas de informalidade: ‘to’ em vez de estou, ‘ir dormir’ em vez de ‘dormirei’, o neologismo ‘pasmando’, a interjeição ‘ahh’, as abreviaturas ‘q’ (‘que’), ‘ta’ (‘está’) e a gíria ‘zoa’. Ainda, constatamos que ‘mó’ foi usado com o intuito de contrabalançar a informação, posto que, apesar do sono, a preguiça de dormir consegue maior, daí a mobilização de ‘mó preguiça’.

Por fim, em (58) ‘**mó legal**’, ressaltamos vários traços de informalidade, quase todos típicos do texto informal escrito: a palavra ‘que’ representada por ‘q’; ‘gente’, por ‘gnt’; ‘aqueles’, por ‘aqls’; ‘nada’, por ‘nd’; ‘não’ por ‘n’; eh, por ‘é;’ e ‘pra’, por ‘para’. Para além disso, salientamos que ‘mó legal’ apresenta uma função endofórica, notadamente catafórica,

visto que o falante primeiramente afirma que os brinquedos são ‘mó legal de jogar’, mas só explica o porquê depois: ‘não tem idade pra jogar aquilo não.’, ou seja, ‘mó legal’ conecta duas partes do texto. Ainda é digno de menção o uso opositivo entre ‘mó legal’ e ‘coisinhas de nenê’, de sorte que a primeira estrutura expressa valorização dos brinquedos recebidos, ao passo que a segunda, mediante o sufixo ‘-inho’, reduz o valor de outros brinquedos. Ao fazer essa contraposição, a emissora reforça sua tese de que não está nervosa pelo presente recebido.

Tendo em vista tudo que foi discutido sobre os dados coletados no Twitter, representamos abaixo a rede construcional da construção [MóX] no PB:



Fonte: Elaboração própria (2022)

Em resumo, observamos a formação de subesquemas e microconstruções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) mais emancipadas (ou independentes) associadas a [MóX_{SN}] e [MóX_{SAdj}], cujas características de forma e sentido apontam para emergência de *chunks* independentes, graças ao efeito de frequência delas no PB. Isso porque, por meio do PCGD da memória enriquecida (BYBEE, 2016), já se encontram prontas, automatizadas e disponíveis para serem usadas pelo falante. Na próxima seção, apresentaremos e discutiremos os resultados da análise pancrônica.

4.3 Cruzamento da análise e apresentação dos resultados

A partir de agora, valendo-nos das ocorrências coletadas, faremos o cruzamento dos dados, realizando, assim, a análise pancrônica prevista neste trabalho. Iniciaremos discorrendo sobre a integridade fonética da construção.

Notamos que as reduções de massa fônica já se faziam presentes no galego-português (maior > maor > moor), durante a Idade Média, chegando ao ponto de a forma primária e as reduzidas covariarem. Igualmente, no português do século XX, defrontamo-nos, a partir dos dados, com mais uma redução: ‘mor’. Finalmente, no português do século XXI, travamos contato com o ápice da erosão fonética: ‘mó’. Vale ressaltar que não podemos estabelecer com precisão quando esse desgaste se dá, já que acessamos apenas textos escritos, modalidade na qual as mudanças figuram mais tardiamente. Dito isso, resumimos essa mudança ao longo do tempo no quadro seguinte:

Quadro 15 – Integridade fonética da construção

Língua	Propriedade
Latim	Preservação da integridade fonética no padrão escrito
Galego- português	Reduções fonéticas maior>maor>moor> mor
Português do século XX	Reduções fonéticas moor> mor
Português do século XXI	Reduções fonéticas mor>mó

Fonte: Elaboração própria (2022)

Em se tratando da ordenação do modificador e do modificado na estrutura, observamos a seguinte evolução: apenas no latim, ‘maior’ poderia variar de posição em relação ao X, podendo ficar antes e depois do elemento modificado; já no galego-português e no português dos séculos XX e XXI, a ordenação enrijece de tal modo que ‘maior’, ‘maor’, ‘moor’, ‘mor’ e ‘mó’ figuram apenas antes do X. O quadro abaixo resume o que foi ora exposto:

Quadro 16 – Ordenação dos itens

Língua	Propriedade
Latim	Ordenação flexível
Galego- português	Fixação pré-nominal
Português do século XX	Fixação pré-nominal
Português do século XXI	Fixação pré-nominal

Fonte: Elaboração própria (2022)

Quanto à presença ou ausência de artigos, salientamos que, no latim, eles não se associavam a ‘maior’ justamente por não existirem. Por outro lado, no galego-português, eles se combinavam apenas com ‘maor’, isto é, ‘maior’ e ‘moor’ não apareceram junto a elementos daquela categoria. Finalmente, no português do século XX, ‘mor’ figurou modificado por artigo ao passo que os construtos de [MóX], não. A guisa de síntese, apresentamos essas informações no quadro abaixo:

Quadro 17 – Determinantes

Língua	Propriedade
Latim	Ausência
Galego- português	Presença
Português do século XX	Presença
Português do século XXI	Ausência

Fonte: Elaboração própria (2022)

A respeito da expansão *host class* e das preferências colocacionais da construção [MóX], foi possível confirmar, por meio de análise dos dados, que houve ampliação da classe hospedeira no português do século XXI, uma vez que, comprovadamente, sintagmas adjetivais, adverbiais e verbais não poderiam preencher o *slot X* nem no latim, nem no galego-português nem no português do século XX. De forma similar, a subclassificação do X também foi expandida ao longo do tempo: eram licenciados SN concretos e abstratos no latim e no português do século XX; apenas SN abstratos no galego-português. Já no PB do século XXI, para além de SN concretos e abstratos, foram admitidos também SAdj prototípicos e não prototípicos, SV finitos (presente e pretérito) e não finitos (infinitivo e gerúndio) e SAdv

(tempo, modo e intensidade). A título de síntese sobre as preferências colocacionais, apresentamos o quadro abaixo:

Quadro 18 – Categorias de X

Língua	Propriedade
Latim	SN (concretos e abstratos)
Galego-português	SN (abstratos)
Português do século XX	SN (concretos e abstratos)
Português do século XXI	SN (concretos e abstratos), SAdj (prototípicos e não prototípicos), SAdv (tempo, modo e intensidade) e SV (finitos e não finitos)

Fonte: Elaboração própria (2022)

Quanto ao sentido da construção, notamos que, no latim, ‘maior’ exprimia principalmente um sentido comparativo e secundariamente, intensificativo. Para além desses, havia outros matizes, tais quais o dimensivo, o quantitativo e o superlativo. Já no galego-português, a situação começa a mudar: o sentido intensificador começa a perder espaço nas estruturas com ‘maior’, ‘maor’, ‘moor’. O ápice da mudança ocorre no século XX, quando o valor intensificativo se consolida como primário em ‘mor’, características esta compartilhada por [MóX], o qual manifesta o sentido comparativo por extensão metafórica. Abaixo o quadro demonstrativo:

Quadro 19 – Sentido da construção

Língua	Propriedade
Latim	Comparativo/ intensificador/ dimensivo/ quantitativo/ superlativo
Galego- português	Superlativo/ comparativo /intensificador
Português do século XX	Intensificador /comparativo
Português do século XXI	Intensificador /comparativo*

Fonte: Elaboração própria (2022)

Finalmente, quanto ao contexto situacional comunicativo, observamos que tanto ‘maior’ no latim quanto ‘maior’ ~ ‘maor’ ~ ‘mor’ no galego-português ocorriam em gêneros textuais pertencentes aos registros formais e informais. Já no português do século XX,

acessamos dados com ‘mor’ apenas no registro formal. Finalmente, no PB do século XXI, as instâncias de [Mó X] figuraram exclusivamente no registro informal. O quadro abaixo sintetiza essas considerações:

Quadro 20 – Contexto comunicativo

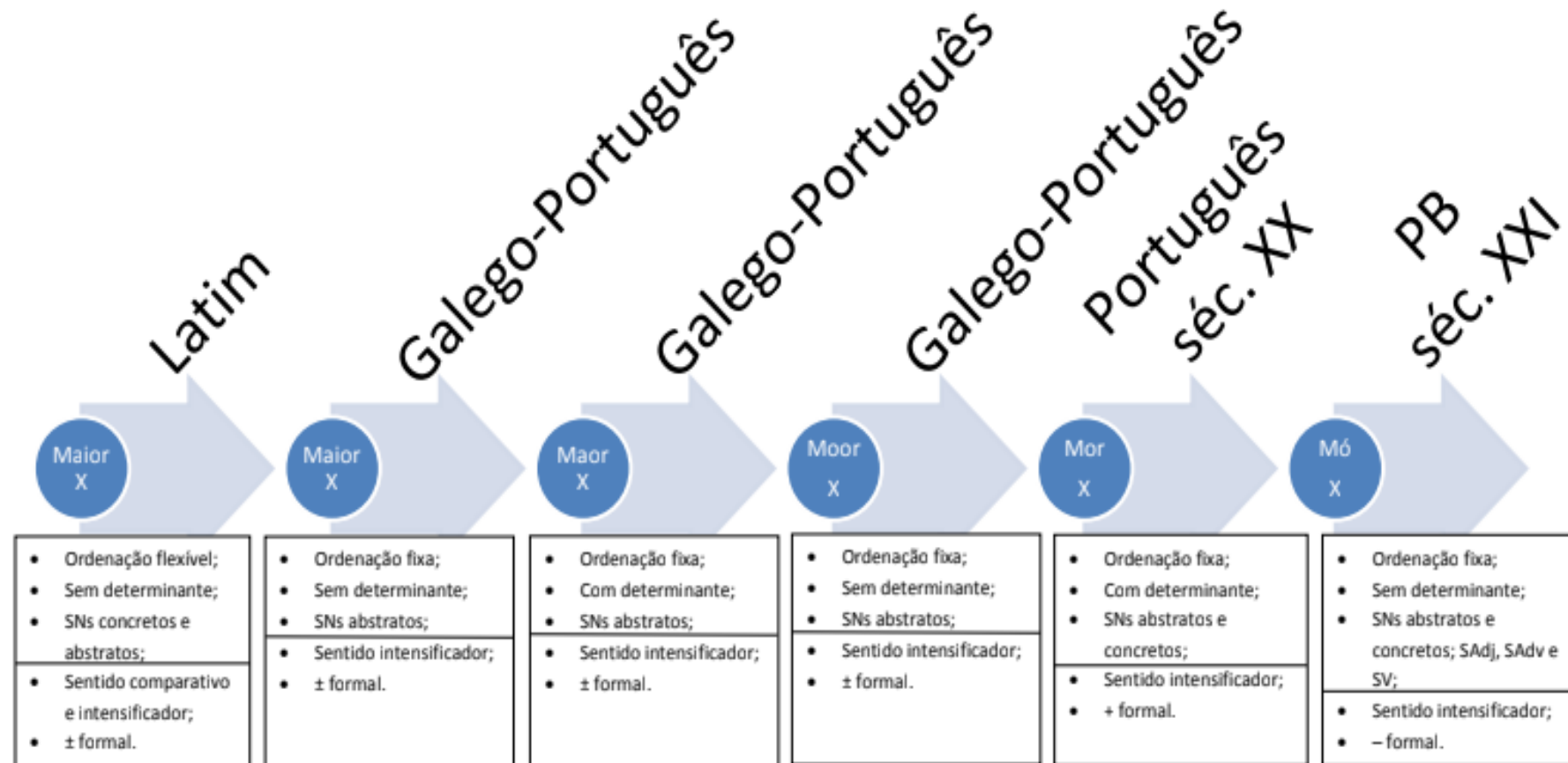
Língua	Propriedade
Latim	±Formal
Galego- português	±Formal
Português do século XX	+ Formal
Português do século XXI	- Formal

Fonte: Elaboração própria (2022)

Para além do registro comunicativo, notamos que a informalidade se torna parte do polo do significado da construção, que passa a veicular tal sentido. Trata-se, pois, de uma propriedade ausente nas estruturas com ‘maior’, ‘maor’, ‘moor’, ‘mor’.

Antes de finalizarmos, por razões didáticas, todos os resultados percorridos ao longo desta seção foram apresentados resumidamente a seguir:

Esquema 6 – A trajetória da construção de [MóX]



Fonte: Elaboração própria (2022)

Diante de todas as modificações ocorridas, concluímos que a Construção de Informalidade e Intensificação [MÓX] se cristalizou por construcionalização, já que, como foi possível comprovar neste trabalho, processaram-se mudanças em ambos os polos. Na próxima seção, sintetizamos os principais resultados obtidos, bem como as conclusões às quais chegamos a partir das análises.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, neste trabalho, uma pesquisa construcionista que investigou e comprovou a emergência, por construcionalização no PB contemporâneo, do que denominamos aqui como Construção de Informalidade e Intensificação [MóX]. Trata-se de uma inovação mais associada à oralidade e à escrita em contextos situacionais de informalidade, nos quais os falantes visam à intensificação e avaliação, sendo manifestada por ocorrências do tipo ‘mó bonito’, ‘mó carrão’, ‘mó entendo’ e ‘mó bem’. Tais informações, a intensificação e a informalidade, são características semântico-pragmáticas convencionalizadas no polo de sentido desse pareamento.

Tal estudo foi embasado pela LFCU, que entende que as alterações linguísticas são efetivadas mediante vários fatores, dentre eles, sociais, comunicativos, cognitivos, estruturais e históricos e que entende que para a aferição dessas mudanças a frequência de ocorrência é fator de suma importância. Tivemos como aporte teórico a Gramática das Construções Baseada no Uso, como modelo de representação cognitiva da gramática. A escolha desse modelo de gramática se justifica, entre outros fatores, por considerar não só o uso real da língua para fins de descrição linguística. Na interface com a mudança linguística, na pesquisa trabalhamos ainda pelo viés teórico da construcionalização.

Para realizar este trabalho, estabelecemos um objetivo geral de pesquisa: analisar diacrônica e sincronicamente, aspectos formais e funcionais de usos com o adjetivo comparativo ‘maior’ (e variantes) e a partícula ‘mó’, a fim de atestarmos a hipótese de que as expressões do tipo ‘MóX’, como ‘mó trabalho’ são instanciações de uma nova construção no PB, a qual chamamos aqui de Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], ou simplesmente construção [MóX]. Para tanto, metodologicamente, valemo-nos de ocorrências empiricamente atestadas em *corpora* diversos, a saber, a plataforma *The Latin Library*, o portal *Universo Cantigas*, o *Corpus do Português* e o *Twitter*, nos quais obtivemos dados do latim, do galego-português, do português do século XX e do PB do século XXI, respectivamente,

A partir daquele objetivo geral, elencamos sete objetivos específicos. O objetivo específico I concerne no mapeamento diacrônico das propriedades de forma e de função/significado de ‘maior’ e variantes – a saber, ‘maor’ ~ ‘moor’ ~ ‘mor’ acompanhado de um item X. Para tanto, estabelecemos e controlamos 6 fatores de análise, conforme o objetivo específico IV, listados abaixo e seguidos de respectivos resultados:

- (a) integridade fonética: constatamos preservação da forma ‘maior’ no latim, mas redução severa de massa fônica no galego-português e no português do século XX (maior > maor > moor > mor);
- (b) ordenação vocabular: observamos certa flexibilidade de ordenação entre modificadores e os elementos por eles modificados no latim e uma fixação pré-nominal no galego-português e no português do século XX da partícula ‘mó’;
- (c) ausência/presença de determinantes antepostos a ‘maior’ (e variantes): verificamos a ausência de determinantes nas expressões com ‘maior’ no latim e sua presença no galego-português e no português do século XX, indicando a formação de um *chunk*;
- (d) tipos de X: averiguamos que o latim e mesmo o português do século XX admitiam como item modificado tanto SN concretos quanto abstratos, ao passo que o galego-português, apenas os do último tipo, o que foi se modificando ao longo do tempo já que outras categorias gramaticais passam a emergir em tal configuração;
- (e) semântica da construção/estruturas com tais modificadores: percebemos que, no latim, predominou o sentido comparativo (com alguns matizes, como superlativo, dimensivo e quantitativo), que gradativamente perde espaço para o valor intensificador que se estabelece no galego-português e atinge o ápice no português do século XX;
- (f) (in)formalidade do contexto comunicativo: notamos que ‘maior’ + X no latim, assim como ‘maior’/‘maor’/‘moor’ + X no galego-português figuram em contexto formais e informais, enquanto que ‘mor’ + X no português do século XX, somente em contextos formais, o que evidencia que a informação pragmática de informalidade está implicada na nova construção formada.

Já o objetivo específico II diz respeito à descrição de forma e função/significado da construção [MÓX] no PB contemporâneo. À luz dos seis fatores de análise supramencionados, chegamos aos seguintes resultados, respectivamente: ápice da redução no padrão escrito (maior > maor > moor > mor>mó); fixação em posição pré-nominal; ausência de determinantes à esquerda da construção e aumento da produtividade do *slot* X, que recruta SN, SAdj, SV e SAdv, como adiantamos acima.

Para além disso, tendo como norte o estudo de Foltran e Nóbrega (2016), no que diz respeito à discussão sobre intensificação, pudemos compreender mais adequadamente a natureza da partícula ‘mó’. De acordo com critérios estabelecidos pelos referidos autores, constatamos que tal elemento apresenta apenas algumas das propriedades de adjetivo intensificador: (i) sentido intensificador; (ii) anteposição ao item modificado; (iii)

modificação de N (inclusive já modificados), Adj, Adv e V; (iv) impossibilidade de coordenação com outros adjetivos intensificadores sem pausa entre eles e (v) ocorrência em sentenças exclamativas. Por outro lado, a partícula apresenta todas as características de um prefixo: (i) figura somente à esquerda; (ii) não é uma base N, ADJ ou V; (iii) tem alta produtividade; (iv) apresenta identidade semântica e funcional; (v) constitui uma estrutura presa. Pela óptica da gramaticalização, o item ‘mó’ corresponderia, de fato, a um prefixo. No entanto, ao assumirmos os princípios da GCBU e da teoria da construcionalização neste estudo, entendemos que a partícula ‘mó’, na verdade, está contida numa construção maior (a construção [MóX]), de tal sorte que ele não existe isoladamente e que, implicados desse conjunto, emergem os sentidos de informalidade e intensificação.

Ainda no objetivo específico II, com base em Marcuschi (2007), conseguimos compreender melhor o conceito de formalidade, propriedade que varia conforme a situação comunicativa, o grau de familiaridade e afeto entre os falantes, a idade, o tema tratado etc. De fato, isso é ratificado pelos dados extraídos do *Twitter*, ambiente estritamente informal que permite um uso menos monitorado da língua e, inclusive, a presença de marcas de oralidade na escrita. Ademais, precisamos considerar que, pela perspectiva da GCBU, tal propriedade discursivo-pragmática está encapsulada no polo do significado da construção [MóX], ou seja, o uso exclusivo da estrutura em registro informal corresponde a um conhecimento linguístico do falante registrado na memória enriquecida.

O objetivo específico III, por sua vez, refere-se à análise pancrônica, isto é, à combinação entre as análises empreendidas em I e II. Como resultado, confirmamos que se processaram um conjunto de mudanças tanto na forma: (i) drástica redução fonética e formação de *chunk* entre ‘mó’ e X; (ii) fixação da ordem pré-nominal de ‘mó’ em relação ao X; (iii) rejeição à anteposição de artigo; (iv) expansão *host class*, pela qual o X se expandiu dos SN (concretos e abstratos), para SAdj (prototípico e não prototípico), SAdv (tempo, modo e intensidade) e SV (presente, pretérito, gerúndio e infinitivo); (v) sobreposição do sentido intensificador sobre os demais (comparativo, superlativo, dimensivo etc.), bem como encapsulamento da informalidade no polo do significado e (vi) especialização no registro informal.

Em seguida, o objetivo específico V se relaciona à função comunicativa da construção [MóX]. Como resultado, à luz de Silva (2008), percebemos que a Construção de Informalidade e Intensificação [MóX] tem sido mobilizada para exprimir a superelevação de uma dada entidade; para reforçar uma intensificação, gerando estruturas com dupla intensificação; para convencer o interlocutor a respeito de uma opinião, ou ainda para

conectar partes de um texto (função endofórica). Em resumo, averiguamos características da construção [MóX] cuja configuração passa de um domínio mais concreto, a experiência corpórea do falante com o mundo, para domínios cada vez mais abstratos (o das trocas discursivas e o textual). Possivelmente, mais uma característica de natureza construcional a ser averiguada com mais profundidade em possíveis estudos futuros.

O objetivo específico VI remete às restrições colocacionais de possíveis subesquemas da construção [MóX]. De fato, como resultado, constatamos a evidências de subesquemas uma predileção sobre características do item X, como a de [MóX_{SN}] por SN concretos (em detrimento dos abstratos) e a de [MóX_{SAdj}] por e SAdj prototípicos (em detrimento dos não prototípicos). No que tange aos subesquemas [MóX_{SAdv}] e [MóX_{SV}], dada a ínfima quantidade de ocorrências obtidas, observamos tendência de preferência colocacional, na medida em que aparentemente o subesquema [MóX_{SAdv}] não admite advérbios de afirmação, negação ou lugar, possivelmente por estes não admitirem gradação, entrando em choque com a semântica da construção, e o subesquema [MóX_{SV}] não aceita o uso de verbos no futuro, já que eles exprimem possibilidade/incerteza o que, mais uma vez, entra em choque com o sentido da estrutura, dessa vez em decorrência de seu sentido assertivo, quando recruta verbos.

Finalmente, o objetivo específico VII concerne ao estudo da representação da construção [MóX] no PB do século XXI, em rede, a partir dos dados oriundos do *Twitter*. Como resultado, além dos pontos supracitados, percebemos que nos níveis mais baixos da rede, há microconstruções do tipo [mó saudade] e [mó legal], associadas a [MóX_{SN}] e [MóX_{SAdj}] e especificados fonologicamente, devido ao seu caráter de alta frequência nos dados. Além disso, tais estruturas se mostram mais emancipadas, de modo que suas características de forma e sentido apontam para formação de *chunks* independentes, novamente, graças à elevada frequência delas no PB. Com isso, tais construções são facilmente acessadas na produção e/ou processamento linguístico, pois já estão prontas, disponíveis e armazenadas em nossa memória enriquecida (BYBEE, 2016).

Na posição intermediária da rede, há 4 subesquemas, como visto: [MóX_{SN}], [MóX_{SAdj}], [MóX_{SV}] e [MóX_{SAdv}], que compartilham algumas propriedades de forma e função/significado entre si, mas que se diferem quanto a certas restrições colocacionais, conforme exposto no objeto específico VI (verbo no futuro, advérbio de afirmação, negação ou lugar), o que evidencia seu caráter de representações emancipadas. Por fim, no topo da rede, na verdade em nível além do escopo da Construção de Informalidade e Intensificação [MóX], aqui observada, encontramos o ESQUEMA DE INTENSIFICAÇÃO, resultante de

generalizações de intensificação, como as do tipo [SuperX], [HiperX] etc e do qual [MóX], faria parte.

Ao cumprirmos o objetivo geral estipulado, o mapeamento da trajetória evolutiva da construção [MóX], a partir de usos de expressões com o adjetivo comparativo ‘maior’ no latim, confirmamos nossa hipótese geral de que tal estrutura é, na verdade, um novo nó na rede construcional do PB do século XXI, por ter sofrido um conjunto de mudanças tanto no polo da forma quanto no do significado/função. Para encerrar, vale ressaltar que este trabalho, assim entendemos, apresenta muitas possibilidades de futuras pesquisas e aprofundamentos sobre os pontos aqui listados e pode contribuir, ainda, para estudos posteriores que tenham interesse em analisar a formação de construções, de informalidade, de intensificação, ou outras, à luz do aporte teórico da construcionalização.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, K. C. *Nec duas vini guttas ou stillas? Tempere com mica ou granum salis? Construções quantificadoras binominais no Latim*. 2021. 203f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BERGE, D. *et al. Ars latina*. Petrópolis: Vozes, 1946.
- BYBEE, J. L. *Morphology. A study of the relation between meaning and form. (Typological Studies in Language)*. Amsterdam: Benjamins, 1985.
- _____. Usage-Based Theory and Exemplar representations of constructions. p. 49 -69. In: Thomas Hoffmann & Graeme Trousdale (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013
- _____. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- _____. *Mudanças linguísticas*. Tradução: Marcos Bagno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA*, São Paulo, v. 14, 1998.
- CEZARIO, M. M.; ALONSO, K.S.B. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. Rio de Janeiro: *Revista SOLETRAS*, UERJ, p. 133-154, n.37, 2019.
- CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- COROMINAS, J. e PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Gredos: Madrid, 1984 (6 tomos).
- CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>. Último acesso em 20 de fevereiro de 2022.
- CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, M. A. F.; BISPO, E.B. e SILVA, J.R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 13-39, 2013.
- DIESSEL, H. *The Grammar Network. How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press. Cambridge University Press, 2019.

ELY, L & SNICHELOTTO, C. A. R. Construções Condicionais do Português Brasileiro Escrito: Uma perspectiva de gramática baseada no uso (*In: Gramática do Uso Working Papers em Linguística*) *Work. Pap. Linguíst.*, 21(1): 102-127, Florianópolis, jan./jul., 2020.

FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC; Departamento Nacional de Educação, 1962.

FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. A. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online) , v. 60, p. 319-340, 2016.

FREITAS JR, R. & CEZARIO, M.M. Linguística Funcional Centrada no Uso e interfaces. *Revista Linguística*, UFRJ, Rio de Janeiro, vol.16, n. 2, p.6-10, mai.- ago. de 2020.

FREITAS JR, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S.; DINIZ, R. S. Mudanças graduais e abruptas: reflexões sobre sinais soletrados e compostos da Libras em uma abordagem construcional baseada no uso. *Revista Linguística*, UFRJ, Rio de Janeiro, vol.16, n.3, p.146-169, set. - dez. 2020.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. J. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 15, n.1, p. 85-111, 1999

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. *In: MARTELOTTA, M. E. Manual da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOLDBERG, A. E. *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (Org.) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2015.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. University of Edinburgh, 2014.

LUCENA, N. L. Processos cognitivos de domínio geral: evidências em instanciações da construção transitiva. *Revista digital Letrônica*, PUCRS v 10, n 2, 567-581. RS, 2017

MARCUSCHI, L.; DIONÍSIO, A.P (orgs). *Fala e escrita*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S.J. & CEZARIO, M. M. O paradigma da construcionalização. *In: _____*. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

- MIRANDA, N. S. Construções gramaticais e metáforas. *Gragoatá*, UFF, v. 1, p. 61-80, 2009.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. v. 1. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, p. 20 - 41, 2016.
- PINKSTER, H. *The Oxford Latin Syntax, Volume I: The Simple Clause*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- PINTO, D.C.M; ALONSO, K.S.B.; CEZARIO, M.M. Trajetórias: Mário Martelotta e os Estudos em Gramaticalização. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 41-58, 2013.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. São Paulo. Alfa, 60, p. 233-259, 2016.
- SANTOS, A. V. dos e SIMÕES NETO, N. A. O esquema construcional [[X]N-[mor]A] N na história da língua portuguesa. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 125-140, jan-abr de 2020.
- SILVA, J. R. A intensificação numa perspectiva funcional. *Revista Odisséia*, v. 1, p. 1-18, 2008.
- THE LATIN LIBRARY. Disponível em <http://thelatinlibrary.com>. Último acesso em 20 de out. de 2021.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e Mudanças construcionais*. Tradução: Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- _____. *Construcionalization and Constructional Changes*. Oxford: University Press, 2013.
- TWITTER. Disponível em <https://twitter.com/home?lang=pt>. Último acesso em 20 de out. de 2021.
- UNIVERSO CANTIGAS. Disponível em <https://universocantigas.gal>. Último acesso em 20 de out. de 2021.
- WIEDEMER, M. L. & OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. *Revista Soletras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN Faculdade de Formação de Professores da UERJ* Número 37, jan.-jun. 2019